

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TEODORO SAMPAIO:

SUA VIDA E SUA OBRA

por

Arnaldo do Rosário Lima

T/1 FBA 920 1.732

Autor: Lima, Arnaldo do Rosário
Título: Teodoro Sampaio : sua vida



1070761
183919

LEVADOR/NOV./1981

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

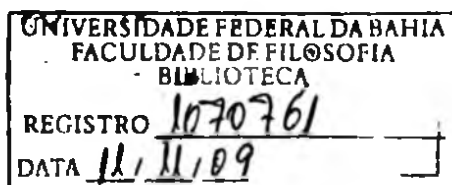
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TEODORO SAMPAIO:

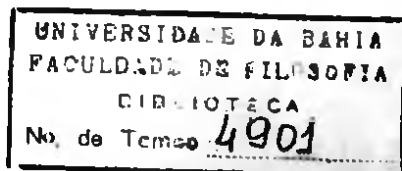
SUA VIDA E SUA OBRA

por

Arnaldo do Rosário Lima



Salvador/nov./1981



L 732 t. Lima, Arnaldo do Rosário Lima, 1952 -
Teodoro Sampaio : sua vida e sua obra/
Arnaldo do Rosário Lima - Salvador :
UFBa. - 1981.

146 p. datilografadas.

Tese (mestrado) UFBa.

Anexos.

1. Sampaio, Teodoro - vida e obra. I.

Universidade Federal da Bahia. I. Título

CDD - 920

CDU - 92.93

Índice para Catálogo Sistemático

1. Sampaio, Teodoro - vida e obra 92.93

AGRADECIMENTOS

Ao darmos por concluída esta monografia, são muitos os credores do nosso reconhecimento.

Assim, à porporção que lamos desenvolvendo o nosso trabalho, acresceram o número de tantos quanto, direta ou indiretamente, nos ajudaram a cumprir o nosso objetivo.

Primeiramente, desejamos manifestar o nosso penhor aos estimados familiares da Bahia e do Rio de Janeiro, aos quais creditamos a inestimável ajuda e indispensável incentivo.

Em seguida, dirigimos o nosso agradecimento ao professor Luis Henrique Dias Tavares pela sugestão do tema e o estímulo que nos imprimiu desde a realização do curso de graduação em História.

Ao professor Cid Teixeira, profundo conhecedor da vida de Teodoro Sampaio, por nos ter acolhido como seu orientando.

À professora Kátia M. de Queirós Mattoso, mestra e amiga, a quem devemos tantos incentivos.

Ao professor Antenor Teixeira, por nos ter fornecido documentos de grande valia.

Ao Dr. José Gabriel da Costa Pinto, inexcédível em sua disponibilidade a tantos quanto se vale da sua eficiente orientação no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Ao Sr. José Leonídio de Sena, funcionário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, por nos ter facilitado o acesso ao arquivo Teodoro Sampaio, pertencente àquela conceituada instituição.

As digníssimas famílias Nonato e Camandaroba, pelo que contribuíram, generosamente, para as nossas pesquisas, em São Paulo.

À direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Fe-

deral da Bahia e aos funcionários da Biblioteca Frederico Edelweiss, por nos terem ajudado na pesquisa bibliográfica e pelo acesso a fontes inéditas de Teodoro Sampaio.

Incorreriamos em grave falta se deixássemos de mencionar a prestimosa e valiosíssima colaboração da bibliotecária do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, D. Maria Augusta Mascarenhas Cardoso.

Ao professor Raul Sã, mestre de tantas gerações, nosso penhor pela revisão da redação final deste estudo.

Finalmente, por inteiramente justo, cabe aqui um registro àqueles que embora declinado da citação de seus nomes neste agradecimento, em muito contribuíram para a sua realização.

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
1. INTRODUÇÃO.....	5
2. TEODORO SAMPAIO: SUA VIDA E SUA OBRA	
2.1 - <u>Origens</u>	8
2.2 - <u>A juventude</u>	17
2.3 - <u>O engenheiro</u>	24
2.4 - <u>A trajetória intelectual</u>	32
2.5 - <u>A obra</u>	38
2.6 - <u>Teodoro na intimidade</u>	49
2.7 - <u>Teodoro e a questão racial</u>	56
3. CRONOLOGIA DA VIDA DE TEODORO SAMPAIO.....	63
4. CRONOLOGIA DA OBRA DE TEODORO SAMPAIO.....	66
5. BIBLIOGRAFIA DE TEODORO SAMPAIO.....	72
5.1 - <u>Artigos em jornais</u>	72
5.2 - <u>Artigos em revistas</u>	73
5.3 - <u>Livros e folhetos</u>	77
5.4 - <u>Manuscritos</u>	78
5.4.1 - <u>Cartas</u>	78
5.4.2 - <u>Outros documentos</u>	79
6. LOCALIZAÇÃO DAS OBRAS DE TEODORO SAMPAIO	
6.1 - <u>Academia Brasileira de Letras</u>	84
6.2 - <u>Arquivo do jornal "Estado de São Paulo"</u>	84
6.3 - <u>Biblioteca Nacional</u>	84
6.4 - <u>Centro de Estudos Baianos</u>	84
6.5 - <u>Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo</u>	84
6.6 - <u>Instituto Geográfico e Histórico da Bahia</u>	84
6.7 - <u>Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro</u>	84
6.8 - <u>Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo</u>	84
7. CONCLUSÃO.....	85
8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	86

9. ANEXOS

9.1 - <u>Nota autobiográfica</u>	88
9.2 - <u>Momentos de impaciência</u>	90
9.3 - <u>Pensamentos</u>	93
9.4 - <u>Histórico escolar de Teodoro Sampaio</u>	105
9.5 - <u>Relação dos formandos em Engenharia Civil no ano le- tivo de 1876</u>	116
9.6 - <u>Carta de Fabrício Dutra para Teodoro Sampaio</u>	118
9.7 - <u>Carta de Teodoro Sampaio ao Dr.Francisco Borja Man- dacarú</u>	120
9.8 - <u>Carta ao Dr. Luiz Anselmo da Fonsêca</u>	122
9.9 - <u>Cartas de Teodoro Sampaio para Max Fleiuss</u>	134
9.10- <u>Carta de Teodoro Sampaio ao Dr. José Pinho</u>	141
9.11- <u>Carta de Teodoro Sampaio a Otávio Mangabeira</u>	142
9.12- <u>Carta do Dr.José Gabriel da Costa Pinto para Arnaldo do Rosário Lima</u>	145

RESUMO

A presente dissertação propõe-se a analisar a vida e a obra de Teodoro Sampaio, constituindo-se no primeiro trabalho global sobre o tema.

Assim, esta monografia reporta-se desde o nascimento do ilustre baiano, ocorrido no dia 7 de janeiro de 1855, numa das dependências da Capela do Engenho Canabrava, na Freguesia de Nossa Senhora da Ajuda de Bom Jardim, situada no então município de Santo Amaro da Purificação, Estado da Bahia.

Aqui se provou, em definitivo, ter sido seu pai o padre Manoel Fernandes Sampaio, com quem Teodoro Sampaio seguiria, aos nove anos de idade, para a cidade do Rio de Janeiro, internando-se no Colégio São Salvador.

Também neste estudo, analisamos a juventude e mocidade acadêmica do ilustre baiano, além de tratarmos do seu desempenho como engenheiro e da sua produção intelectual, consubstanciada através dos seus importantes livros nos campos da Tupinologia, Geografia e História.

Igualmente, avaliamos a figura humana de Teodoro Sampaio que, apesar de ter ascendido socialmente e ter desfrutado de grande prestígio nacional, jamais se esqueceu de sua origem humilde. Afora isso, assumiu atitude dignificante ao comprar a alfornha de seus irmãos de sangue.

Durante a nossa exposição, formulamos duas indagações, e, tentamos respondê-las ao longo da nossa análise.

A primeira parte delas diz respeito à vida social de Teodoro Sampaio, a segunda refere-se a importância de sua obra.

ABSTRACT

The intention of this thesis is an investigation and analysis of the life and intellectual production of Teodoro Sampaio, a descendent of Slaves.

Teodoro Sampaio was born on January 7, 1855 on the vast sugar plantation of Canabrava (Engenho Canabrava) in Santo Amaro da Purificação, Bahia.

His mother, Domingas was a slave of Manoel Lopes da Costa Pinto, Visconde de Aramaré, owner of Canabrava sugar plantation.

The father of Teodoro Sampaio was a priest named Manoel Fernandes Sampaio who worked in church on Canabrava plantation.

Upon completing nine years of age, Manoel Fernandes Sampaio took his son, Teodoro from Bahia to Rio de Janeiro in order to continue studies there. Teodoro Sampaio consequently became a prominent engineer. His most important achievement was his work in São Paulo as director of the water and sewer service from 1898 to 1903.

He published numerous volumes on indigenous studies, Geography and history.

In approximately 1878 to 1884, Teodoro Sampaio bought the freedom of his brothers.

This thesis deals with two fundamental questions concerning the life and works of Teodoro Sampaio. The first concern was an investigation of the dynamics of his social life and impact of Teodoro Sampaio's publications on Tupinology, regional geography and Brazilian historiography was dealt with.

INTRODUÇÃO

Na presente dissertação é nosso objetivo estudar a vida e obra de Teodoro Sampaio.

A escolha do tema derivou da sugestão que nos foi dada pelo professor Luis Henrique Dias Tavares, quando ainda cursávamos a graduação do curso de História. Não haviâmos, até então, atentado para a sua relevância. O nosso interesse surgiu a partir do momento em que, já cursando o Mestrado, líamos pequenas monografias sobre o assunto. Julgamo-las pouco esclarecedoras, pois jamais houvera por parte dos estudiosos, a preocupação em situar sua vida e sua obra no tempo e no espaço, a fim de compreenderem-se como se processou a sua vida social, ele que era negro, e, descendente de escravos pelo lado materno.

Outro fato que nos chamou a atenção foi uma referência de Gilberto Freyre quando se comemorou o centenário de Teodoro Sampaio em 1988. Assim se expressa o renomado sociólogo: "É pena que o centenário de Teodoro Sampaio não tenha inspirado a nenhum estudioso de coisas nacionais um estudo sério e sistemático dessa quase esquecida figura de brasileiro da Bahia, em parte absorvido por São Paulo e Rio. Um estudo que o situasse em nossa história intelectual, senão a base de seus bons trabalhos publicados, em virtude de sua condição de "eminência parda" de Euclides da Cunha" (1).

Destarte, procuramos desenvolver ao longo desta dissertação a análise em torno de dois aspectos: O primeiro deles, refere-se à vida social de Teodoro Sampaio. O segundo, à sua produção intelectual. Interessa-nos avaliar que importância assume sua obra nos campos da tupinologia, da geografia e da historiografia brasileira.

Em face da amplitude e diversidade dos referidos estudos decidimos analisar, exclusivamente, suas obras mais conhecidas, ou sejam: "O Tupi na Geografia Nacional", "O Rio São Francisco e

a Chapada Diamantina" e a "História da Fundação da Cidade do Salvador", esta última, publicação póstuma.

Optamos por proceder à divisão esquemática do trabalho em duas partes. A primeira é composta de sete capítulos. A segunda, engloba as cronologias da vida e obra do autor, bem assim, a bibliografia sobre o assunto, no entanto, malgrado o esforço que dispendemos em reuni-las o mais amplamente possível, pareceu-nos incompletas.

Cumpramos assinalar que, objetivando acrescer de novas informações e, visando a elaboração de uma abordagem original sobre o tema decidimos empreender as pesquisas em todas as instituições nacionais nas quais existem referências sobre o nosso biografado.

Assim, incursionamos pelos Arquivo Público do Estado da Bahia, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Arquivo da Arquidiocese do Salvador e outras entidades culturais.

Concluída a sondagem na Bahia, viajamos para o Rio de Janeiro local onde Teodoro Sampaio viveu parte de sua infância, até a sua juventude. Investigamos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Biblioteca Nacional, Arquivo Nacional, Museu Nacional, Academia Brasileira de Letras e Escola de Engenharia.

Em seguida, partimos para São Paulo. Naquela cidade, Teodoro Sampaio desempenhou a função de engenheiro durante 17 anos. Em vista disto, buscamos informações nos Arquivos Público e Municipal, Biblioteca Municipal, Instituto Histórico e Geográfico, Museu do Ipiranga e Arquidiocese de São Paulo.

É verdade que, em certas instituições nossas buscas foram infrutíferas, fato que não invalida o nosso intento de, pela primeira vez no país, tentar desenvolver um estudo sistemático sobre a vida e a obra do grande polígrafo baiano.

Por outro lado, estamos ciente de que apenas começamos a desenvolver o fascinante tema, consolando-nos a ideia de que contribuimos, ainda que modestamente, para o esclarecimento de alguns pontos controversos daquela extraordinária existência.

NOTA

01 - FREYRE, Gilberto. O centenário de Teodoro Sampaio. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia, 79 : 10, 1955.

2. TEODORO SAMPAIO: SUA VIDA E SUA OBRA

CAPÍTULO I

2.1 Origens.

A partir dos meados do século passado, o sul cafeeiro assumia a dianteira do progresso na sociedade brasileira, enquanto o nordeste começava a sofrer, com mais intensidade, os sinais de decadência, resultante das crises seculares que o assolavam.

Remontando ao passado colonial, identifica-se que as raízes da decadência haviam surgido no século XVII naquele período quando as secas periódicas, as epidemias e as invasões holandesas deixaram suas marcas devastadoras na área nordestina, ocasionando o enfraquecimento da economia, e conseqüente empobrecimento dos senhores de engenhos a toda a população (1). Além das referidas crises internas, acrescenta-se um fator de ordem externa. A concorrência do açúcar antilhano no mercado internacional, contribuindo para a redução da demanda do açúcar produzido no Brasil.

No século XVIII, ocorrem por vezes alguns surtos de prosperidade, em decorrência de fatores externos. Citem-se a guerra de independência dos E.U.A. e as insurreições dos escravos no Haiti, acontecimentos que influenciaram bastante para o crescimento da produção agrícola brasileira, beneficiada com a desorganização daquelas economias e conseqüente ampliação do seu mercado externo. Por outro lado, a área nordestina se ressentia da decadência provocada pelo crescimento da economia aurífera, a partir do início do século XVIII. A mineração provocara a escassez de mão de obra no nordeste, em decorrência da migração dos escravos para a região centro-sul, e, subseqüente valorização do seu preço, dificultando, assim, a sua aquisição por parte dos senhores de engenho.

Como nos referimos anteriormente, o século XIX, nos seus meados, trazia muitas inovações.

A partir de 1850, o país passava por mudanças estruturais em decorrência da própria necessidade de ajustar-se ao capitalismo industrial, já na sua segunda fase.

A extinção oficial do tráfico de escravos, fato que não impediu o seu comércio ilícito por muito tempo, foi um dos primeiros golpes no sistema escravista. Esse acontecimento resultou numa redução sensível daquela mão de obra, que, semelhante ao século anterior, dessa vez, afluía em massa para a região sul. Nessa mesma região, houve um aumento da mão de obra assalariada, mediante a inserção do imigrante europeu no mercado de trabalho.

Essas medidas tiveram um efeito imediato. A liberação de capitais, dantes investidas no comércio de escravos, que foram aplicados na modernização de algumas zonas do país, através da construção de rodovias, estradas de ferro, e na implantação de fábricas e indústrias.

Em 1854 é "que começa a tráfegar a primeira estrada de ferro brasileira, do porto Mauá a Frágoso (trecho final da Leopoldina Railway). No ano seguinte, inicia-se a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II (Central do Brasil)". (2)

Também nesse período, na região nordeste, e em particular, na província da Bahia, apesar das crises econômicas, políticas e epidêmicas, ocorriam melhoramentos na cidade e no campo, principalmente na zona do Recôncavo.

Na cidade do Salvador, na sua zona principal, pavimentaram-se as principais artérias, do Comércio até a calçada do Bonfim. "Na cidade alta, nivela-se o Sodré e a Ladeira de Santa Teresa. É feito o nivelamento do Campo Grande. Concluem-se também as obras do arco sobre a rua da Vala que comunica o Largo de Nazaré com o do Barbalho ao mesmo tempo que inicia-se a macadamização da rua da Vala que se torna assim uma das principais artérias da cidade" (3).

No seu livro sobre "O Engenho Central de Bom Jardim na Economia Baiana", Pang evidencia as transformações que se opera-

vam no Recôncavo ao escrever que "durante a segunda metade do século, a exportação agrícola achava-se numa encruzilhada, quando então, as coisas começaram a mudar. Muitos proprietários rurais políticos, motivados pela absoluta necessidade de medidas reparadoras, em decorrência da decadência da agricultura da província, começaram a recorrer aos recursos governamentais para uma reforma agrária" (4).

Como fruto dessas mudanças, fundou-se, em 1859, o Imperial Instituto Baiano de Agricultura.

Pang escreve que apesar daquela Instituição não ter obtido o êxito esperado, desempenhou papel relevante na modernização da agricultura baiana (5).

É importante ressaltar a influência da família Costa Pinto na fundação daquele Instituto, que teve, na sua presidência, uma dos seus membros, Antônio da Costa Pinto.

Outro grande empreendimento na época foi a criação da Companhia de Estrada de Ferro de Santo Amaro, também fundada pela iniciativa da família Costa Pinto e outros interessados. Apesar disto, "os proprietários, em geral, e os de estabelecimentos açucareiros, em particular, não eram favoráveis à construção de estradas e ferrovias" (6). Todavia, eram necessárias aquelas mudanças, pois, alguns proprietários de terras, estavam empenhados em dinamizar a agricultura canavieira através de novos implementos.

Foi nesse contexto que nasceu, aos 07 dias do mês de janeiro de 1855, nas dependências da Capela do Engenho Canabrava, Freguesia de N. S. da Ajuda de Bom Jardim, Teodoro, filho natural de Domingas, escrava de Manoel Lopes da Costa Pinto, proprietário do referido engenho.

Nas dependências da Capela, moravam o padre Manoel Fernandes Sampaio e a escrava Domingas. "Ela era preta, mulher de notável beleza na sua raça" (7). Pouco sabemos sobre a sua ascen-

dência. A mãe era africana da nação Gêge, que, chegando ao Brasil, foi batizada com o prenome de Raimunda.

A descendência de Domingas foi bastante fecunda, uma vez que procriou nove filhos, sendo quatro homens e cinco mulheres, dos quais três morreram muito jovens (8). Clotilde foi a única irmã de Teodoro pelos lado paterno e materno. Casou-se com Miguel Estácio Muniz, e teve vinte e dois filhos (9).

Quanto à sua origem paterna, ainda existem dúvidas, pois Teodoro não teve consignado no registro de batismo o nome do pai, fato que era comum na época, em se tratando, de filhos ilegítimos.

Ao dissertarmos sobre aquela questão, valemo-nos do seu próprio testemunho, dos depoimentos de contemporâneos e documentos, por nós, pesquisados em arquivos.

Em nota autobiográfica, escrevia. "Nasci sob os tetos sagrados da Capela de Canabrava, engenho que então era de propriedade de notável agricultor, Chefe de importante família dos Costa Pinto do Recôncavo de Santo Amaro" (10).

Como nos referimos anteriormente, os Costa Pinto possuíam grande influência na Sociedade local, e foi precisamente nesse ambiente, que nasceu e permaneceu por alguns anos aquele menino que se tornaria mais tarde em exemplo típico do negro que, nascendo de ventre escravo, conseguiu ascender socialmente, galgando posição de destaque na inteligência brasileira.

Sobre a sua ascendência assim se pronuncia o próprio Teodoro: "Nasci de pais modestos. O meu progenitor era branco, homem culto de família de lavradores, senhores de engenho no recôncavo de Santo Amaro" (11).

O historiador Alberto Silva, em palestra proferida no Centro Cultural Teodoro Sampaio, fez uma transcrição de esboço escrito pelo homenageado, no qual afirma ser descendente dos Sampaio: "Os Sampaio de Ituaçu no recôncavo da Bahia são o tron-

co donde procedo. São antigos proprietários de terras da Freguesia do Pedrão, onde possuíam o engenho Bury e terras na Fazenda Ituaçu. Não se sabe em que época vieram os meus avós de Portugal. Presume-se que um deles tenha vindo para o Brasil em 1625. Era Antônio de São Payo, filho de Manoel de São Payo, senhor de Vila Flôr, Trás-os-Montes, o qual veio para o Brasil em 1625 na armada que veio recuperar a Bahia dos holandeses. Verificando a pag. 99 da Guerra Brasílica de Brito Freyre, lá está na Capitania de São João do General Manuel Meceis o seguinte: Antonio de Sampaio, filho de Manoel Sampaio, senhor de Vila Flor. Esses Sampaio de Ituaçu eram tipos avantajados, alourados, muito vermelhos. Assim eram os que pessoalmente conheci: O padre Manuel Fernades Sampaio, João Fernandes Sampaio e Manuel Fernandes Sampaio, todos falecidos" (12).

Existem três versões muito divulgadas sobre a origem do nosso perfilado. A primeira diz que Teodoro Sampaio era filho de Manoel Fernades Sampaio, sacerdote, residente nas dependências da Capela do engenho Canabrava. A escrava Domingas servia-lhe de cozinheira e lavadeira. O seu aspecto físico devia ser exuberante e o padre sentiu-se atraído pela jovem nascendo, dessa união, Teodoro.

A forte ligação afetiva, que unia o padre Sampaio ao filho, levou-o a assumir a paternidade.

Aos dois anos de idade, Teodoro Sampaio foi entregue a D. Inês Leopoldina do Carmo, que o criou até os nove anos. Ao completar essa idade, foi levado pelo pai para a cidade do Rio de Janeiro, onde foi internado no Colégio São Salvador, dirigido na época pelo Monsenhor José Joaquim da Fonseca Lima.

Outra versão corrente afirma que Teodoro Sampaio era filho de Manoel Lopes da Costa Pinto, Visconde de Aramarê. Essa suposição decorre da amizade profunda e dos caracteres antropológicos semelhantes entre ambos. A estrutura avantajada, os traços fisionômicos e os próprios gostos no comer e no vestir denotavam a afinidade existente entre Teodoro e o Visconde.

Uma suposição, surgida no seio da família Costa Pinto e entre os descendentes de Teodoro Sampaio, apresentam-no como filho de Francisco Antônio da Costa Pinto.

Confirmando essa hipótese, Pang escreve que "conforme firme tradição local e familiar, mansa e pacífica, foi o seu filho o eminente engenheiro, Teodoro Sampaio (1855-1937), que embora sem jamais exprimi-la publicamente, dela manifestou indícios" (13).

Partindo para análise das versões supracitadas, esta última nos provoca algumas indagações:

Sendo Francisco Antônio da Costa Pinto considerado o suposto pai de Teodoro Sampaio, por que não o auxiliara na sua educação, fato que era comum na época, em se tratando dos pais que tinham filhos naturais? Tendo feito testamento, por que não o contemplou com algum bem e não o declarou como seu filho?

Sendo assim, podemos concluir que a sua omissão no processo da formação humana de Teodoro Sampaio afasta qualquer possibilidade de sua possível paternidade.

A segunda versão, também, carece de maior fundamento, pois Manoel Lopes da Costa Pinto, tinha filhos naturais e, apesar de não reconhecê-los legalmente, nunca negou a paternidade. A semelhança física e a amizade profunda que os unia, ao nosso ver, não são suficientes para comprová-la.

Quanto à primeira, as questões levantadas em torno levam-nos a concluir que Teodoro Sampaio era filho de Padre Manoel Fernandes Sampaio.

Vale recordar que o caso Teodoro Sampaio não se constitui num fato isolado, pois são muitos os casos de filhos naturais, ' nascidos da união de pais sacerdotes com mães escravas.

Reforçando essa tese, cite-se Gilberto Freyre, quando afirma no seu livro "Casa Grande e Senzala" que "talvez em nenhum

país católico tenham até hoje os filhos ilegítimos, particularmente os de padre, recebido tratamento tão doce; ou crescido em circunstâncias tão favoráveis" (14). Ainda hoje - prossegue o autor - "filhos e netos de padre se salientam na política, nas letras e na diplomacia" (15). De maneira implícita, ainda é este eminente sociólogo que cita, como exemplo, um notável romancista do Império, provavelmente o cearense José de Alencar, um jurisconsulto da República e um ilustre higienista dos começos deste século que julgamos ter sido o próprio Teodoro Sampaio.

NOTAS

- 01 - PINHO, Wanderley de Araujo. História de Um Engenho do Recôncavo. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1946 p.73-83.
- 02 - PRADO JUNIOR, Caio. Evolução Política do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1975, p.83.
- 03 - MATTOSO, Kátia M. de Queirós. Bahia: A Cidade Do Salvador e Seu Mercado No Século XIX. São Paulo, Hucitec; Salvador, Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978. (Estudos Brasileiros, 92) p.181.
- 04 - PANG, Eul-SOO. O Engenho Central do Bom Jardim Na Economia Baiana. Alguns Aspectos De Sua História. 1875-1891. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional Inst. Hist. e Geográfico Brasileiro, 1979, p.30.
- 05 - Idem, p.35
- 06 - Ibidem, p.39
- 07 - PIERSON, Donald. Branços e Pretos na Bahia. São Paulo, Nacional, 1971, p.375.
- 08 - CUNHA, Arnaldo Pimenta da. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia, 69: p.102.
- 09 - Idem, p.102
- 10 - Consulte-se a seção dos manuscritos de Teodoro Sampaio no Inst. Geo. Hist. Bahia, Doc. nº 58.
- 11 - PIERSON, Donald. Ob. cit. p.375
- 12 - SILVA, Alberto Teodoro Sampaio. Espírito Orientando e Orientador. Rev. Cent. Cult. Teodoro Sampaio, 1 p.7 1949.

13 - PANG, Eul-SOO. Ob. cit. p.30

14 - FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro,
José Olympio, 1958. p.619

CAPÍTULO II

2.2 A JUVENTUDE

I - A vida Acadêmica

A quase inexistência de informações sobre a juventude de Teodoro Sampaio nos levou a concentrar a abordagem em torno de sua vida acadêmica.

Para tanto, formulamos apenas duas questões:

- 1) Quais os cursos de ensino superior existentes na época?
- 2) Por que Teodoro Sampaio escolheu a carreira de engenharia?

Eram poucas as alternativas para os candidatos às escolas de nível Superior. As faculdades de Direito do Recife e de São Paulo, de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro. Alguns jovens abastados eram encaminhados pelos pais a Coimbra, onde estudavam Direito; outros iam para a França estudar Medicina.

A faculdade de Direito do Recife era o centro renovador da cultura nacional. Para lá se dirigiram jovens de várias províncias do Império. Tobias Barreto, jovem Sergipano, foi um dos mais talentosos da famosa Escola do Recife que, influenciada pelos valores da cultura alemã, marcou a formação de várias gerações, inclusive a do próprio Tobias, que se tornou um dos representantes máximos daquela cultura.

Cruz Costa assim escreve sobre a Escola de Recife: "É certamente a parte mais fulgurante na renovação intelectual do Brasil no século XIX" (1). Acentua que "esta renovação cobria o país todo, que atingira nessa época uma das mais prósperas fases de sua vida econômica" (2).

Em São Paulo, província que cada vez mais se industrializava, a faculdade de Direito preparava as futuras elites dirigen

tes formadas, principalmente, pelos bacharêis.

Na Bahia, a faculdade de Medicina se constituía não apenas num estabelecimento formador de futuros médicos e cientistas, mas num local em que as questões sociais e filosóficas eram tratadas entusiasticamente. Hajam vistos os temas das teses defendidas pelos doutorandos, as quais podem servir para estudos da História da mentalidade vigente na época.

No Rio de Janeiro, a escola Central preparava os futuros bacharêis em Ciências Físicas e Matemática, e os engenheiros militares.

Num país em que a tendência para os estudos humanísticos prevalecia, a escola Central desempenhou um grande papel, oferecendo aos jovens outra opção no campo do trabalho. Em realidade, precisávamos de mão de obra a nível técnico, a fim de suprir as necessidades do país, que se modernizava, através da criação de ferrovias e estradas de rodagens.

Como afirmamos anteriormente era um modo de nos ajustarmos ao capitalismo industrial em expansão.

Quanto à segunda questão, torna-se bastante difícil responder a ela, pois Teodoro Sampaio não deixou nenhum indício sobre o porquê da sua opção à engenharia. Entretanto, podemos levantar a hipótese de que o processo de modernização vigente em algumas zonas do país, na época, abria um relativo campo de trabalho no Setor das técnicas, e Teodoro Sampaio, percebendo esta realidade, optou por aquela carreira profissional.

Sobre a Escola Central, ainda nos alongaremos, a fim de situarmos a sua gênese, e a presença de Teodoro Sampaio como estudante.

"Depois das reformas de 1845, 1846, 1848, 1855 e 1858, os institutos existentes, isto é, a Escola Militar e Aplicação e a Escola Preparatória do Rio Grande do Sul, reformadas, passaram a

constituir a Escola Central, a Escola Militar e de Aplicação e a Escola preparatória do Rio Grande do Sul. A Escola Central, cujo brilho não pode ser esquecido, ficou destinada ao ensino das Matemáticas, das Ciências Físicas e Naturais e das disciplinas próprias da engenharia civil, embora continuassem os militares a fazer nela uma parte de seu curso, pelo que a manteve subordinada ao Ministério da Guerra. Acentuava-se, porém, a convenção, de que era necessária a separação dos cursos militares e civis, já esboçada nas reformas de 1860 e de 1863, mas levada a efeito no glorioso ministério, a que presidiu o grande brasileiro José Maria da Silva Paranhos, o Visconde de Rio Branco, sendo Ministro do Império, o Conselheiro Oliveira Junqueira. Na verdade foi em 1873, pela lei 2261 de 24 de maio, que ficou o governo autorizado a realizar a reforma de que nasceu a Escola Politécnica" (3).

No mês de novembro de 1869, Teodoro Sampaio iniciou os estudos preparatórios para ingressar na Escola Central. Na média final foi "habilitado com o grau 5" (4).

Aos dezessete anos, em dezembro de 1871, Teodoro Sampaio entrava para a Escola Central. O aluno era obrigado a estudar, durante os três primeiros anos, disciplinas comuns a outros cursos da área de Ciências Físicas e Matemática, tornando-se depois habilitado a cursar o 1º, 2º e 3º anos de engenharia civil.

O seu histórico escolar nos revela a sua preparação intelectual acima da média, principalmente no 2º ciclo que era específico da área de engenharia.

"Notas científicas de Teodoro Fernandes Sampaio, habilitado com o grau 5 nos preparatórios gerais para a matrícula do 1º ano em 1872.

	Aula primeira	Plenamente grau 6	
1º ano	Desenho	Plenamente grau 9	1872
	Exercícios práticos	habilitado " 9	

2º ano	Aula primeira	Simplesmente grau	5	Janeiro
	Física	Plenamente	" 6	
	Desenho	Plenamente	" 9	
	Exercícios práticos	Habilitado	" 10	
3º ano	Aula primeira	Plenamente	" 6	Dez 1874
	Química	Simplesmente	" 4	
	Desenho	Distinção	" 10	
	Exercícios práticos	Habilitado	" 10	

Aprovado em noções de Mineralogia, Botânica e Zoologia em Fevereiro de 1875.

1º ano de Eng.Civil	1ª cadeira	Plenamente grau	7	1875
	2ª " "	Plenamente	" 8	
	Aula	Plenamente	" 8	
	Exercícios práticos	Habilitado	" 10	
2º ano	1ª cadeira	Plenamente	" 9	1876
	2ª cadeira	Plenamente	" 9	
	Aula	Plenamente	" 8	
	Exercícios práticos da 1ª cadeira	Habilitado	" 9	
	Idem da 2ª cadeira	Habilitado	" 9	
	1ª cadeira	Plenamente	" 9	
	2ª cadeira	Plenamente	" 9	
	Aula	Plenamente	" 8	" (5).
	Exercícios práticos	Habilitado	" 9	

Os dados anteriormente citados nos deixam concluir que, nos três anos de curso básico, suas notas oscilaram entre 4 e 10. Na etapa final do curso, sua média situou-se entre 7 e 10. Também fica evidenciado o seu bom aproveitamento em Desenho, matéria na qual demonstrou grande habilidade, como provam os seus mapas e as paisagens sertanejas que reproduzia com grande precisão.

Encontramos referências esparsas sobre os seus colegas e professores. Muitos daqueles tornaram-se figuras eminentes na

política e nas letras. Citem-se Américo Werneck, Olegário Dias Maciel, José Rebouças, Demétrio Ribeiro, Alfredo de Paula Freitas e outros.

Discursando no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, evocou a sua passagem pela Escola Politécnica: "Recordo-me ainda com amor e saudades, daqueles tempos da juventude em que empolgados os da minha idade pela importância dos sucessos, corriamos da Politécnica para uma sessão do legislativo, trocando uma aula de Física por outra de oratória parlamentar" (6).

Referindo-se aos professores, escrevia em outra nota. "Tive aí entre os meus mestres, homens de ciências e intelectuais dos mais eminentes dessa época no Brasil. Eram eles, Manuel da Cunha Galvão, Américo Monteiro de Barros, João Eugênio de Lossie e Seylbits, Saldanha da Gama, Vila Nova Machado, André Rebouças, Joaquim Murtinho, Visconde do Rio Branco, Bórgia Castro, Souza Pitanga e Holanda Cavalcanti, todos de grande relêvo na ciência e alguns de larga projeção na política nacional" (7).

Durante o curso de Engenharia, Teodoro Sampaio também lecionou nos principais colégios do Rio de Janeiro: O Abílio César Borges e o São Salvador. Sobre o Abílio, diz no discurso em homenagem póstuma ao seu fundador: "Tive a honra de colaborar com o Barão de Macaúbas no seu colégio no Rio de Janeiro, o primeiro e então o mais notável dos estabelecimentos de ensino de fundação particular na capital do país, sim, tive a honra de participar dos seus labores escolares, como professor também" (8).

Em junho de 1875, ingressou Teodoro Sampaio no Museu Nacional, como encarregado dos trabalhos gráficos. Lá conviveu com homens ligados às ciências naturais, como Ladislau Neto, que era então diretor, Orville Derby, Lacerda e Almeida, Rodrigues Peixoto e outros. Podemos então avaliar a sua preparação técnica e intelectual, através do convívio com cientistas de especializações diversas, fato que o levou a exercer um verdadeiro domínio em vários setores da cultura.

No primeiro semestre de 1877, concluía o curso, diplomando-se na primeira turma de engenheiros civis formados pela Escola Politécnica. Em fins de Dezembro retornava à Bahia, depois de 12 anos de ausência; e de imediato dirigiu-se para Santo Amaro da Purificação a fim de abraçar a mãe e os irmãos cativos.

NOTAS

- 01 - COSTA, João Cruz. Contribuição à história das idéias no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
p.122
- 02 - Idem, p.122
- 03 - JUBILEU da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, 1874-1924.
Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1926. p.3
- 04 - RIO DE JANEIRO. Arquivo da Escola de engenharia da U.F.R.J.
Livro de assentamento dos alunos. 1871-1872. Rio de Janeiro v.5 p.143
- 05 - RIO DE JANEIRO. Arquivo da Escola de Engenharia da U.F.R.J.
Notas Científicas de Theodoro Fernandes Sampaio, 1881.
p.9
- 06 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. Discurso no aniversário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia, 43 : 167, 1917.
- 07 - PIERSON, Donald. Branco e pretos na Bahia. São Paulo, Nacional, 1971, p.375
- 08 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. Discurso em homenagem ao Barão de Macaúbas. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia, 50 : 10-11, 1925.

CAPÍTULO III

2.3 O ENGENHEIRO

Em 1879, Teodoro Sampaio começa a sua carreira de engenheiro, como membro da "Comissão Hidráulica", organizada no governo do Conselheiro Sinimbu, com o proposito de estudar os portos brasileiros e sua navegação.

Dai em diante, experimentaria, como homem negro, talvez, as primeiras reações de inaceitação por parte de uma sociedade escravista bastante fechada.

Seu próprio depoimento esclarece o fato:

"Eu não havia absolutamente solicitado emprego. O convite fora de todo espontâneo, o que de algum modo me desvanecera. Toco aqui entretanto, num incidente então ocorrido, porque ele serve para explicar um dos poucos casos de preconceito social; hoje raros no país. A comissão, em certo dia, apresentou-se ao Ministro que, então, dirigiu a palavra e explicou o ponto de vista do governo ao promover a sua criação.

Estive presente ao ato, assim como todos os meus colegas e, no dia seguinte, publicava o Diário Oficial a relação dos engenheiros por ele nomeados. Estava, pois, excluído da comissão para a qual, aliás, tinha eu recebido convite. E eu que era o único homem de cor na luzida comitiva e ao espírito do oficial de gabinete do Ministro, o fato parecera-lhe muito chocante, tanto mais quanto se tratava de pessoal a servir com técnicos americanos, os quais, ao que se dizia, não apreciavam a companhia dos homens de cor. Fui assim eliminado e experimentei, então, o primeiro espinho do preconceito entre nós" (1).

Dias depois de ocorrido o fato, Teodoro Sampaio foi reincorporado à comissão por interferência do Senador Viriato de Meireiros.

O estigma da cor sempre foi colocado como um entrave para a ascensão do homem negro, mesmo aqueles que assimilaram os valores da sociedade branca.

Recorde-se o episódio ocorrido com André Rebouças, que se sentia rejeitado em suas iniciativas profissionais, igualmente, no meio social. Disso é exemplo o fato ocorrido no baile promovido pela família imperial. Naquela oportunidade, foi recusado por uma dama, que tirara para uma contradança, sendo recompensado pela generosa atitude do Imperador D. Pedro II, ao oferecer-lhe a princesa Isabel para ser seu par.

No que se refere à sua trajetória profissional, foi no dia 12 de fevereiro de 1879 nomeado engenheiro de segunda classe na comissão supracitada. No dia 23 do mesmo mês, cessavam as suas atividades no Colégio Abílio e no Museu Nacional, na oportunidade em que rumou para a cidade de Santos. Ali se incorporou à Comissão de Melhoramentos do porto de Santos.

Em fins de julho, porém, retornava ao Rio de Janeiro, dali embarcando com destino ao alto São Francisco.

A comissão, da qual fazia parte, tinha itinerário previamente traçado, chegando a 6 de agosto a Maceió. No dia 12, entrava na barra do São Francisco. Em meados de dezembro, atingia Pirapora, onde terminava a secção navegável daquele grande rio. Parte da comissão remontaria o rio das Velhas, transportaria a Serra do Espinhaço e voltaria ao Rio de Janeiro. Outros membros regressariam pelo rio São Francisco, verificando os pontos duvidosos. E Teodoro Sampaio regressaria sozinho à Chapada Diamantina. No dia 29 de janeiro, chegava a São Felix, trecho final da viagem pelo sertão baiano. No início de fevereiro de 1880, retornava ao Rio de Janeiro.

Em suas viagens pelo rio São Francisco e à Chapada Diamantina, Teodoro Sampaio escreveu no seu diário uma série de observações de cunho geográfico, econômico e antropológico, que foram, anos depois, reunidas e publicadas em livro que se tornou um

clássico da geografia regional brasileira. "O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina".

Concluídas as atividades da "Comissão Hidráulica", foi dispensado da função em julho de 1880, só voltando à atividade em agosto de 1881.

Apesar do seu excelente desempenho, pois foi considerado "the best brazilian engineer on Mr Robert's Staff" (2), Teodoro Sampaio permaneceu por muito tempo lecionando, uma vez que não obtinha emprego na sua profissão. Tal circunstância é por ele expressa através do depoimento que se segue:

"São passados seis meses de lutas e dificuldades em busca de trabalho da minha profissão. Este tempo tenho-o empregado no ensino de Matemática, História e Filosofia, em companhia do nosso amigo James Edwin Hewit. Convém assinalar uma pequena injustiça dos homens que nos governam nestes tempos de domínio liberal. A "Comissão Hidráulica" foi dissolvida em junho do ano passado, todos os seus membros foram logo depois bem colocados e promovidos nos empregos, somente eu fui esquecido, entretanto, tive elogios e recomendações especiais de meu chefe e fiz trabalhos que me recomendaram e que o próprio Ministro elogiou; pois bem, esse Ministro - Buarque de Macedo - quando teve de me oferecer um lugar, foi rebaixando-me; deu-me o último emprego de engenheiro numa estrada de ferro em Pernambuco. Recusei, por carta, esse delicado obséquio do Ministro, e desde então pus-me à espera de melhores dias" (3).

Esse fato sugere a hipótese de que sua condição de homem negro, ainda sem gozar do prestígio que mais tarde desfrutaria junto à classe dominante, dificultava sua atuação no campo da engenharia.

Depois de um ano e dois meses, Teodoro Sampaio foi nomeado engenheiro de primeira classe, no trabalho de prolongamento da estrada de ferro da Bahia ao São Francisco. Nessa função, coube-lhe fazer os estudos e cálculos da referida ferrovia.

Pang escreve que "a estrada de ferro da Bahia ao São Francisco conhecida primeiramente, no fim da década de 1840 com contrato outorgado à junta da lavoura, foi planejada para operar através de alguns municípios produtores de açúcar, de maior influência, como, por exemplo, São Francisco do Conde e Santo Amaro" (4).

Ali Teodoro Sampaio trabalhou durante dois anos, quando, em 1833, foi convidado pelo engenheiro Antônio Plácido Peixoto do Amarante para integrar a Comissão de Melhoramento do Rio São Francisco, na condição de primeiro engenheiro ajudante.

Em outra nota, lembra a sua atuação na aludida comissão.

"Desobstruimos, então, a célebre cachoeira do Sobradinho, o maior obstáculo da navegação do rio na sua seção superior e se estabeleceu logo a navegação a vapor, entre a cidade de Juazeiro e a cachoeira de Pirapora onde termina a seção do rio desimpedida" (5).

Nesse período, Teodoro Sampaio elaborou as monografias ' sobre: "Notícia geológica dos terrenos atravessados pela estrada de ferro da Bahia ao São Francisco", "Estudos sobre a meteorologia do vale do São Francisco", e, no ano de 1884, enviou manuscrito a Orville Derby sobre a geologia da região entre o São Francisco e a Serra Geral, nas imediações de Juazeiro.

Foi o próprio Derby quem solicitou do Ministro da Agricultura, o conselheiro Antônio Prado, a sua contratação para os serviços da Comissão Geológica e Geográfica. Ao tomar conhecimento da sua indicação, Teodoro Sampaio pediu demissão da Comissão de Melhoramentos do Rio São Francisco e incorporou-se àquela, em 7 de abril de 1886. Coube-lhe, então, a direção dos trabalhos geodésicos e topográficos na qualidade de primeiro engenheiro.

João Alfredo Correia de Oliveira tinha sido empossado na presidência da província de São Paulo, e necessitou conhecer o índice da população da capital paulista, a fim de nela realizar melhoramentos. Para esse fim, nomeou, então, a Comissão de Re-

censeamento. Igualmente se interessou pelas riquezas do solo, decidindo criar a Comissão Geológica e Geográfica. Também, exigiu um estudo das vias navegáveis de penetração para o interior do país, visando a alcançar a província do Mato Grosso. O plano era de ligar o porto de Santos a Corumbá, beneficiando, dessa maneira, o comércio em expansão. Os trabalhos começaram pelo rio Paranapanema "desde as proximidades das suas cabeceiras na Serra do Mar, em Itapetinga, até sua foz no rio Paraná, acima do salto de sete quedas" (6). Após um longo estudo, chegou-se à conclusão da impossibilidade do projeto. Nessa viagem, Teodoro Sampaio colheu dados preciosos, que lhe serviram para a feitura da monografia, "Considerações Geográficas e Econômicas sobre o Vale do Paranapanema".

Prosseguindo os trabalhos da Comissão, escreve: "Foi-me dado, durante esse tempo estender a rede de triangulação por cerca da terça parte da área da província, de Ipanema a Campo Largo, pelas cumeadas da Serra do Mar ou de Paranapiacaba, pelos picos da Mantiqueira e seus contra-fortes; de Santos e de São Paulo, e pelo interior, até as margens do rio Mogi-guaçu, que desce das terras altas de Minas Gerais" (7).

Em 1890, ainda exercendo o cargo de 1º engenheiro, foi convidado pelo governador de São Paulo, Prudente de Moraes, para em companhia de Antônio Francisco de Paula e Souza, proceder aos estudos de saneamento da Capital. No mesmo ano, exerceu o cargo de engenheiro chefe da Companhia Cantareira, onde permaneceu até 1892. Ainda no ano de 1892, aceitando o convite do governador de São Paulo, Vicente de Carvalho, ocupou o cargo de engenheiro sanitário e consultor técnico junto à Secretaria do Interior, onde trabalhou durante seis anos construindo hospitais de isolamento e outros institutos de higiene da cidade.

No ano de 1898, Teodoro Sampaio ocupou seu último cargo em terras paulistas. Foi nomeado engenheiro chefe do serviço de águas e esgotos, sendo notável sua produtiva atuação naquele setor em benefício do Estado de São Paulo.

Assim, o competente engenheiro baiano reorganizou o serviço de águas e esgotos da Capital e promoveu as obras de saneamento de um grande número de cidades do interior. Essas realizações, também, estimularam o crescimento da indústria cerâmica relacionada com a fabricação de manilhas de barro vidrado.

Pelo elevado conceito que desfrutara em São Paulo, Teodoro Sampaio sempre enfrentava com dignidade algumas situações embaraçosas.

Em agosto de 1903; ocorre um desentendimento entre Teodoro e o almoxarife da repartição de águas e esgotos. Em vista da desagradável ocorrência, Teodoro Sampaio demitiu-se daquele setor.

O episódio suscitou comentários por parte da imprensa. Assim, alguns jornais da época publicaram notícias sobre o fato. Cite-se o exemplo do Correio Paulistano que, na edição de 19 de agosto, comentava o assunto:

"Por decreto de ontem foi concedida a exoneração solicitada pelo Dr. Teodoro Sampaio, distinto engenheiro e ilustre homem de letras, que desde alguns anos exercia o cargo de chefe da repartição de águas e esgotos desta Capital" (8).

Estava concluída a sua missão em São Paulo.

No ano seguinte, retornava Teodoro Sampaio à sua terra natal, apresentando ao Conselho Municipal uma proposta para a execução do serviço de águas e esgotos da Capital. Em maio de 1905, foi assinado o contrato com a aprovação do Intendente Municipal Antônio Vitorino Araujo Falcão. No aludido contrato, estabelecia-se o prazo de 4 anos para a implantação do serviço de águas e esgotos.

Aquela época, a população de Salvador somava cerca de duzentos mil habitantes, os quais consumiam, em média, 35 litros diários de água por pessoa, dos 7 milhões disponíveis.

Numa das cláusulas do referido contrato, definiu-se que a rede de esgotos se dividiria em quatro distritos, em face à topografia da cidade. Assim, o primeiro distrito abrangia a cidade baixa na antiga zona comercial, o segundo, a cidade alta, o terceiro, a parte extremo sul da cidade, do bairro da Vitória até a Barra, e, o quarto, o extremo norte, compreendendo o Bonfim e Itapagipe (9).

Enquanto cumpria o contrato assumido, Teodoro Sampaio tentava um novo emprego no Rio de Janeiro, única maneira de se "divencilhar das malhas da administração baiana" (10), que não cumpria integralmente as cláusulas do contrato estabelecido em 1905.

Em carta endereçada a Max Fleiuss, pedia-lhe que o recomendasse ao almirante Gomes Pereira, a fim de conseguir emprego no Rio de Janeiro, pois não mais se sentia com disposição para trabalhar na Bahia.

Dois anos depois, em 1924, escreve ao amigo Wanderley Pinho confessando-se contrariado com aquele "malfadado saneamento", solicitando-lhe que interferisse junto a Miguel Calmon, a fim de que o ajudasse a superar os obstáculos que entravavam o "progresso da sua terra" (11).

A questão se prolongou até o ano de 1929, quando se rescindiu o contrato de comum acordo entre os interessados.

Aqui na Bahia, Teodoro Sampaio também incumbe-se da reconstrução da Faculdade de Medicina, da nova fachada da igreja da Vitória e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Dirigiu a construção do Instituto Clínico, do pavilhão para tuberculosos no hospital Santa Isabel e do Liceu Salesiano do Salvador.

Alguns dos seus projetos não foram executados, mas merecem destaque, o projeto para a construção do tunel do Carmo, hoje tunel Américo Simas, e os "Estudos e Projetos para a cidade nova; A Cidade Luz," atualmente o populoso bairro da Pituba.

NOTAS

- 01 - PIERSON, Donald. Branços e pretos na Bahia. São Paulo, Nacional, 1971, p.376.
- 02 - Idem, p.377
- 03 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. Nota autobiográfica. Salvador, 1881. 1 fl. manusc.
- 04 - PANG, Eul-SOO. O Engenho Central do Bom Jardim na Economia Baiana; alguns aspectos de sua história. 1875-1891. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional/Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1979, p.32
- 05 - PIERSON, Donald. Ob. cit. p.378
- 06 - Idem, p.378
- 07 - Ibidem, p.379-380
- 08 - Correio Paulistano. São Paulo, 19 de Agosto de 1903.
- 09 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. Esgotos, S D 4 fls.manusc.
- 10 - Carta de Teodoro Sampaio a Max Fleiuss. 14-4-1919.
- 11 - Carta de Teodoro Sampaio a Wanderley Pinho. 5-8-1924.

CAPÍTULO IV

2.4 A TRAJETÓRIA INTELECTUAL

Em capítulo anterior, salientamos a importância do museu paulista na formação Teodoro Sampaio.

Naquela conceituada instituição, conviveu com cientistas que o influenciaram bastante na sua trajetória, desenvolvendo se us conhecimentos nos campos da Botânica, Geologia, Cartografia e Arqueologia. Anos depois, evocada a figura de Orville Derby, e a sua dívida para com aquele geólogo americano, mestre de várias gerações:

"Deve-lhe o meu espírito uma especial homenagem de gratidão boa parte do sucesso da minha carreira, se algum sucesso tive, devo-a a êle pelo seu conselho amigo, pela sua interferência sempre oportuna. Devo-lhe muito do que sei e aprendi no grande livro da natureza, cujas folhas ele me ensinou a volver com amor e confiança" (1).

No último decênio do século passado, Teodoro Sampaio participava, da comissão que organizou a Escola Politécnica de São Paulo, no governo de Bernardino de Campos. Com Antônio Piza, Cesário Mota, Horácio de Carvalho e outros, também fundou o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Naquela instituição, Teodoro Sampaio encontrou o ambiente propício para o seu crescimento intelectual. Lá conheceu Alfredo Taunay, Rodolfo Garcia e Eduardo Prado. Participou, assim, de uma nova geração de historiadores e literatos que se formou então em São Paulo. O seu conceito cada vez mais crescia no seio dos grupos de que participava. Salientou-se como engenheiro sanitário, ao dirigir o serviço de águas e esgotos e também contribuiu com destaque no campo das letras.

Em 1901, publicava o seu primeiro livro, "O Tupi na Geo-

grafia Nacional". Vários pareceres favoráveis foram emitidos. Teodoro Sampaio recebia correspondências de um cem número de pessoas a lhe indagar sobre a toponímia Tupi. Na sua 2^a edição, em 1914, escreveu a Rodolfo Garcia agradecendo a crítica:

"Não tenho expressão como significar a V.Excia. a minha gratidão. Basta dizer que o serviço que me prestou e que eu ja-mais esquecerei, já está dando frutos. A procura do livro aumentou, pelo que acabo de saber, por comunicação de representantes meus em São Paulo, onde se fez a 2^a edição" (2).

Em 21 de agosto de 1911, já radicado na Bahia, voltava ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo para ser condecorado com a medalha de prata conferida pela Academia de História Internacional da França.

No ano de 1916, realizou-se na Bahia o 5º Congresso Brasileiro de Geografia e Teodoro Sampaio foi escolhido Presidente do conclave. Naquela oportunidade apresentou várias teses, sendo ' algumas delas fruto de pesquisas laboriosas pelo recôncavo baiano (3).

Em 1919, discursava no Instituto Geográfico e Histórico ' da Bahia e recordava a figura de Euclides da Cunha.

Consideramos importante transcrever sua alocução a qual nos revela a amizade que unia os dois amigos e a sua contribui-ção direta na elaboração de "Os Sertões", obra que se tornou um marco na historiografia brasileira:

"A princípio trazia-me aos domingos os primeiros capítu-los, os referentes à natureza física dos sertões, geologia, as-pecto, relevo, e m'os lia naquela sua caligrafia minúscula que era como a minha também. A leitura pausada fazia-se a meu pedi-do porque tinha eu a sensação de com ela estar a trilhar vereda nova, cheia de novidades" (4). "Ele me pedia apontamentos históricos que eu assim como os possuía enfeixados em cadernos de no-tas, de bom grado lhe fornecia" (5). Ainda acrescenta: "Levou-me algumas notas das que lhe ofereci sobre as terras do sertão que

eu viajara antes dele em 1878. Pediu-me cópia de um mapa ainda inédito, na parte referente a Canudos e Vale superior do Vasa Barris, trecho do Sertão ainda muito desconhecido, e eu lh'a forneci como forneci ao governo de São Paulo que dela tirou mais de um exemplar, remetido para o Rio ao Ministério da Guerra (6).

No mesmo ano de 19, publicou mais uma monografia na revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia sobre os "Tremores de terra na Bahia de Todos os Santos". John Branner, eminente geólogo americano, fez referências elogiosas ao afirmar. "Como geólogo, porém, achei o artigo sobre os tremores de terra no recôncavo da Bahia uma contribuição preciosa à ciência brasileira. Sem comparação é o melhor artigo ainda escrito no Brasil" (7).

Em 22 de outubro de 1922, foi eleito presidente daquele Instituto. Nesse período contaria com o grande apoio de Bernadino de Souza, secretário perpétuo da Instituição. Em 1927 Teodoro passa a atuar no campo político, dessa vez, como deputado federal pela bancada baiana. Otávio Mangabeira então deputado naquela legislatura que se encerraria em 1930, foi convidado pelo presidente da República Washington Luís, para ocupar o cargo de Ministro das Relações Exteriores. A bancada Baiana precisava de alguém com prestígio nacional, a fim de fortalecê-la e Teodoro foi convocado para esse mister. A sua atuação foi quase nula, apesar de freqüente às reuniões. Wanderley Pinho, seu colega na Câmara e amigo íntimo, descreve no elogio fúnebre em 1937 a sua passagem pelo mundo da política:

"Chegava cedo e só saía terminada a sessão, não se afastava de sua poltrona, a mesma de sempre. Ouvia todos os discursos, estava presente a todas as votações. Mas, nem as agitações o envolviam, nem ele alterava o gesto, a fisionomia, a quase impassibilidade com que assistia, como de muito longe, o pandemônio das sessões tumultuosas". "Não era aquele o seu mundo. Aquela oratória não era a sua. Discursou raramente, com acento expositivo de mestre, que o era ali mesmo, consultado por colegas que dele se abeiravam para aprender" (8).

A crise mundial, que se instalou no ano de 1929, acelerou o processo de mudanças que ocorriam na sociedade brasileira, culminando com a revolução de 30. No ano anterior, encerrava a sua trajetória parlamentar.

Teodoro Sampaio podia considerar-se realizado intelectualmente, faltando-lhe atingir mais um degrau na sua brilhante trajetória, pertencer à Academia Brasileira de Letras.

Transcrevemos, na íntegra, a sua carta de apresentação:

"Rio, 4 de maio de 1933

Snr. Dr. Gustavo Barroso

M.D. Presidente da Academia Brasileira de Letras

Venho hoje apresentar-me candidato à cadeira vaga do meu conterrâneo, o inesquecível Constância Alves, nesta ilustre Academia de que é V.Ex^a, digníssimo presidente.

Muito hesitei antes de fazê-lo, não me sentindo com forças para tanto e, se ora o faço, é por já não ter como resistir aos amigos a cujas gentilezas cativantes não me furto. Hesitante, pois, e nada confiado no meu próprio cabedal em letras é que bato às portas da Academia para pedir-lhe "te etiam a que atiam rogo set me in tuam recipias amictiam," dito assim na língua de Cícero por me parecer que deste modo encontro mais o meu natural acanhamento em pedir.

Lancei-me às águas do Rubicon, alcançarei, porventura a outra margem?

Digo-o a V.Ex^a pelo voto complacente dos ilustres consócios, com o que muito obrigará de V.Ex^a

Sincero admir^{or} e criado
Teodoro Sampaio" (9)

Infelizmente, Teodoro Sampaio não alcançou o último título para a imortalidade acadêmica, pois perdeu para Ribeiro Couto que passou a ocupar a cadeira nº 26, que antes pertencia a Constância Alves.

A sua trajetória encerrou-se no Rio de Janeiro, onde foi sócio correspondente do Instituto Histórico desde 1902 e depois sócio honorário em 1916. Naquele convívio, conheceu Capistrano de Abreu, Max Fleiuss e outros. Existe a correspondência entre Teodoro e este último, extremamente reveladora da profunda amizade que os unia.

Nas correspondências de Capistrano de Abreu, consta uma carta enviada por este a João Lúcio de Azevedo, na qual o grande historiador confessa a sua admiração pelo geógrafo: "Grande parte desta semana estivemos juntos no Instituto e na Biblioteca Nacional. Conhecia de ouvir dizer, de seu talento de topógrafo no campo, que quase instantaneamente traçava um mapa, deixando apenas detalhe a corrigir. Apreciei-o agora na interpretação de mapas e roteiros antigos da Bahia: É assombroso" (10).

A velhice não lhe tirou a lucidez e a disposição, tanto que, aos 82 anos, escrevia a sua última obra sobre a cidade do Salvador, a qual, não foi concluída, em face do seu falecimento a 15 de outubro de 1937, após uma longa existência dedicada ao labor constante.

NOTAS

- 01 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. Discurso na sessão solene do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia. 42 : 199, 1916
- 02 - ——— Carta a Rodolfo Garcia, 2-4-1915.
- 03 - Consulte-se a cronologia da obra de Teodoro Sampaio.
- 04 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. Discurso à memória de Euclides da Cunha. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia. 45 : 251, 1919.
- 05 - Idem, p.253
- 06 - Ibidem, p.250
- 07 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. Tremores de terra na Bahia em 1919. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia, 46 : 183-195, 1920.
- 08 - PINHO, Wanderley de Araújo. Discurso em homenagem póstuma a Teodoro Sampaio. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia, 64 : 216, 1937.
- 09 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. Carta a Gustavo Barroso, 4-5-1933.
- 10 - ABREU, Capistrano. Correspondência. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1954. vol. II p.165.

CAPÍTULO V

2.5 A OBRA

A variedade e amplitude da obra de Teodoro Sampaio conduziram-nos a selecionar seus principais trabalhos, submetendo-os a uma abreviada análise.

O primeiro e mais conhecido dos livros daquele notável polígrafo é o "O Tupi na Geografia Nacional". O segundo intitula-se "O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina", enquanto "A História da Fundação da Cidade do Salvador" é obra póstuma publicada que foi durante o I Congresso de História da Bahia, realizado em 1949.

Ao realizarmos esta sucinta análise nos limitaremos apenas a duas questões:

- 1^a) Que motivações básicas conduziram Teodoro Sampaio a elaborar as monografias acima relacionadas?
- 2^a) Qual a importância que as mesmas assumem sob o ponto de vista da Tupinologia e da Historiografia brasileira?

De referência ao "Tupi na Geografia Nacional", vale recordar que sua primeira edição data de 1901. Naquela época, a realidade vivida pelo índio brasileiro contrastava profundamente com a literatura ainda em voga, toda ela inspirada na visão idealizada do índio, concebida por Rosseau e revivida por Chateaubriand, que também motivaram, no Brasil, a Gonçalves Dias e José de Alencar.

Do ponto de vista da política, o genocídio sistemático contra o povo indígena que se praticava no Brasil, já havia alguns séculos, representava uma estratégia do homem branco contra o aborígine, com vistas à ampla ocupação do território nacional

por várias "frentes pioneiras", motivadas pelas maciças correntes de imigração estrangeira.

Assim, na imprensa brasileira surgem as primeiras manifestações de divulgação da situação do índio. Sobre o assunto, escreve Darcy Ribeiro: "O país toma consciência do problema indígena, definindo-se logo duas correntes opostas. Uma religiosa, que defendia a catequese católica como a única solução compatível com a formação do povo brasileira. Outra, leiga, argumentava que a assistência protetora ao índio competia privativamente ao Estado. Sendo esse leigo, leiga devia ser a assistência, mesmo porque mais de uma religião era professada pelo povo e cabia assegurar ao índio plena liberdade de consciência para, uma vez, capacitado, escolher sua própria fé, e bem garantir a todos as as confissões religiosas o direito de fazer prosélitos entre eles" (1).

O próprio Teodoro Sampaio advoga a tese de que a Igreja competia a catequese dos nossos silvícolas quando declara: "Na fé cristã a força única capaz de tão elevado cometimento, a fonte inexaurível de devotamento, de abnegação até o sacrifício sem o que essa cruzada difícil não se realizará" (2).

Prevalece, todavia, a partir deste século, a proposição 'que atribui ao estado a função de zelar pelos direitos dos índios. Assim é que, em 1910, sob a inspiração do Positivismo de Augusto Comte, tendência filosófica e científica sistematizada 'no século XIX, foi criado o Serviço de Proteção aos Índios (S.P.I.). Coube ao Marechal Rondon, grande defensor da causa indígena, instituir o lema que era bandeira de tantos quanto o acompanharam pelo interior do Brasil - "Morrer, se preciso for, matar nunca".

Acerca da importância de "O Tupi na Geografia Nacional", obra pioneira sobre o assunto, tem, acima de tudo, o mérito conforme declara o próprio autor: "Não presumo com isso dar a última palavra na questão. Mas acredito ter adiantada alguma coisa, firmado alguns princípios que, no futuro, hão de servir a outros

e melhores investigadores, e eliminando umas tantas obscuridades que afetam a grafia e, portanto o significado ou sentido de não poucos vocábulos indígenas com aplicação à nossa geografia. Terei, entretanto, levantado uma ponta desse véu do esquecimento que pesa sobre a memória do povo desaparecido a quem sucedemos ' no domínio desta terra, cujas vozes bárbaras, na sua lenta e secular fossilização, perdida a primitiva e original estrutura, já não tem sentido nem expressão, designando as prósperas cidades dos novos dominadores" (3).

É certo que antes de Teodoro Sampaio vários estudiosos ' brasileiros, a exemplo de Varnhagen, Couto de Magalhães, Frei Vicente dos Prazeres, se ocuparam da temática indígena. Coube, no entanto, àquele estudioso a primazia de versar sobre a onomástica Tupi, tão presente em todo o território brasileiro.

Esta é a razão pela qual até hoje é essa obra fonte obrigatória de consulta, e de várias solicitações para que seja reeditada.

Justificando a razão de sua iniciativa em versar o assunto, Teodoro Sampaio, assim, justifica o seu objetivo: "Não é novo, antes, pelo contrário muito frequentemente debatido é o objeto do presente estudo. Sobre-lhe, porém, interesse histórico, exalça-o notavelmente o valor que assume na geografia nacional, e, sobretudo, o recomenda a atenção simpática que sempre logrou despertar no nosso meio literário.

Encarando-o agora por uma faceta nova, outro não é o nosso intuito, aliás despretensioso e modesto, que não o de metodizar, ou submeter a regras esse estudo linguístico que por aí anda a belprazer das fantasias de uns e ao desazo dos que familiarizados com a língua dos primitivos habitantes desta terra a deturpam e desfeiam, atribuindo-lhes aos vocábulos sentidos e significados absurdos ou procurando interpretar aqueles já aculturados ou assimilados pela dicção vulgar por processos estranhos às leis glotológicas que regem a matéria" (4).

A obra a que nos estamos referindo, divide-se em duas partes. A primeira, versa sobre aspectos de caráter linguístico, distribuindo-se através dos seguintes capítulos: Da expansão da língua tupi com relação ao objeto deste estudo escrito; Das alterações fônicas no Tupi sob a influência da língua portuguesa; Da interpretação dos nomes tupis com emprego da geografia e na história nacional. Quanto à segunda parte, trata especificamente da toponímia geográfica tupi.

Ao versar o capítulo I, o autor evidencia a expansão da língua brasílica pelo amplo território nacional, que se processou, não apenas por intermédio dos povos da língua tupi, mas através daqueles que aprenderam e ajudaram a promover a sua disseminação. No segundo capítulo, Teodoro Sampaio traça um perfil do idioma, inclusive tentando analisar a dicotomia entre o tupi e o guarani. O terceiro capítulo é dedicado às alterações fonéticas que se produziram no tupi em face do seu contacto com o português, e o quarto diz respeito ao estudo etimológico das expressões brasílicas.

Além da primeira edição, mais três outras já foram levadas a efeito. São as de 1914, 1928 e 1955, sendo esta última revista e anotada pelo tupinólogo Frederico Edelweiss.

A 4ª edição, comemorativa do centenário do autor, constituiu-se, até hoje, na melhor de todas elas, enriquecida e corrigida que foi pelo maior tupinólogo brasileiro, conforme afirmativa de Consuelo Pondé de Sena (5).

Criticando os equívocos cometidos por Teodoro Sampaio, Frederico Edelweiss assim se expressa: "Teodoro Sampaio, que não era linguista de profissão, achava-se, então, sob o fascínio dos postulados de Couto de Magalhães, tanto mais quanto este se havia largamente apoiado nas idéias de Martius e Porto Seguro, tidos como as duas maiores autoridades na época.

Além disso, diante da confusão geral, era preciso decidir-se a favor de uma terminologia própria e Teodoro Sampaio ado

tu, nas duas primeiras edições, a que lhe parecia mais consentânea às convicções" (6)

Acrescenta, justificando os enganos cometidos pelo autor de "O Tupi na Geografia Nacional": "Para nós a divisão histórica do tupi em três fases foi tomando contornos mais nítidos desde a publicação do Vocabulário na Língua Brasileira dos Jesuítas, que, a despeito das suas falhas; tornou possível o início de confrontos. Teodoro Sampaio não teve essa ventura. Trabalhou afanosamente sem dicionário tupi e numa época em que as desmedidas idéias unitárias a respeito das línguas ou dialetos tupi-guaranis eram tabú inviolável" (7).

Finalmente, concluiu ainda considerações sobre o livro de Teodoro Sampaio:

"Fiando-se, demasiadamente, nas afirmativas de Varnhagen, Couto Magalhães, Batista Caetano e Barbosa Rodrigues, de um lado e, de outro, estribado imprudentemente no Tupi decadente do Dicionário Português e Brasileiro, Teodoro Sampaio descurou, lamentavelmente o estudo comparativo das Artes Jesuíticas. Tomou o atalho menos aconselhável em jornadas como a sua: colheu sem método; de preferência ao que estava mais a mão, ou àquilo que lhe parecia ilustrar melhor uma afirmativa, sem preocupar-se com a procedência.

O resultado foi uma colcha de retalhos desnorteante, de consulta perigosa: nos ensinamentos, na exemplificação e nas conclusões" (8).

Consuêlo Pondê de Sena, discípula e continuadora da obra de Frederico Edelweiss, ao aludir às anotações feitas pelo mestre ao livro de Teodoro Sampaio afirma: "Certamente nenhum dos seus estudos críticos teriam então parecido tão severo, quanto os alusivos à tarefa que nos estamos referindo, seja pelo caráter pouco combativo do nosso povo, seja pela quase conivente atitude dos nossos intelectuais em relação aos trabalhos elaborados por aqueles que adquirem notoriedade" (9). E acrescenta ainda,

referindo-se a Frederico Edelweiss: "Aquele estudioso pertinaz de índole combativa, todavia, importava aproveitar a oportunidade que lhe oferecia de emendar tudo quanto lhe parecia digno de corrigido, o que fazia contundentemente, sem rodeios, respeitada embora a autoridade do autor, que ele apreciava sinceramente" (10).

Após a 4^a edição do livro em questão, muito se tem solicitado a sua reedição, conforme verificamos na correspondência pessoal do prof. Frederico Edelweiss (11), o que comprova o grande interesse existente em torno do assunto.

O segundo livro do conceituado publicista baiano denomina-se "O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina", publicado pela primeira vez, em 1905.

Conforme aludimos anteriormente, fora Teodoro Sampaio convidado pelo Senador Viriato de Medeiros para participar da "Comissão Hidráulica", cujo objetivo era estudar os portos e a navegação interior do país. Integrando a referida comissão, comandada pelo engenheiro William Milnor Roberts, foi ele destacado para fazer a exploração geográfica do São Francisco e a costa atlântica, além de atravessar a Chapada Diamantina. Tinha por desiderato, colher dados geológicos e geográficos daquelas áreas, a fim de obter informes sobre a capacidade produtiva do "rio da unidade nacional". Dos resultados de suas anotações, registradas em diário, surgiu um grande livro sobre a região sanfranciscana e a zona da Chapada.

Este excelente estudo é dividido em duas partes. Na primeira, o autor relata a sua viagem pelo São Francisco. Graças ao seu conhecimento cartográfico é-nos permitido acompanhar toda a sua trajetória pelo grande rio e através da zona diamantífera da Bahia, cujos mapas, feitos por ele próprio, são inestimáveis representações dos lugares visitados.

A segunda parte do volume em apreço relata a trajetória de Teodoro Sampaio pela Chapada Diamantina, sendo enriquecida pe

lo inventário, que o autor faz das minas existentes no local. Aí o senso de observação do conceituado investigador revelou-se sobremaneira profundo, não se lhe escapando os mínimos detalhes das localidades mineiras. Verifica-se, assim, que aspectos de caráter geológico, geográfico, econômico e antropológico foram anotados por aquele estudioso.

Em vista de tais circunstâncias, ao anotar a 2ª edição deste livro, Luiz Viana Filho, alude ao fato de que "a sua obra não é igual a nenhuma outra. Se muitos escreveram sobre o Rio São Francisco, Eschweg, Saint Hilaire, Spix e Martius, George Gardner, Halfeld, Lias, James Wills, Berton, nenhum porém o fez com a compreensão de Teodoro Sampaio" (12).

Por outro lado, sobre a mesma obra, afirmava Isaias Alves que o seu relato pelos sertões da Bahia "Vale por um padrão de Gabriel Soares" (13).

A sua obra imorredoura será sempre uma fonte informativa da melhor qualidade, que a todos interessa pela atração do tema.

Durante os festejos do 4º centenário da cidade do Salvador, em 1949, por iniciativa privada e governamental, foram realizados vários concursos culturais, visando-se a premiar os melhores trabalhos de cunho literário e histórico sobre o acontecimento. Na mesma ocasião, realizava-se no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o 1º Congresso de História da Bahia. Essa reunião teve extraordinária repercussão, dele derivando importantes estudos no campo da nossa historiografia. Dentre as múltiplas monografias então apresentadas destacaram-se: "A Fundação da Cidade do Salvador", de Edgard Falcão, a "História da Fundação da Bahia", de Pedro Calmon e a "História de Fundação da Cidade do Salvador"; obra póstuma de Teodoro Sampaio.

Vale ressaltar que naquela oportunidade, outros importantes ensaios vieram a lume, a saber, a História Política e Administrativa da Cidade do Salvador, A História da Câmara da Cidade

do Salvador, ambas escritas por Afonso Ruy; o Povoamento da Cidade do Salvador, de Thales de Azevedo e a História da Literatura Baiana de Pedro Calmon.

Todas as obras acima aludidas, analisadas em conjunto, formam um todo harmônico, que veio a preencher enorme lacuna no meio cultural da Bahia.

Cabe-nos, no entanto, ressaltar a importância de "A História da Fundação da Cidade do Salvador" editada após o falecimento do Teodoro Sampaio. Trata-se de um estudo inacabado, no qual se ocupava aquele mestre quando a morte o colheu. Divide-se a mesma em três partes. A primeira compõe-se de três capítulos, nos quais desenvolve o autor minuciosa análise em torno do binômio - terra e homem - nos seus aspectos paisagístico, pedológico e antropológico.

No decurso da narrativa, evidencia-se a condição de erudito que compunha o perfil intelectual de Teodoro Sampaio. Seu conhecimento profundo da geografia baiana permitiu-lhe, ademais, expressar com erudição sobre o meio natural em que vivemos.

À segunda parte condensa seis capítulos, referentes às origens da Bahia de Todos os Santos, da fase pré-colonial até o período governamental de Duarte da Costa. Dentre esses textos, destacamos o que está contido no capítulo VI, que versa sobre a fundação da nossa cidade.

De referência à controvertida questão relacionada com a data da fundação da cidade do Salvador, Teodoro Sampaio é de opinião que se desconhece, com certeza, o dia certo da mesma, atribuindo, inclusive, a inexistência de um ato oficial. Afirma, no entanto, que no dia 13 de junho de 1549, por ser dia de Corpus Christi, e, conseqüentemente, do Salvador, teria sido realizada, por ordem de El Rei, a tradicional procissão. Diz ainda, que o ato solene realizado com as ruas cercadas de folhagens contou com a cooperação de artilharia. Refere-se, igualmente, aos folguedos populares que então tiveram lugar, de acordo com a tradi-

ção portuguesa. Observa, por outra parte, que em face da união Igreja-Estado, tais eventos, tiveram notáveis brilho.

Na sua opinião, a festa de Corpus Christi, inaugurou a ci
dade do Salvador (14).

Convém aludir, sobre o fato, que outros pesquisadores ana
lisaram a questão, estabelecendo-se, inclusive, como marco da
fundação da nossa cidade, o dia 01 de maio.

Contudo, três anos após a realização do Congresso de His-
tória, portanto em 1952, Frederico Edelweiss retoma o assunto. ' Ao lado de Elysio Lisboa e Pedro Calmon, emite um parecer sobre o problema, que conclui da seguinte maneira: "Impossível fixar definitivamente a data magna da cidade do Salvador, que, para efeito simbólico, deveria ser 29 de março, data em que aqui apor
tu Tomé de Souza, ao lado de sua gente" (15).

Na última parte da obra em análise, Teodoro Sampaio anali
sa, especificamente, o papel desempenhado pelos jesuítas na obra de catequização do gentio, além de descrever a aparência da cida
de no tempo de Mem de Sá, e posteriores modificações decorrentes do surgimento de novos bairros, e das monumentais construções ' dos nossos conventos.

NOTAS

- 01 - RIBEIRO, Darcy. Os Índios e a Civilização. 3^a ed. Rio de Janeiro. Vozes 1979 p.131-132
- 02 - Idem p.132
- 03 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. O Tupi na Geografia Nacional. São Paulo. Ecletica, 1901 p.9
- 04 - Idem p.3
- 05 - SENA, Consuelo Pondé de. Frederico Edelweiss; O Tupinólogo Salvador, 1981 p.
- 06 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. O Tupi na Geografia Nacional. 4^a ed. Int. e notas de F.Edelweiss. Salvador, Câmara Municipal, 1955, p.13
- 07 - Idem, p.16
- 08 - Ibidem, p.17
- 09 - SENA, Consuelo Pondé de. Ob. cit. p.5
- 10 - Idem, p.5
- 11 - Ver correspondencia pessoal no Centro de Estudos Baianos.
- 12 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. O Rio São Francisco e a Chapa-da Diamantina. Prefácio de Luis Viana Filho 2^a ed. Bahia, Progresso, 1938 p.21
- 13 - ALVES, Isaias. Teodoro Sampaio. Mestiço de Genio. Jornal de Ala nº 15 Salvador, 1942 p.5
- 14 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. História da Fundação da Cidade do Salvador. Bahia. Beneditina, 1949 p.177

- 15** - EDELWEISS, Frederico. 29 de Março. Data simbólica da fundação da cidade do Salvador. Salvador, Prefeitura Municipal do Salvador, 1952 p.35

CAPÍTULO VI

2.6 TEODORO NA INTIMIDADE

Apesar da exiguidade de informações sobre a vida íntima ' de Teodoro Sampaio, tentaremos, na medida do possível, comentar embora sumariamente o assunto.

Como já citamos anteriormente, após completar dois anos de idade, Teodoro Sampaio foi criado por D. Inês Leopodina do Carmo. Ao perfazer nove anos, seu pai conduziu-o para o Rio de Janeiro, onde ficou interno no Colégio São Salvador.

Passaram-se doze anos de ausência do ambiente em que nasceu. Só aos 21 anos retornaria pois, a fim de rever os parentes e amigos. Ao chegar, em dezembro de 1877, dirigiu-se ao Município de Santo Amaro, à procura dos membros de sua família e amigos de infância.

À guisa de ilustração, servimo-nos da crônica de Jaime ' Junqueira Ayres, na qual, o autor, reportando-se ao fato, narra com certa dose de impressionismo o reencontro de Teodoro com os Costa Pinto e a sua velha mãe Domingas:

"Os brancos do sobrado não se encontravam naquele momento em Canabrava, mas sim, no seu solar em Santo Amaro. Receberam-no com alegria. À tarde à mesa, o Visconde, o velho Aramaré, ' lhe deu a direita. Nas veias daquele hóspede de tez escura, corria possivelmente seu sangue. Era preto, mas era neto, e neto é neto. Os Aramarés são gente de fidalguia inteira, assim na largueza da alma como nas suas ações. E, à hora de dormir, no grande quarto que lhe fora reservado de janelas abertas para a noite, a velha noite amiga, cheia de estrelas de sua infância, Teodoro ouvia a voz da gratidão que lhe dizia que ali não era somente alguém que voltava.

No outro dia, após o almoço fez pedido singelo: Queria '

ver a mãe, dormir na casinha de taipa que era agora dela, de chão de terra batida; e coberta, como a outra, aquela que deixara quando saíra de Canabrava com palha de Pindoba.

Deram-lhe um cavalo de arreios reluzentes e botas altas de montar com esporas de prata. Um pagem deveria acompanhá-lo. Teodoro percorreu longamente os caminhos, com os olhos absortos na vidraça da tarde. Ia como se fosse um senhor, mas no íntimo sentia-se outra vez criança de antigamente, sim, era ele mesmo.

Avistou, afinal, a choupana materna, dirigiu-se ao terreiro varrido que lhe ficava em frente, apeou-se da montaria e de chapéu na mão, caminhou para a entrada. Ao tinir das esporas, a negra velha que acendia o fogão se voltou, a ver quem vinha, e, com os olhos abertos, e a boca aberta, a alma aberta sem um grito, precipitou-se para a porta. Antes que o abraçasse, o filho dobrou o joelho na soleira, ergueu a mão espalmada acima da cabeça curvada, e pediu humildemente como outrora, quando era menino, quando era moleque.

—— Bença, Mãe! " (1).

Alguns dos irmãos ainda viviam na condição de escravos. No ano de 1878, Teodoro Sampaio comprara a carta de alforria de Martinho. Em 1882, endereçava uma carta ao Visconde de Aramaré negociando a liberdade, de Ezequiel:

"Ilm^o. Exm^o. Sr. Visconde de Aramaré.

Alagoinhas, 13 de março de 1882

Meus cumprimentos a V.Ex^a e toda a Exm^a família a quem me recomendo, e por quem faço votos de prosperidade e saúde.

Minha mãe volta ahí hoje, e é portadora desta carta onde mais uma vez peço a V.Ex^a toda a sua proteção e amizade.

A minha promessa de libertar o Ezequiel tem de ser agora cumprida, apesar das dificuldades com que venho lutando, mormen-

te em começo como me acho de arranjos de casa e família.

Peço a V.Ex^a que faça a esse seu escravo um grande benefício, minorando o preço de sua liberdade com aquela generosidade de que V.Ex^a sempre tem dado provas, principalmente para conosco.

Tenho umas pequenas economias, de que vou agora lançar ' mão para esse fim, não me pesa, porque é despesa que faço com a maior boa vontade do meu coração e estou certo que a providência Divina não me desampará.

Se V.Ex^a aceder a esse nosso pedido, desde já proponho a transmissão para V.Ex^a de duas apólices pequenas, ou então do dinheiro necessário, procedendo em venda das mesmas, o que será um pouco mais difícil, visto ser necessário para mim a nomeação de um procurador que disso cuide onde for de mister.

Aguardo resposta de V.Ex^a e confiando na bondade que sempre o caracterizou, na sensibilidade do seu coração, que sabe avaliar o que são as dificuldades, nos ouvirá e dignará de responder-me.

Meus respeitos a toda a Ex^a família.

Sou de V.Ex^a

Am^o, obrig^o, crd^o

Dr. Theodoro Fernandes Sampaio" (2)

Realmente, dois anos após comprava a carta de alforria de mais um irmão, o Matias, que veio a falecer em 1911, na sua companhia, quando residia na rua da Misericórdia.

Ainda no ano de 1882, Teodoro Sampaio contraíra matrimônio com Capitolina Moreira Maia, de quem era primo.

A certidão de casamento, abaixo transcrita, revela o laço de parentesco entre os nubentes:

"Aos dezoito dias do mês de janeiro de hum mil oitocentos e oitenta e dois, nesta freguesia de Santo Antônio Além do Carmo, habilitados os nubentes em conformidade das leis canônicas e civis, não constando impedimento algum além do de consangüinidade em segundo grau da linha transversal igual, do qual foi dispensado por sua excelência Reverendíssima dispensados os proclamas de estilo no oratório da casa da residência do Doutor Francisco João Fernandes por permissão do excelentíssimo senhor, em presença de abaixo assinado recebeu-se em matrimônio por palavras de presente e mútuo consentimento Theodoro Fernandes Sampaio e D. Capitolina Moreira Maia, esta, filha legítima de Frutuoso Moreira ' Maia e Theotônia da Silva Maia, aquele filho natural de Domingas da Silva, o nubente residente em Alagoinhas, e a nubente nesta freguesia sendo testemunhas além de outros muitos o Doutor Manoel José de Araújo e D. Maria Augusta da Cunha Gões Araújo e logo receberam as bênçãos nupciais, do que para constar fez este assento que assinou o vigário João Barbosa de Andrade" (3).

Dessa união, nasceram 8 filhos, sendo 6 homens e 2 mulheres. Carlos, Teodoro, Eduardo, José, Otávio, Amália, Corina e Frutuoso. Carlos formou-se em Medicina no Rio de Janeiro, Teodoro e Eduardo faleceram ainda jovens; sobre José e Otávio, não temos nenhuma referência, Amália e Corina permaneceram solteiras, e ambas, em idade avançada, foram morar num convento onde faleceram, e, Frutuoso nasceu no Saboeiro, nos arredores de Salvador a 12 de novembro de 1883. Estudou na Bahia e em São Paulo, onde fez os seus estudos preparatórios. Coursou Engenharia e Arquitetura na Escola Politécnica de São Paulo, onde se formou em 1908. Em 1909 transferiu-se para a Bahia, a fim de auxiliar seu pai ' nos trabalhos técnicos do saneamento da Cidade, tarefa de que foi incumbido em função de seu contrato com a municipalidade. Dedicou-se aos trabalhos arquitetônicos, construiu vários prédios nesta cidade, dentre os quais os da Santa Casa da Misericórdia, na cidade baixa, e o Instituto Vacinológico. Ao falecer, era fiscal da Escola Politécnica da Bahia, cargo que desempenhou com esmero.

O aspecto familiar é a página mais triste da vida de Teodoro Sampaio. Talvez ele sonhasse em encontrar na vida conjugal a realização dos anseios do homem sofrido que era. Entretanto, teve a desventura de ver a esposa tornar-se insana, vivendo nesse estado de 1905 a 1920, quando veio a falecer no sítio do Sabeiro.

Este fato deve tê-lo levado a uma nova experiência, dessa vez, constituindo outra família sem o vínculo oficial com Maria da Glória Espinheira Fonseca, moça de status na sociedade Paulistana.

Desse consórcio, Teodoro Sampaio teve 3 filhos. Maria da Glória Sampaio, Cordélia Sampaio e Teodoro Sampaio Filho. A primeira casou-se com Luís Antônio de Lacerda, filho do engenheiro Antônio Lacerda, construtor do elevador que tomou o seu nome. Tiveram 5 filhos. Luiz Teodoro Sampaio de Lacerda, Fernando Augusto Sampaio de Lacerda, Maria Luiza Sampaio de Lacerda Señra, Léila Maria da Conceição Sampaio Lacerda e Maria Lucia Sampaio de Lacerda e Silva. Esta última é casada com o conceituado professor de educação física, Valter Figueredo da Silva. A segunda casou-se com Donato Benini, imigrante italiano. O terceiro, Teodoro Sampaio Filho, formou-se em Direito e conservou-se solteiro.

Posteriormente, nas suas viagens costumeiras ao Rio de Janeiro, já viúvo, Teodoro Sampaio conhecera e casara-se em segunda núpcias com Amália Barreto, fina costureira de rendas e bordados. Com esta, Teodoro não teve filhos.

A sua vida amargurada não lhe tirou a apurada sensibilidade, nem o levou ao desespero. Seus amigos revelam-no dotado de uma personalidade marcante.

Wanderley Pinho assim o descreve na intimidade:

"criado e educado por padre, o pendor nato, talvez, a religiosidade se lhe apurou na crença forte de católico praticante.

Mas, dentro daquele equilíbrio pessoal que tanto admira-

mos, a sua fé não tinha exaltações nem as suas convicções, intolerâncias.

Tanto respeitava as outras religiões como o ateísmo alheio, e nunca discutiu filosofia, como nunca fez praça do que acreditava.

Não falhava à missa de domingo, nem faltava a seus discursos a nota deísta, mas, o mais discreta possível.

Tinha a religiosidade calma como um secreto tesouro do espírito; nunca exibiu nem deixou de compreender o agnosticismo de tantos que o rodearam" (4).

Arnaldo Pimenta da Cunha, também, seu grande amigo, diz que "uma das características de Teodoro Sampaio era a delicadeza, sentimento mais raro que a finura e mesmo de maior mérito, porque não se acompanha da malícia, nem da dissimulação como muitas vezes acontece a esta. Também o aticismo e a urbanidade, que são a delicadeza e o bom gosto na linguagem, permitindo-lhe falar em estilo culto, escrevendo com esmero, praticando ações e usando maneiras elevadas. Igualmente a serenidade e moderação, virtudes que lhe davam tranqüilidade de espírito e regulavam suas paixões: Serenidade que reluzia no seu próprio semblante moderação que revelava dessombramento de ânimo;" (5).

Assim era Teodoro Sampaio na intimidade.

NOTAS

- 01 - AYRES, Jaime Junqueira. Bença Mãe "A Tarde" Salvador. Recorte sem data.
- 02 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. Carta ao Visconde de Aramaré. 13-3-1882.
- 03 - SALVADOR, Arquivo da Arquidiocese. Registro de casamento da paróquia de Santo Antonio Alem do Carmo. 1882. vol.3.
- 04 - PINHO, Wanderley de Araujo. Discurso em homenagem póstuma a Teodoro Sampaio. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia 64 :217, 1937.
- 05 - CUNHA, Arnaldo Pimenta da. Teodoro Íntimo. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia 69 : 110, 1943.

CAPITULO VII

2.7 TEODORO E A QUESTÃO RACIAL

Uma das razões que nos levaram a pesquisar a vida e obra de Teodoro Sampaio, foi a sua condição de homem negro que atingiu posição de destaque na sociedade brasileira.

Analizando os exemplos de Luis Gama, José do Patrocínio e André Rebouças, que também ascenderam socialmente e tiveram uma destacada atuação em prol da libertação do negro escravizado, buscavamos encontrar em Teodoro Sampaio a identificação com a causa abolicionista.

Assim, pesquisamos toda a sua produção intelectual, e, raramente nela há alguma referência em torno da questão racial. Apenas a ela encontramos-lo sintonizado ao analisarmos os seus discursos publicados, nas revistas do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Tais pronunciamentos constituem-se em fonte necessária para a compreensão do seu pensamento, bem assim, o seu manuscrito, no qual narra as relações sociais nos engenhos do recôncavo baiano. Igualmente, no "Diário Secreto" de Humberto de Campos, observa-se que num diálogo estabelecido entre este escritor maranhense e Teodoro Sampaio, o nosso perfilado deixa transparecer a sua preocupação com o destino dos escravos após a abolição da escravatura.

Transcrevemos alguns trechos desses escritos, submetendo-os a uma posterior análise.

Assim, no discurso pronunciado por ocasião da inauguração do retrato do Visconde do Rio Branco, Teodoro Sampaio exalta a lei do Ventre Livre:

"A lei, que declarava de condição livre os filhos de mulher escrava, nascidos desde esta data, e libertava os escravos da nação, providenciando ainda sobre a criação e tratamento da-

queles filhos menores e sobre a libertação anual dos escravos, essa lei, meus senhores, produto amadurecido das lucubrações dos nossos homens de estado e solução cabal que era a questão servil, se lhe esperassem a ação e os efeitos no evoluir dos tempos, era de fato, o troféu maior das vitórias parlamentares que se ganharam no Brasil, era o coroamento da carreira política do nobre Visconde, Sagrado benemérito"(1).

Em outro parágrafo, evoca a figura da filha do Imperador D. Pedro II, assim como os representantes da classe dominante:

"A augusta regente, a princesa Isabel, os príncipes, seus filhos, os ministros, os presidentes de províncias, as câmaras ' legislativas, o exército, a armada, todos se comprazem, se esforçam em colaborar na causa da redenção". "D. Isabel de Bragança, a sereníssima princesa, redentora dos redimidos, ela, banida na terra estrangeira por esse gesto abnegado que lhe custou uma coroa" (2).

Por sua vez, no manuscrito, Teodoro Sampaio descreve a vi da social nos engenhos do Recôncavo baiano:

"O tratamento dos escravos queria se fizessem com zelo, porque eles é que ajudavam a ganhar. Queria as suas crias bem cuidadas nas suas enfermidades e nisto punham boa dose de humani dade que valha a verdade, era característico do senhor do engenho do recôncavo de Santo Amaro. A severidade de disciplina que recomendava e queria se firmasse entre os seus escravos devia vir pelo respeito e pela estima que o seu preposto lhes conseguis se inspirar.

O tratamento bárbaro, os castigos aviltantes, as sevícias não estavam nos costumes da gente culta que formava a maioria dos senhores de engenho desse recôncavo. O tronco, o vira mundo, as gargalheiras de ferro, os instrumentos de suplício se em alguns engenhos eram encontrados, não tinha comumente outra aplicação que não de meter medo ao escravo, se por acaso despontavam neles laivos de rebeldia. O senhor de engenho desse tempo não se tinha por prezado se o próprio escravo não se orgulhava do

seu senhor. Os hábitos de tolerância e humanidade eram tais que não raro era o caso do senhor insinuar por portas travessas, ao escravo o pedido de perdão, para se poupar ao desgosto de castigar" (3). Prossegue afirmando que "O próprio feitor ameaçava castigo de combinação com o senhor para que o delinquente atemorizado corresse à apadrinhar-se com o seu próprio senhor. Eram assim às vezes os processos de corrigir, processos humanos, inspirados em benevolência e amizade. A opulência não endurecia os corações dos senhores de escravos na lavoura do açúcar". "Se no trabalho do engenho não se oprimia o escravo com o trabalho excessivo, nem com rudes castigos, no trabalho doméstico a estima, as mais das vezes, fazia esquecer a autoridade do senhor" (4).

Como acentuamos anteriormente, Humberto de Campos faz referência ao seu diálogo mantido com Teodoro, no qual, o segundo, revela ter interferido na questão da abolição:

"A propósito das minhas idéias, anunciadas em mais de um artigo, atribuindo a nossa desorganização social e econômica, em parte, à lei de 13 de maio de 1888, diz-me o erudito Teodoro Sampaio:

_____ Eu estou de acordo com você, e sempre temi que os resultados fossem esses que você assinala e nós estamos ainda hoje observando.

E conta-me:

_____ Quando se organizou o gabinete João Alfredo, e Antônio Prado foi convidado para a pasta da agricultura, eu e o Derby (Orville Derby) fomos à casa deste, de quem éramos amigos, conversar sobre os termos do projeto de abolição, que devia apresentar. Ficamos fora no alpendre conversando com ele até alta noite. E o que ficou assentado entre nós é que a abolição seria concedida, mas com um artigo estabelecendo que os senhores poderiam propor contratos fiscalizados pelo governo. Por essa maneira, o homem negro ficara livre, mas radicado ainda à terra, que não seria despovoada como foi, com os efeitos sociais que se observa. De repente, porém, na ausência do Prado, aparece o proje

to radical do João Alfredo. E atirou-se o escravo à rua, sem outra coisa além da liberdade.

E insuspeitamente:

_____ A abolição, nas condições em que foi feita, foi um desastre" (5).

Ao analisar a lei do ventre livre, notamos que, da maneira como esta se processou, apenas salvaguardou os interesses da classe dominante. O senhor de escravos tinha duas opções: Manteria a criança sob seu domínio até os 8 anos de idade, e, receberia uma indenização pela libertação desta, ou exploraria a sua força de trabalho até a idade de 21 anos, quando se tornaria livre.

Outro fato corriqueiro era o de não registrarem as crianças filhos de escravos que nasciam a partir daquela lei, conservando o direito de posse ilícita sob o nascituro.

Ainda naquele discurso, Teodoro Sampaio evidencia a sua tendência monárquica e conservadora, ao lamentar a queda do trono. Assim como Rebouças, ele também sonhava com um Brasil livre do estigma de escravidão, mas ambos pareciam satisfeitos, com o regime monarquista.

No manuscrito, Teodoro Sampaio descreve numa visão impressionista, a vida humilde e submissa do escravo diante do senhor, atitude que não passava de resignação aparente, condicionada pelas várias formas de controle social. Aqueles instrumentos de suplício, como ele descreve, eram sempre acionados quando se lhes faziam necessários. Se havia escravos que se orgulhavam do seu senhor, eram casos isolados, pois o constante estado de revolta em que viviam prova o contrário. Hajam vistos os levantes de escravos rurais e urbanos que ocorreram do primeiro ao último decênio da 1ª metade do século XIX.

Gilberto Freyre descreve, no seu livro "Casa Grande e Senzala", cenas de violência entre senhores de engenho e escravos

que devem ter ocorrido no nordeste canavieiro como um todo; pois se fundamentavam no mesmo princípio: A exploração do homem pelo homem.

Numa visão oposta àquela descrita por Teodoro Sampaio, o autor afirma que "não são dois nem três, porém muitos os casos de crueldade de senhores de engenho contra escravos inermes. Sinhãs-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da campoteira de doce boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que, por ciúme ou despeito, mandavam vender mulatinhas ' de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam, a salto de botinas, dentaduras de escravos; ou mandavam-lhes cortar os peitos, as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma série de judiarias (6).

Para concluir, nos reportaremos aos aspectos fundamentais da vida de Teodoro Sampaio, a fim de compreendermos o seu posicionamento ante a questão racial.

Nascido de ventre escravo, ainda criança, Teodoro Sampaio deixou o convívio materno e foi adotado por uma mulher de condição social livre, que o criou desde os dois anos de idade. O pai era um sacerdote de cor branca, bastante avermelhado, assim o descreve em nota autobiográfica. Seu trânsito pelo mundo escravo foi diminuto, pois nasceu nas dependências da capela do engenho Canabrava, onde morava a sua genitora. Aos nove anos mudou-se de um ambiente rural para o urbano. O pai o levou para estudar no Rio de Janeiro. Em chegando lá, encontrou uma realidade bem diferente da anterior. Não tinha mais o carinho da velha ' Inês, e o convívio dos amigos de infância. Depois lhe faltou a possível ajuda financeira do pai, que falecera em São Paulo no ano de 1874. Esses fatores lhe devem ter causado um grande impacto.

Ao concluir o curso superior, entrou numa sociedade altamente competitiva e preconceituosa. Mas, a sua competência profissional levou-o a associar-se a pessoas e grupos de influência.

Além desse mérito, a facilidade de assimilar os valores da classe dominante foi um dos fatores relevantes no seu processo de as cenção social. A sua visão de mundo não era a de um descendente de escravo, e sim, a de um indivíduo ajustado aos interesses daquela classe.

Para ser aceito como homem negro, Teodoro Sampaio cobriu com o manto do silêncio uma questão que lhe era íntima.

Sendo negro, viveu como branco, pois era aquele o seu mun do.

NOTAS

- 01 - SAMPAIO, Teodoro Fernandes. Discurso solene no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia, 43 : 167, 1917.
- 02 - _____ Discurso solene no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev. Inst. Geo. Hist. Bahia, 42 : 101-102, 1915.
- 03 - _____ Manuscrito sem título e s/d p.20-21
- 04 - _____ Idem, p. 23
- 05 - CAMPOS, Humberto de. Diário Secreto. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1954 VI p.370-371.
- 06 - FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro, José Olympio, 1958, V.2 p.470.

3. CRONOLOGIA DA VIDA DE TEODORO SAMPAIO

- 07/01/1855 - Nasce no Engenho de Cana Brava, na Freguesia de Nossa ' Senhora da Ajuda do Bom Jardim, Município de Santo Amaro da Purificação, na Bahia.
- /12/1864 - Viaja em companhia de seu pai para a Província de São Paulo, onde permanece até os meados do ano seguinte.
- /06/1865 - Segue para o Rio de Janeiro, sendo internado pelo pai no Colégio São Salvador. Alí cursa os níveis primário e secundário.
- / /1872 - Inicia o curso de Engenharia Civil na Escola Central do Rio de Janeiro, transformada em 1875 em Escola Politécnica.
- 15/12/1874 - Falece seu pai, Manoel Fernandes Sampaio.
- / /1875 - É contratado para as funções de encarregado dos trabalhos gráficos do Museu Nacional.
- / /1877 - Retorna à Bahia em dezembro após ter concluído o curso de Engenharia Civil, no mes de março do mesmo ano, oportunidade em que se reencontra com familiares e amigos.
- / /1878 - Regressa ao Rio de Janeiro.
- 09/12/ - Deixa novamente o Rio de Janeiro. Chegando à Bahia, liberta o seu irmão Martinho.
- 12/02/1879 - É nomeado engenheiro de segunda classe na "Comissão Hidráulica".
- 23/02/ - Demite-se do Colégio Abílio e do Museu Nacional.
- 31/07/ - Segue a "Comissão Hidráulica" com destino ao Alto São Francisco.
- 22/12/ - É incumbido de atravessar os sertões da Bahia.
- 29/01/1880 - Chega a São Félix, termo da longa viagem pelo sertão Baiano.
- 08/02/ - Volta ao Rio de Janeiro.
- 04/06/ - Pede em casamento sua prima Capitolina Moreira Maia.
- 18/01/1882 - Consorcia-se, em Salvador, com Capitolina Maia.
- 13/03/1883 - É nomeado primeiro ajudante da Comissão incumbida dos estudos e trabalhos de melhoramentos da região encacho-

eirada do Rio São Francisco.

- 07/04/1886. - É nomeado primeiro ajudante da Comissão Geográfica e Geológica da Província de São Paulo.
- / /1890 - É nomeado engenheiro sanitário do Estado de São Paulo e, naquela oportunidade, fez estudos do saneamento da Cidade.
- Torna-se diretor técnico da companhia Cantareira.
- 10/12/1891 - Falece sua mãe D. Domingas.
- 09/06/1898 - É nomeado engenheiro Chefe da repartição de águas e Esgôto de São Paulo.
- 21/10/ - Torna-se sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.
- 26/10/1900 - Torna-se sócio correspondente do Instituto Arqueológico de Pernambuco.
- / /1902 - Torna-se sócio correspondente Histórico e Geográfico Brasileiro.
- 31/07/1903 - Torna-se sócio correspondente da Academia Cearense.
- Pede demissão da chefia do serviço de Águas e Esgotos de São Paulo.
- 19/05/1905 - Assina contrato com a Prefeitura Municipal do Salvador para realização das obras de saneamento e abastecimento de água.
- 30/07/ - Torna-se sócio efetivo, remido, do Instituto Politécnico da Bahia.
- 04/06/1910 - Torna-se sócio efetivo da Associação Comercial da Bahia.
- 18/07/ - É dispensado da "Comissão Hidráulica".
- 24/07/1881 - É nomeado engenheiro de primeira classe do prolongamento da estrada de ferro da Bahia ao São Francisco, onde lhe cabe fazer os estudos e cálculos das pontes desta ferrovia.
- 11/05/1913 - É escolhido, pelos seus pares, orador oficial do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.
- / /1916 - Preside o V Congresso Brasileiro de Geografia realizado na Bahia.
- Torna-se sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

- / /1917 - Torna-se sócio fundador da Academia de Letras da Bahia.
- 01/04/1920 - Torna-se sócio protetor do Asilo Bom Pastor.
- 09/07/1922 - Torna-se sócio honorário do Gabinete Português de Leitura.
- 22/12/ - É eleito Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.
- / /1927 - Elege-se Deputado Federal pela bancada baiana, ocupando a vaga de Otávio Mangabeira.
- / /1929 - Encerra o mandato de Deputado Federal.
- / / - Rescinde o contrato com a Prefeitura Municipal do Salvador, relativo ao serviço de Águas e Esgotos desta Capital.
- / /1933 - Apresenta-se como candidato a uma vaga na Academia Brasileira de Letras.
- 15/10/1937 - Falece no Rio de Janeiro.

4. CRONOLOGIA DA OBRA DE TEODORO SAMPAIO

4. CRONOLOGIA DA OBRA DE TEODORO SAMPAIO

- 1871 - História, dictos e factos
- 1873 - Os vãos da mocidade
- 1875 - Architectura
- 1876 - Notas de economia política
- 1877 - Artigo em "A Tribuna"
 - Lições de cosmografia Tomo I
- 1878 - Diário
 - Lições de cosmografia Tomo II
- 1879 - Apontamentos topográficos para a planta da cidade de Santos
 - Os melhoramentos do porto de Santos
 - Relatórios sobre as condições geográficas e econômicas da região entre o São Francisco e o Atlântico
- 1880 - Carta geográfica da bacia do São Francisco
- 1882 - Carta ao visconde de Aramaré
- 1883 - Comissão de melhoramentos do rio São Francisco
 - Diário
 - Notícia geológica dos terrenos atravessados pela estrada de ferro da Bahia ao São Francisco
- 1884 - Cachoeira da Boa Vista
 - Diário
 - Notas enviadas a Orville Derby
 - Observações meteorológicas no rio São Francisco
 - Tarifas dos preços para a construção das obras do canal do Sobradinho
- 1885 - Balancetes
 - Carta ao Sr. Amarante
 - Relatório dos trabalhos da Comissão de melhoramentos do Rio São Francisco
 - Investigação e exploração dos rios Itapetininga e Paranapanema
- 1886 - Carta a Domingos José Nogueira Jaguaribe
- 1890 - Considerações geográficas e econômicas sobre o vale do rio Paranapanema.

- 1890 - Diário
- 1892 - Diário
- 1893 - Campos do Jordão na serra da Mantiqueira
- 1894 - Morfologia e sintaxe do pronome "Se"
- 1895 - Diário
 - A posse do Brasil meridional
- 1896 - Carta ao Pe. Bento Monteiro
 - Carta ao Dr. Estanislau do Amaral
 - Diário
 - Morfologia geral do estado de São Paulo
- 1897 - Memória sobre a igreja do Colégio dos Jesuitas de São Paulo
 - A propósito do nome Caramurú
 - Qual a verdadeira grafia do nome Guianã?
 - São Paulo no tempo de Anchieta
- 1898 - Artigo no "Estado de São Paulo"
 - O caminho das índias
 - Carta ao Profº Borges dos Reis
 - Carta ao Dr. Gustavo
 - Carta a Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho
 - Discurso
 - O imposto territorial em São Paulo
 - Nota a propósito do testamento de Luis Mascarenhas
 - São Paulo de Piratininga no fim do sec. XVI
- 1899 - Carta a Capistrano de Abreu
 - Carta geográfica do recôncavo da Bahia
 - Diário
 - O sertão antes da conquista
- 1900 - Artigo no "Diário Popular de São Paulo"
 - Artigo no "Estado de São Paulo"
 - Do berço à adolescência do Brasil
 - Diário
 - A propósito do nome Ceará
 - O IV centenário do descobrimento do Brasil
 - São Paulo no sec. XIX
- 1901 - Artigo no "Estado de São Paulo"
 - Diário
 - Discurso
 - O tupi na geografia nacional

- 1902 - Carta a Max Fleiuss
- Carta a J.M.Pinto Monteiro
 - José Ramalho era analfabeto
 - A propósito de João Ramalho
 - Quem era o bacharel degredado de Cananãia?
 - Relatório sobre o abastecimento de água de São Paulo
- 1903 - Carta a Dr. Bierrenbach
- Carta a G.Maia
 - Diário
 - Da evolução histórica do vocabulário geográfico no Brasil
 - Os Guainãs da capitania de São Vicente
 - Restauração histórico da vila de Santo André da Borda do Campo
- 1904 - Artigo no "Estado de São Paulo"
- Cartas ao Cel.Reginaldo
 - Notas sobre os meus trabalhos
- 1905 - A fundação da cidade de São Paulo
- Relatório do abastecimento d'água da Bahia
 - O rio São Francisco e a Chapada Diamantina
 - Saneamento e abastecimento d'água da capital do estado da Bahia
 - Águas e esgotos
- 1906 - Carta José Pinheiro de Vasconcelos
- Carta ao Frei Jacinto Lacomme
 - As cartas tupis dos Camarões
- 1908 - Atlas dos Estados Unidos do Brasil
- 1909 - Artigo no "Estado de São Paulo"
- 1910 - Abastecimento de água da cidade da Bahia
- Artigos no "Jornal de Notícias"
 - Cartas ao Dr. Aloísio de Carvalho
 - As inscrições lapidares da igreja de Nossa Senhora da Vitória
- 1911 - Artigo no "Diário da Bahia"
- Artigo no "Estado de São Paulo"
- 1912 - Artigo no "Jornal de Notícias"
- Artigo em "A Tarde"
 - As avenidas
 - Contribuição para a história da catequese e civilização do gentio do Brasil

- 1912 - Os Kraos do rio Preto no estado da Bahia
- 1913 - Artigo no "Diário da Bahia"
 - Carta Max Fleiuss
 - Carta ao Dr. Francisco de Borja Mandacarú Araújo
 - Discurso
- 1914 - Artigo em "A Tarde"
 - Carta a Max Fleiuss
 - Os naturalistas e viajantes dos séculos XVIII e XIX
- 1915 - Artigo em "A Tarde"
 - Artigo no "Diário de Notícias"
 - Carta a Max Fleiuss
 - Discursos
 - Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena
- 1916 - Artigo no "Diário de pernambuco"
 - Artigo no "Jornal de Notícias"
 - Carta da Bahia de Todos os Santos
 - Carta a Max Fleiuss
 - Discursos
 - Dois artefatos
 - Do estudo e cadastro da força hidráulica dos rios brasileiros e da nacionalização de suas águas
 - Excursões no interior do Estado
 - Inscrições lapidares indígena do Vale do Paraguassú
 - Movimentos sísmicos na Bahia de Todos os Santos
 - A planta geral da cidade do Salvador
- 1917 - Artigos no "Jornal de Notícias"
 - Carta ao Dr. Pedreira Franco
 - Carta a Max Fleiuss
 - Discursos
- 1918 - Carta ao Capitão Fleming
 - Carta a Luis Anselmo da Fonsêca
 - Carta a Max Fleiuss
 - Discursos
- 1919 - Cartas a Max Fleiuss
 - Carta ao Dr. Pedreira Franco
 - A figura simbólica da Bahia
 - Parecer para o projeto de legenda uniforme para os mapas archeológicos da República Argentina e da América do Sul

- 1919 - Relatório dos estudos e projetos para uma cidade nova (A cidade luz)
- Tremores de terra no recôncavo da Bahia
- 1920 - Artigos em "A Tarde"
- Carta a Max Fleiuss
- Carta ao Dr. Pimenta da Cunha
- Discursos
- Tremores de terra na Bahia
- 1921 - Artigos em "A Tarde"
- Carta ao Dr. Pimenta da Cunha
- 1922 - Artigos em "A Tarde"
- Carta a Max Fleiuss
- 1923 - Artigo no "Diário de Notícias"
- Discursos
- 1924 - Artigos em "A Tarde"
- Carta a Wanderley Pinho
- Discursos
- 1925 - Carta a Achilles Machado
- Carta a Antonio Balbino
- Carta ao Barão de Studart
- Carta a Dermival Viana
- Carta ao Dr. Taunay
- Carta ao Consul de Portugal
- Carta a Francisco Rocha
- Carta a Laudelino Lorenz
- Carta a Leonardo Azevedo
- Carta a Newton Lemos
- Centenário de D. Pedro II
- A cultura intelectual do Imperador
- O Estado da Bahia
- Parecer sobre a comunicação do Pe. Torrend
- 1926 - Carta ao Dr. Austraciano
- Discursos
- Vocabulário crenaque
- 1927 - A ilha de Madre Deus na Bahia de Todos os Santos
- 1928 - A Bahia - atualidade e futuro
- Carta a Otávio Mangabeira
- Carta do recôncavo da Bahia
- Discursos

1929 - Nota a propósito da interpretação dos litóglifos do outeiro
do Canta-Galo, no alto dos Tapajós

1937 - Artigo no "Estado de São Paulo"

5. BIBLIOGRAFIA DE TEODORO SAMPAIO

5.1 - Artigos em jornais

- SAMPAIO, Teodoro F. Satyro Dias. Diário da Bahia, Bahia, 28/8/1913.(1)
- _____ . Cartografia da Bahia. Diário da Bahia, Bahia, 20/5/1911.(2)
- _____ . Polêmica e reivindicação. Diário da Bahia, Bahia, 20/11/1911.(3)
- _____ . As explicações científicas do vulcão de olhos d'água, ' Diário de Notícias. Bahia, 15/6/1923.(4)
- _____ . Discurso em homenagem a Carneiro Ribeiro. Diário de Notícias, Bahia, /9/1915 (5)
- _____ . A propósito de esgotos. Diário de Notícias, Bahia 07/5/1904.(6)
- _____ . Os índios Tuxás. Diário de Pernambuco, Pernambuco, 27/10/1916.(7)
- _____ . A interpretação dos vocábulo: Pindamonhangaba e Parana-
piacaba. Diário Popular, São Paulo, 3/9/1900.(8)
- _____ . Caminho da Índia. O Estado de São Paulo, São Paulo, 21/5/1898.(9)
- _____ . Um problema histórico-geográfico: onde foi o assento da
vila de Stº André da Borda do Campo? O Estado de São Paulo, São
Paulo, 24/4/1911.(10)
- _____ . A propósito dos guaianases da capitania de São Vicente, O
Estado de São Paulo, São Paulo 28/3/1909.(11)
- _____ . São Paulo no século XIX. O Estado de São Paulo, São Paulo,
16/2/1901.(12)
- _____ . Uma carta preciosa do grande historiador. O Estado de São
Paulo, São Paulo, 17/10/1937.(13)
- _____ . D. Isabel de Bragança. A Imprensa, Bahia, 10/11/1910.(14)
- _____ . As últimas eleições brasileiras. Jornal Moderno, Bahia, '
3/4/1915.(15)
- _____ . Resposta à crítica de Braz do Amaral. Jornal de Notícias,
Bahia 10/11/1910.(16)
- _____ . Iluminação elétrica da cidade de Santo Amaro. Jornal de '
Notícias. Bahia, 30/10/1916.(17)
- _____ . Um documento histórico. Jornal de Notícias, Bahia, 10/12/
1910.(18)

SAMPAIO, Teodoro F. A cidade do Salvador e sua primitiva nomenclatura urbana. Jornal de Notícias, Bahia, 17/7/1912.(19)

_____. Cidade do Salvador. Jornal de Notícias, Bahia, 10/6/1912: (20)

_____. Estradas de Rodagem. Jornal de Notícias, Bahia, 23-26/5: ' 1-7-9-16/6/1917.(21)

_____. Artefato indígena. A Tarde, Bahia, 24/4/1920.(22)

_____. A assistência ao operário. A Tarde, Bahia 10/11/1920.(23)

_____. Ainda o colono. A Tarde, Bahia 10/12/1920.(24)

_____. O menino operário. A Tarde, Bahia 20/12/1920.(25)

_____. Melindroso problema. A Tarde, Bahia, 7/12/1921.(26)

_____. Pela arte. A Tarde, Bahia, 3/2/1922.(27)

_____. O povo que trabalha. A Tarde, Bahia, 12/1/1922.(28)

_____. Velharias. A Tarde, Bahia 3/2/1922.(29)

_____. Vicente de Carvalho. A Tarde, Bahia 24/4/1924.(30)

_____. A solução aconselhável para transformarmos a Sé. A Tarde, Bahia, /10/1924.(31)

_____. Reminiscências. A Tarde, Bahia, /10/1924.(32)

5.2 - Artigos em revistas

SAMPAIO, Teodoro F. Abastecimento de água da cidade da Bahia. Rev. Esc. Pol. São Paulo, 27 - 1919.(33)

_____. A Bahia, atualidade e futuro. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 54; 147-172, 1928.(34)

_____. O caminho das Índias. Rev.Inst.Hist.Geog. São Paulo, 3; ' 209,236, 1898.(35)

_____. Carta hidrográfica da Bahia de Todos os Santos. In CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 5. Salvador, 1916. Anais...Salvador, Imprensa Oficial do Estado, 1916. 0.101-114 (36)

_____. Carta ao Consul de Portugal. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 52: 383-384, 1925.(37)

_____. As cartas tupis dos Camarões. Rev.Inst.Arq.e Geo.Pernambuco, 12: - 1906.(38)

SAMPAIO, Teodoro F. Considerações geográficas e econômicas sobre o vale do rio Paranapanema. Bol.Com.Geo.Geol.São Paulo, 4: ,1890. (39)

_____. Contribuição para a história da catequese e civilização do gentio do Brasil. Rev.Sta. Cruz, São Paulo ,1913.(40)

_____. A cultura intelectual do Imperador. Rev.Inst.Hist.Geo.Brasileiro, 98(152): 142-144, 1925.(41)

_____. Denominações geográficas indígenas em torno da Bahia de ' Todos os Santos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. 5. Salvador, 1916. Anais...Salvador, Imprensa Oficial do Estado, 1916.p. 143-158.(42)

_____. Discursos na abertura e encerramento do 5º Congresso Brasileiro de Geografia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. 5.' Salvador 1916. Anais...Salvador, Imprensa Oficial do Estado,1916. p. 906-915;930-932.(43)

_____. Discurso no aniversário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 37: 115-135, 1913.(44)

_____. Discurso no aniversário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Rev.Inst.Hist.Geo.São Paulo - 1901.(45)

_____. Discurso no aniversário do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 42: 98-102, 1916.(46)

_____. Discurso no aniversário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 43: 133-149, 1917.(47)

_____. Discurso no aniversário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 45:179-191, 1919.(48)

_____. Discurso no aniversário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 46:215-232, 1920.(49)

_____. Discurso no aniversário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 49:365-373, 1924.(50)

_____. Discurso no aniversário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 52:385-390, 1926.(51)

_____. Discurso no aniversário do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 54:373-376, 1928.(52)

_____. Discurso em homenagem ao Visconde de Monte Serrat. Rev. Inst.Geo.Hist.Bahia, 45: 120-145, 1919.(53)

_____. Discurso em homenagem aos heróis de 1822-1823. Rev.Inst. Geo.Hist.Bahia, 49: 375-379, 1924.(54)

- SAMPAIO, Teodoro F. Discurso em homenagem ao Dr. Félix Pacheco. ' Rev. Inst.Geo.Hist.Bahia, 49: 511-514, 1924.(55)
- _____. Discurso em homenagem ao Barão de Macaúbas. Rev.Inst.Geo. Hist.Bahia, 50: 9.11, 1925.(56)
- _____. Discurso em homenagem a Satyro Dias. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 54: 55-74, 1928.(57)
- _____. Discurso em homenagem ao 2 de julho. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 52: 391-394, 1926.(58)
- _____. Discurso na inauguração do retrato do Visconde do rio Branco. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 43: 150-173, 1917.(59)
- _____. Discurso na reinauguração do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 48: 320-324, 1923.(60)
- _____. Discurso na sessão de recepção do Gal.Gabriel Botafogo ' Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 43: 173-182, 1917.(61)
- _____. Dois artefatos. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 42: 27-31, 1917.(62)
- _____. Do estudo e cadastro da força hidráulica dos rios brasileiros e da nacionalização de suas águas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. 5. Salvador, 1916. Anais... Salvador, Imprensa Oficial do Estado, 1916. p.395-419.(63)
- _____. Etmologia indígena de Elyas Herchman. Rev.Inst.Arq.Geo. Pernambuco, 11: 30-36, 1903.(64)
- _____. Da evolução histórica do vocabulário geográfico no Brasil. Rev.Inst.Hist.Geo.São Paulo, 8: 150-158, 1903.(65)
- _____. A figura simbólica da Bahia. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 45: 227-233, 1919.(66)
- _____. Fundação da cidade de São Paulo. Rev.Inst.Hist.Geo.São Paulo, 10: 524-528, 1905.(67)
- _____. Os Guayanãs da capitania de São Vicente. Rev.Inst.Geo.São Paulo, 8: 159-169, 1903.(68)
- _____. A ilha de Madre Deus na Baía de Todos os Santos. Rev.Inst. Geo.Hist.Bahia, 53: 343-363, 1927.(69)
- _____. As inscrições lapidares da Igreja de Nossa Senhora da Victória. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 63: 146-210, 1937.(70)
- _____. As inscrições lapidares indígenas no Vale Paraguassu, In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. 5. Salvador, 1916, Anais... Salvador, Imprensa Oficial do Estado, 1916 p.6-32.(71)

SAMPAIO, Teodoro F. João Ramalho era analfabeto? Rev.Inst.Hist.Geo. São Paulo, 7: 255-285, 1902. (72)

_____. Os Kraos do Rio Preto no estado da Bahia Rev.Inst.Hist. Geo.Brasileiro, 75:143-205, 1912. (73)

_____. Memória sobre a igreja do Colégio dos Jesuitas de São Paulo. Rev.Inst.Hist.Geo.São Paulo, 2: 1-26, 1897. (74)

_____. Movimento sísmicos na Baía de Todos os Santos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. 5. Salvador, 1916. Anais... Salvador, Imprensa Oficial do Estado, 1916, p.355-367. (75)

_____. Nota a propósito do testamento de Luis Mascarenhas. Rev. Inst.Hist.Geo.São Paulo, 3: 201-205, 1898. (76)

_____. Nota a propósito da interpretação dos litóglifos do outeiro do Canta-Galo, no alto dos Tapajós. Rev.Inst.Geo.Hist.Bahia, 59: 45-55, (77)

_____. Notícia geológica dos terrenos atravessados pela estrada de ferro da Bahia ao São Francisco. Rev.Eng.São Paulo, : , 1883. (78)

_____. A posse do Brasil meridional. Rev.Inst.Hist.Geo.São Paulo, 1: 177-203, 1895. (79)

_____. A propósito do nome Caramuru. Rev.Inst.Hist.Geo.São Paulo, 2: 11-22, 1897. (80)

_____. A propósito de João Ramalho. Rev.Inst.Hist.Geo,São Paulo, 2: 299-301, 1902. (81)

_____. A propósito do nome Ceará. Rev.Inst.Hist.São Paulo, 6: 550-561, 1900. (82)

_____. Parecer do projeto de legenda uniforme para os mapas archeológicos da República Argentina e da América do Sul. Rev.Inst. Geo.Hist.Bahia, 45: 277-280, 1919. (83)

_____. Parecer sobre a comunicação do Pe.Torrend. Rev. Inst.Geo. Hist.Bahia, 51: 104-108, 1925. (84)

_____. Qual a verdadeira grafia de Guayanã? Rev.Inst.Hist.Geo.São Paulo, 2: 23-34. 1897. (85)

_____. O IV centenário do descobrimento do Brasil. Rev.Inst.Hist. Geo.São Paulo, 4: 98-108, (86)

_____. Quem era o bacharel degredado de Cananêia. Rev. Inst. Hist. Geo.São Paulo, 7: 280-285, 1902. (87)

SAMPAIO, Teodoro F. Relatório sobre os estudos efetuados nos rios Paranapanema e Itapetininga. Rev.Inst.Geog.Geol.São Paulo, 2(3): 222-271, 1944. (88)

_____. O rio São Francisco. Rev.Inst.Hist.Geog.Brasileiro, 167:285-460, 1913. (89)

_____. São Paulo no sec.XIX. Rev.Inst.Hist.Geog.São Paulo, 6:159-205, 1900. (90)

_____. São Paulo de Piratininga no fim do se.XVI. Rev.Inst.Hist. Geo.São Paulo, 6: 259-278, 1899. (91)

_____. O sertão antes da conquista sec.XVII. Rev.Inst.Hist.Geo. São Paulo, 5: 79.94, 1899. (92)

_____. Tremores de terra no recôncavo da Baía de Todos os Santos. Rev.Inst.Geog.Hist.Bahia, 45: 211-222, 1919. (93)

_____. Tremores de terra na Bahia em 1919. Rev.Inst.Geog.Hist.Bahia, 46: 183-195, 1920. (94)

_____. O tupi na geografia nacional. Rev.Inst.Geog.Hist.Bahia, 27: 7-400 1928. (95)

5.3 - Livros e folhetos

SAMPAIO, Teodoro F. Discurso na inauguração do novo Gabinete Português de Leitura da Bahia. Salvador, Dois Mundos, 1918. 64p. (96)

_____. O estado da Bahia. Bahia, Imprensa Oficial, 1925. 72p. (97)

_____. História da fundação da cidade do Salvador. Bahia, Benedictina, 1949. 295p. (98)

_____. Os naturalistas viajantes e a etnografia indígena. Bahia, Progresso, 1955. 305p. (99)

_____. Polêmica e reivindicações. Bahia, Tip.Salesianas, 1910. 88p. (100)

_____. O rio São Francisco e a Chapada Diamantina. São Paulo, Tip Salesianos, 1906. (100)

_____. Relatório do abastecimento d'água da Bahia. S.N.T., 1905. s/p. (102)

_____. Relatório dos estudos e projetos para uma cidade nova. A cidade luz. Salvador, Imprensa Oficial, 1919. 24p. (103)

_____. Saneamento e abastecimento d'água da capital do estado da Bahia. Salvador, Empresa da Bahia, 1905. 38p. (104)

SAMPAIO, Teodoro F. O tupi na geografia nacional. São Paulo, 1901. 164p. (105)

_____. Viagem a Serra da Mantiqueira, Campos do Jordão e São Francisco dos Campos. São Paulo, Brasiliense, 1978. 57p. (106)

5.4 - Manuscritos

5.4.1 - Cartas

SAMPAIO, Teodoro F. Dirigida a Alcides Machado. 4/6/1925. (107)

_____. Dirigida a Dr. Amarante. 1885. (108)

_____. Dirigida a Antonio Balbino. 18/7/1925. (109)

_____. Dirigidas a Arnaldo Pimenta da Cunha. 7/3/1920 e 20/8/1920. (110)

_____. Dirigida ao Dr. Austricliano. 17/10/1926. (111)

_____. Dirigida ao Pe. Bento Monteiro. 25/6/1896. (112)

_____. Dirigida ao Dr. Bierrenbach. 1904. (113)

_____. Dirigida ao Prof. Borges dos Reis. 18/1/1898. (114)

_____. Dirigida ao Barão de Studart. 18/7/1925. (115)

_____. Dirigida a Capistrano de Abreu. 27/7/1889. (116)

_____. Dirigida ao Cel. Reginaldo. 4/10/1904 e 12/11/1904. (117)

_____. Dirigida a Dermeval Viana. 4/6/1925. (118)

_____. Dirigida a Domingos José Nogueira Jaguaribe. 12/9/1886. (119)

_____. Dirigidas a Domingos José Nogueira Jaguaribe Filho. 12/9/1898 e 28/4/1913. (120)

_____. Dirigida a Ernesto Sena. 24/10/1901. (121)

_____. Dirigida a Estanislau Amaral. 12/4/1896. (122)

_____. Dirigida a Francisco de Borja Mandacarū Araújo. 6/6/1913. (123)

_____. Dirigida a Francisco Rocha. 21/7/1925. (124)

_____. Dirigida a G. Maia 8/7/1903. (125)

_____. Dirigida a Gustavo Barroso. 4/5/1933. (126)

_____. Dirigida a Gustavo 18/3/1898. (127)

_____. Dirigida a Henrique Cândia. 7/7/1925. (128)

SAMPAIO, Teodoro F. Dirigida a Jacinto Lacomme. 1906. (129)

_____ . Dirigida a J.M.Pinto. 1902. (130)

_____ . Dirigida a José Pinheiro de Vasconcellos. 1906. (130)

_____ . Dirigida a Laudelino Lorenz. 1/6/1925. (132)

_____ . Dirigida a Leonardo Azevedo. 6/4/1925. (133)

_____ . Dirigida a Luis Anselmo da Fonsêca. 1918. (134)

_____ . Dirigidas a Max Fleuiss. 17/1/1902; 18/12/1913; 16/1/1914; 17/1/1914; 17/7/1914; 11/2/1915; 6 e 19/7/1915; 19/2/1916; 29/9/1916; 3 e 6/11/1916; 21/2/1917; 11/7/1917; 26/3/1918; 11/4/1919; 26/11/1919; 3/3/1920; 11/9/1920; 5/7/1922. (135)

_____ . Dirigidas ao Dr. Newton de Lemos. 22/6/1925 e 12/8/1925. ' (136)

_____ . Dirigidas ao Dr. Pedreira Franco. 27/9/1917 e 29/4/1919. ' (137)

_____ . Dirigida ao Dr. Plínio Airosa. 11/8/1937. (138)

_____ . Dirigidas a Rodolfo Garcia. 2/4/1915; 11/8/1915; 18/8/1915 (139)

_____ . Dirigida ao Dr. Taunay. 30/7/1925. (140)

_____ . Dirigidas ao Dr. Wanderley Pinho. 3/1/1922; 5/8/1924. (141)

5.4.2- Outros documentos

SAMPAIO, Teodoro F. Abastecimento d'água de São Paulo. São Paulo, s/d., 19 fls. manusc. (142)

_____ . Afixos e sufixos. S.l., s/d. 4 fls. manusc. (143)

_____ . Antecedentes históricos. S.l., s/d. 3 fls. manusc. (144)

_____ . Apontamentos para reorganização da Repartição de Águas e Esgôtos do Estado. Bahia, s/d. 4 fls. manusc. (145)

_____ . Apontamentos relativos à navegação do Rio São Francisco e dos seus afluentes. Bahia, s/d. 14 fls. manusc. (146)

_____ . Apontamentos topográficos para a planta da cidade de Santos. São Paulo, s/d. 20 fls. manusc. (147)

_____ . Aritmética. Rio de Janeiro, s/d. 562 fls. manusc. (148)

_____ . Arquitetura. Rio de Janeiro, 1875. 178 fls. manusc. (149)

- SAMPAIO, Teodoro F. Auto-biografia. Bahia, s/d. 1 fl. manusc. (150)
- _____. As avenidas. Bahia, s/d. 3 fls. manusc. (151)
- _____. Bacias fluviais. S.l., s/d. 6 fls. manusc. (152)
- _____. Balancetes. Bahia, 1885. 19 fls. manusc. (153)
- _____. Bandeiras ao sertão. S.l., s/d. 1 fl. manusc. (154)
- _____. Bases para o contrato da construção do túnel do Carmo. Bahia, s/d. 7 fls. manusc. (155)
- _____. Breves apontamentos sôbre a língua tupi. S.l., s/d. 32 fls. manusc. (156)
- _____. Breves apontamentos de Latim. S.l., s/d. 30 fls. manusc. (157)
- _____. Cachoeira da Boa Vista. S.l., s/d. 14 fls. manusc. (158)
- _____. Os Campos do Jordão. S.l., s/d. 7 fls. manusc. (159)
- _____. A cidade de São Sebastião em 1627. s/d. 1 fl. manusc. (160)
- _____. Comissão de melhoramentos do Rio São Francisco. Bahia, 1883. 9 fls. manusc. (161)
- _____. A conquista do recôncavo e a catequese dos índios. São Paulo, s/d. 9 fls. manusc. (162)
- _____. Considerações gerais acerca do melhoramento dos rios do Brasil susceptíveis de navegação. Bahia, 1885. 58 fls. manusc. (163)
- _____. Coreografia do Estado de São Paulo. São Paulo, s/d. 51 fls. manusc. (164)
- _____. Dados sobre calçamento na Bahia. Bahia, s/d. 6 fls. manusc. (165)
- _____. A demarcação das capitanias-1534/1536. São Paulo, s/d. 6 fls. manusc. (166)
- _____. Demonstrativo das obras realizadas no novo edifício da Faculdade de Medicina. Bahia, s/d. 41 fls. manusc. (167)
- _____. Diários. - 1878, 1883, 1884, 1890, 1892, 1895, 1896, 1899, 1900, 1901, 1903. Bahia, São Paulo. 755 fls. manusc. (168)
- _____. Discurso na inauguração do Clube Pindorama. São Paulo, 1898. fls. manusc. (169)
- _____. Discurso no Instituto Politécnico da Bahia. Salvador, fls. manusc. (170)
- _____. Discurso no Colégio Ipiranga. Salvador, s/d. 35 fls. manusc. (171)

SAMPAIO, Teodoro F. Efeitos da rivalidade dos portugueses e franceses entre o gentio. S.l., s/d. 44 fls. manusc. (172)

_____. O engenho de açúcar no recôncavo de Santo Amaro. Bahia, s/d. 19 fls. manusc. (173)

_____. Esgotos de São Paulo. São Paulo, s/d. 38 fls. manusc. (174)

_____. Estado da Bahia. Bahia, s/d. 12 fls. manusc. (175)

_____. Estado político da Europa em fins do sec. XVI. S.l., s/d. 11 fls. manusc. (176)

_____. Excursões no interior do estado. Bahia, 1916. 126 fls. manusc. (177)

_____. As feitorias de Porto Seguro e Caravelas. São Paulo, s/d. 9 fls. manusc. (178)

_____. As feitorias da terra do Brasil, 1503-1532. S.l., s/d. 34 fls. manusc. (179)

_____. Figuras nacionais. S.l., s/d. 91 fls. manusc. (180)

_____. Fórmulas e dados diversos. Bahia, s/d. 43 fls. manusc. (181)

_____. Fórmulas para cálculo das fontes metálicas. Bahia, s/d. 49 fls. manusc. (182)

_____. Geografia. S.l., s/d. 196 fls. manusc. (183)

_____. Geologia e mineralogia. S.l., s/d. 39 fls. manusc. (184)

_____. Habitações. Salvador, s/d. 11 fls. manusc. (185)

_____. Hidrografia. S.l., s/d. 51 fls. manusc. (186)

_____. História, dictos e factos. Rio de Janeiro, 1871. 432 fls. manusc. (187)

_____. História da conquista dos sertões do Brasil. S.l., s/d. 1 fl. manusc. (188)

_____. História da geografia brasileira. S.l., s/d. 9 fls. manusc. (189)

_____. História nacional. S.l., s/d. 20 fls. manusc. (190)

_____. A igreja do colégio. São Paulo, s/d. 9 fls. manusc. (191)

_____. O índio. S.l., s/d. 19 fls. manusc. (192)

_____. Índice de materias tratadas no vocabulário tupi. S.l., s/d. 89 fls. manusc. (193)

SAMPAIO, Teodoro F. Instalação dos esgotos no domicílio. Salvador, s/d. 8 fls. manusc. (194)

_____. Interpretação de alguns nomes tupis. S.l., s/d. 28 fls.' manusc. (195)

_____. João Ramalho e Antonio Rodrigues na história paulista. ' São Paulo, s/d. 10 fls. manusc. (196)

_____. Lições de cosmografia. Rio de Janeiro, 1877/1878. 33 fls. manusc. (197)

_____. O magnetismo terrestre no Brasil. S.l., s/d. 7 fls. manusc. (198)

_____. Morfologia e sintaxe do pronome "Se". São Paulo, 1894. 142 fls. manusc. (199)

_____. Navegação interior. S.l., s/d. 5 fls. manusc. (200)

_____. Notas para o atlas histórico do Império do Brasil. S.l., s/d. 157 fls. manusc. (201)

_____. Notas filosóficas. S.l., s/d. 56 fls. manusc. (202)

_____. Notas para a organização de um dicionário técnico. Bahia, 1914. 45 fls. manusc. (203)

_____. Notas enviadas a Orville Derby. S.l., s/d. 43 fls. manusc. (204)

_____. Notas sobre os estudos para o melhoramento do porto de Santos. São Paulo, s/d. 86 fls. manusc. (205)

_____. Notas históricas e geográficas do Brasil. S.l., s/d. 121 fls. manusc. (206)

_____. Orçamento ds obras do estado de São Paulo. São Paulo, s/d. 178 dls. manusc. (207)

_____. A orologia do Brasil e archeologia. S.l., s/d. 54 fls. ' manusc. (208)

_____. Os portugueses e espanhois na América do Sul antes da volta dos jesuitas: 1513-1545. Bahia, 1882. 31 fls. manusc. (209)

_____. Proposta que faz Teodoro Sampaio ao governo do estado da Bahia. Bahia, s/d. 2 fls. manusc. (210)

_____. Projeto de uma ponte de 16 metros. Bahia, 1882. 17 fls.' manusc. (211)

_____. A questão do sítio Jabaquara. São Paulo, s/d. 13 fls. ' manusc. (212)

- 83.
- SAMPAIO, Teodoro F. A reforma agrária. S.l.,s/d.4 fls.manusc.(213)
- _____ . Relatório sobre o abastecimento de água de São Paulo. São Paulo, 1902. s.p. (214)
- _____ . Relatório de esgotos projetados para a cidade do Salvador. Bahia, 1906. 37 fls. manusc. (215)
- _____ . Repartição de águas e esgotos do estado. S.l.,s/d.4 fls. manusc. (216)
- _____ . A rua. Bahia, s/d. 13 fls. manusc. (217)
- _____ . O sertão baiano. Bahia, s/d. 6 fls. manusc. (218)
- _____ . Sistema colonial dos portugueses no Brasil.S.l.,s/d. 22 ' fls. manusc. (219)
- _____ . Solução do negócio das águas. S.l.,s/d.19 fls.manusc. ' (220)
- _____ . A terra do Brasil até 1530. S.l.,s/d. 10 fls.manusc.(221)
- _____ . O verbo no tupi. S.l.,s/d. 16 fls. manusc. (222)
- _____ . Viagem de São Vicente a São Paulo de Piratininga. São Paulo, s/d. 6 fls. manusc. (223)
- _____ . Os vãos da mocidade.Rio,1873. 277 fls.manusc. (224)

6. LOCALIZAÇÃO DAS OBRAS DE TEODORO SAMPAIO

6. LOCALIZAÇÃO DAS OBRAS DE TEODORO SAMPAIO

6.1 - ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

126.

6.2 - ARQUIVO DO JORNAL "ESTADO DE SÃO PAULO"

9, 10, 11, 12, 13, 138.

6.3 - BIBLIOTECA NACIONAL

119, 120, 121, 139.

6.4 - CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS

134.

6.5 - INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO DE SÃO PAULO

88.

6.6 - INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25,
26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 37, 40, 42, 43, 44, 46,
47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61,
62, 63, 66, 69, 70, 71, 75, 77, 83, 84, 93, 94, 95, 96, 97,
98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, '
111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 122, 123, 124, 125,
127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 140, 142, 143,
144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155,
156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167,
168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179,
180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191,
192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203,
204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215,
216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224.

6.7 - INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

73, 89, 135.

6.8 - INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

35, 45, 67, 68, 72, 74, 76, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88,
90, 91.

7. CONCLUSÃO

Concluindo o nosso estudo sobre Teodoro Sampaio Temos a impressão de que alcançamos o nosso desiderato.

Ao longo desta análise tentamos responder a duas questões fundamentais para o conhecimento da sua vida e da sua obra, a saber:

- 1) Como se processou a vida social de Teodoro Sampaio se avaliada em termos de sua condição de negro e descendente de escravos pelo lado materno?
- 2) Qual a importância que a sua obra assume sob o ponto de vista da Tupinologia, da geografia e da Historiografia brasileira?

Respondendo a primeira indagação, verificamos que Teodoro Sampaio ascendeu socialmente pelos seus próprios méritos intelectuais, morais e profissionais, acrescidos pela sua facilidade em assimilar os valores da classe dominante, que lhe possibilitou um livre trânsito na sociedade branca, em nosso entender bastante fechada e discriminatória.

Quanto à segunda indagação, conclui-se que "O Tupi na Geografia Nacional" é obra pioneira nos estudos onomásticos tupis no início deste século, o que lhe concedeu merecido destaque no campo das letras.

Por outro lado a sua monografia sobre: "O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina", clássico da Geografia regional brasileira, ainda hoje é fonte obrigatória de pesquisa sobre o que se relaciona com o "rio da unidade nacional"

Quanto à História da Fundação da Cidade do Salvador", posto que padecendo dos defeitos de uma obra inacabada, como ficou acentuado pelos responsáveis pela sua edição, constitui-se numa grandiosa contribuição para a historiografia baiana.

8. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ARQUIVO DA ARQUIDIOCESE, Salvador. Genere, 1805-1887. maço 29.
2. ARQUIVO DA ARQUIDIOCESE, Salvador. Remoção do patrimonio. 1803-1894. maço 18.
3. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Comissão de estudos' de documentação. Normas ABNT sobre documentação. Rio de Janeiro, 1978 - 58 p.
4. AZEVEDO, Thales de. Povoamento da cidade do Salvador. 2a. ed.' Salvador, Itapoã. 1969. 428 p.
5. BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. 5a. ed. ' Rio de Janeiro, José Plympio/MEC, 1975. 412 p.
6. BITTENCOURT, Pedro Calmon Moniz de. História da Fundação da ' Bahia. Bahia, Vitória, 1949. 257 p.
7. CARDOSO, Benadeth Argolo. Roteiro para elaboração de referên- cias bibliográficas. Salvador, 1977. 14 fls. mimeografadas.
8. CARNEIRO, Edison. A cidade do Salvador. Rio de Janeiro, S.C.P., 1950. 114 p.
9. CUNHA, Arnaldo Pimenta da. Cronologia biográfica S.N.T. 17 fls
10. DEGLER, Carl. Nem preto nem branco; Escravidão e relações raci- ais no Brasil e nos Estados Unidos. Rio de Janeiro, Labor, 1976. 337 p.
11. FALCÃO, Edgard Cerqueira. A fundação da cidade so Salvador, São Paulo, Revista dos Tribunais, 1949. 102 p.
12. FAORO, Raimundo. Machado de Assis; A pirâmide e o Trapézio. São Paulo, Nacional, 1976. 505 p.
13. FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de ' classes. São Paulo, Ática, 1979. 2v.
14. O negro no mundo dos brancos. São Paulo, Difusão Eu- ropéia do Livro. 1972. 283 p.
15. e BASTIDE, Roger. Branços e pretos em São Paulo. Na- cional, 1971. 310 p. (Brasiliana, 305).

16. FREYRE, Gilberto. Ordem e progresso. 3a. ed. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1974. 2 v.
17. Sobrados e mocambos. 4a. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968. 2 v.
18. HASENBALG, Carlos Azevedo. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1979. 302 p.
19. MAGALHÃES JR., R. A vida turbulenta de José do Patrocínio. ' Rio de Janeiro, Sabiã, 1969. 452 p.
20. OLIVEIRA, Eduardo Oliveira e. O mulato, um obstáculo epistemológico. Rev. Argumento, 3. 63-73, 1974.
21. REBOUÇAS, André Pinto. Diário e notas autobiográficas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938. p.
22. RODRIGUES, José Honório. Teoria da história do Brasil. São Paulo, Nacional, 1969. 493 p.
23. SALOMON, Décio. Como fazer uma monografia. 6a. ed. Belo Horizonte, Interlivros, 1978. 317 p.
24. SPITZER, Leo. Assimilação, marginalidade e identidade; Os dois mundos de André Rebouças, Cornelius May e Stephan Zweig. Rev. Cent. Est. Asiáticos, Rio de Janeiro, 3: 35-62. 1980.

9. ANEXOS

9.1 NOTA AUTOBIOGRÁFICA

Nasci sob os tectos sagrados da Capela de Canabrava, engenho que então era da propriedade do notável agricultor e chefe da importante família dos Costa Pinto do Recôncavo de S.Amaro.

Bem pequeno ainda, deixei esse lugar de que todavia me ficaram bem gravadas na memória, de par com o relevo do terreno, as belas perspectivas das várzeas próximas e das montanhas que estreitam o horizonte do lado do nascente. Nunca mais voltei a Canabrava. Lembro-me, porem, do velho edificio da capela assobradada, onde foi o meu berço, no cimo da colina, do alto da qual se avistava ao longe, entre canaviais, a chaminé fumarenta do engenho do Bom Sucesso; lembro-me tambem da casa de residência do Snr Melo, do velho Comêlo, como todos nós em tenra idade o tratavamos, casa situada na encosta de um morro ainda mais alto para alem de uma grota, onde passámos os nossos primeiros quatro anos de meninice. Os currais onde prendiam as vacas e encangavam os bois de brocha; as casas de taipa de mão cobertas de palha de sapê onde moravam os escravos do lavrador; a casa do morro, onde se fazia o isolamento dos doentes da variola a que conduzia um caminho ingreme através das pastagens da encosta; as fontes no fundo da grota onde se ia de manhã ou de tarde tomar banho de cuia e onde as lavadeiras creoulas, quase nũas, estendiam sobre a grama a roupa branca a corar ao sol; tudo isso não me sai da memória que, fiel e grata, o conserva como num registro indelevel.

A topografia do lugar, com os acontecimentos que mais me impressionaram o ânimo ainda infantil, eu jamais os perdi. Com prazer os recordo por vezes reconstituo na imaginação a figura dos companheiros de infância, a maneira dos nossos jogos, a postura respeitável das pessoas de mais idade e, dominando a todos, a imagem de Sinhã, daquela a quem chamavamos Sinhã de Comêlo, que me deu a primeira educação, acolhendo-me sob o seu teto, como num seio materno, bondoso, e tão cheio de carinhos que jamais esquecerei.

Nasci a 7 de Janeiro de 1855, diz a minha certidão de batismo, passada pelo velho Padre José Maria Machado, vigário de Nossa Senhora de Bom Jardim, onde se celebrou o ato e se fez o registro.

9.2 MOMENTOS DE IMPACIENCIA

V. P. D. M. V.

Jovem ainda, eu tornado immovele diante da mobilidade inflexivel dos tempos, sujeito às leis immutaveis da natureza, e acurvado sob a fria rigidez do destino, vi, por diante de mim, passarem em sucessivas ondas a torrente enorme dos acontecimentos rápidos; senti, já abalado diante dos vendavais da vida um sentimento de tristeza envolver-me em constante e negro véo; e, por entre as rupturas escapadas à inflexibilidade do soffrimento, espreitei saudoso uma outra onda de prazer, que tardia vinha-me, para mais cedo fugir, ir ao longe summando-se a medida que se entranhava no seio immenso do passado.

Senti empanar-se-me a vista com lágrimas vertidas do coração; e eram ellas abundantes, porque grande o coração, que as vertia, eram ellas sobretudo sinceras, porque não menos sincero e virgem o peito, que arquejava sob a mão fatídica de um pesadelo cruel.

Eu senti sobretudo, que mão do destino só havia traçado ' nas páginas da minha vida juvenil, a tristeza, o soffrimento, e por vezes a miséria!...

Viajor pequenino a trilhar os atalhos da vida, bem depressa conheci a immensidão dos meus labores, pobre e sem companheiros sobre a terra, vi bem cedo o quanto é grande o fardo do soffrimento.

Alentado por uma esperança, eu redobrava de fôrça, quando com a difficuldade pela frente, ia parar para não subir.

Se alguma vez reposei na vida, foi a limpar as bagas de suor nobilitado pelos labores e santificadas pelo soffrimento.

Se algum dia sorri, foi por esquecer-me de que soffria. ' Alegria nunca embalou-me, porque a minha mocidade só recebeu por apanágio o padecimento.

Romeiro solitário só descansei à sombra de um tecto amigo,

porque algumas vezes encontrei entre os homens um sentimento nobre e divino: a caridade.

Um dia posei a cabeça abrasada sobre a pedra dura do meu negro fado; a insonia da noite activou-me a ambição do porvir; e viajante perpertuo de caminhos escabrosos, arrojé-me às largas estradas de rosas das illusões.

As lagrimas de fogo, que por muitas noites banharão-me as faces lividas, attestarão o lutto do meu passado; e só lagrimas de fel me arrancarão as incertezas do futuro.

O meu corpo desfalecido jazia assim em um leito de brasas, e foi em horríveis contorções que passei por essas longas horas de agonias terriveis.

Tormentos crueis são estas, em que o espírito manietado, pelas dúvidas depois de ter-se enfastiado de misérias vive na miséria e só espera a miséria!... Tormentos horriveis são estes que depois de escruciarem o espírito, só trazem o suicidio d'alma!...

Enorme desespero!...

O espírito vôa até estas regiões infindas do futuro, penetra nas escuridões desta immensidade, e tacteando nas trevas as imagens, que ambiciona, fatiga-se consome-se, e depois de tantos labores volta prenhe de dúvidas, a recolher-se a um corpo languido e coberto de suores frios.

Cruel insania!...

Renova incansavel expedições temerárias, e não menos rico de decepções, volta sorrindo, como se só lhe bastasse o vencer o tempo para abraçar a imagem querida das suas queridas ambições.

Elle ri-se ou lamenta-se, chora ou contenta-se n'uma alternativa sem fim, sem mais outra riqueza do que um montão de dúvidas.

Terrivel impaciência assalta o espírito então; e com ella cruel martyrio!...

Mas é uma lei fatal; contra a qual em vão se revolta o

homem.

Hã nisso, certamente, um quer que seja de providencial: a animação excitada pela curiosidade.

Deus quando decreta, é porque a necessidade é inevitável; quando determina, porque inflexível é a sua lei.

Eis ahí o caso único em que a dūvida martyrizando o espírito activa o homem; o único caso em que a ignorância é um bem, é uma sciencia, porque verdadeiro saber é conformar-se com ella.

Mas o homem que padece tem tal sofreguidão de futuro; que a sēde desse licor da vida tornão-nos um cadaver rodeado de esperanças.

E o homem agitado nestes momentos de impaciencia ignora que um dos maiores encantos do futuro é o estar longe.

9.3 PENSAMENTOS

I

A frieza dos mortos invade, por vezes, a existencia dos vivos; então esse gêlo da morte torna-se uma verdadeira anthithe^{se} se do que é; porque o vigor de outr'ora da vida d'aquelles, rasgando, as barreiras do tempo, goza do dom da ubiguidade em todas as epochas: Tal é a dos homens exemplos.

II

O homem nada n'um oceano de occasiões e de circunstâncias; porem aquella que é a synthese de todo o seu destino é uma e única; esse momento singular é a vida ou morte, a glória ou a vergonha desse complexo sublime de difficuldade e de mystérios.

III

A morte não é para ser temida dos homens, porque senão, é o nascer para uma vida melhor, é, por sem dúvida, a única e verdadeira estrada das desilusões.

A curiosidade, que ella nos proporciona, seria por si só sufficiente para habilita-la no consenso humano.

IV

O homem, que conscienciosamente duvida, caminha reto para a verdade; o que tudo nega sem bases, é criminoso ou leviano, porque começa, sem o querer, por duvidar de si mesmo.

V

O berço e o túmulo, o nascimento e a morte; eis tudo quanto há de real e verdadeiro nesta curta carreira, que chamamos, a vida.

VI

A vida é uma cadeia de factos presa a dois marcos immoveis e inabalaveis: O berço e o túmulo.

VII

Como o berço recebe o vagido dos vivos, começando-lhes a estrada para a morte; o túmulo recebe os suspiros do moribundo, abrindo-lhe a ampla estrada de uma vida cujo fim debalde procuramos.

VIII

A relatividade nas causas humanas é a chave de tudo quanto o absoluto tornaria um enigma.

É natural, aquella sujeitar-se ao característico da humanidade, ou lhe imprime esta feição tornada esssencial, este é alguma cousa de mais, vela-se do inconcebivel, e torna-se um verdadeiro abismo para a intelligência. Aquela presta-se à alma do homem; este se lhe revolta, por pertencer a uma esphera maior.

IX

A relatividade dos bens faz cõxa a inflexibilidade da justiça.

X

Se és atheu sem malícia, espera pela lógica do Tempo.

XI

O atheu sem malícia é um templo a espera de uma divindade; vós, que credes, não o condeneis, é uma alma fraca, que já vende um culto ao deus desconhecido, quando o discute ou esforça-se por comprehendê-lo.

XII

Quem nega o que não comprehende está tão longe do ser criminoso como o que não trabalha por não ter forças. Se não é franqueza é ousadia de sua alma.

XIII

A sociedade humana é uma soberana despótica que não tolera resistencia audaz; só uma causa a modifica ou antes a adorna: A opinião.

XIV

A sociedade humana é a vida tornada perpétua.

XV

Há nomes, que não são propriedades de quem os traz, são verdadeiras joias da patria, que com elles se adornam.

XVI

Os olhos são espelhos mágicos que nunca nos escondem o que as palavras nos occultam, enquanto folgamos com as belas imagens, que elles nos reproduzem, revelam com franqueza os arcas nos do coração.

XVII

Quando não sabeis os segredos, não condeneis a ambição.

XVIII

É natural em quem precisa procurar o que lhe falta; dahi a ambição, fogo sagrado, que nunca se extinguiu n'alma.

XIX

Aonde está o homem, ahi a aspiração.

XX

De todas as ambições, a mais esplendida, a mais ousada, a mais terrível é aquella que se apaga com o último suspiro. Deve ser ardente esta aspiração verdadeiramente sublime quando o homem irregelado pelo sôpro da morte, procura robustece-la com o último suco de sua vida.

XXI

O coração muitas vezes esquece-se da sua missão para executar aquillo que a razão instantemente repugna.

XXII

Teimam em taxar a matéria de inerte, mentira, nada trabalha tanto, nada cumpre melhor o seu destino. A infatigabilidade dos seus movimentos daz das suas evoluções verdadeiros mistérios; e a intelligencia despeitada é que a repelle por não poder segui-la.

XXIII

A razão e o coração bem poucas vezes deixam de estar em antagonismo; este pulsa despeitado da sua séde secundária, aquella conserva-se fria e grave sobre o throno da intelligencia.

XXIV

Não poucas as vezes o homem coloca o coração no cerebro, e a razão sob o peito; dahi vem que nunca acerta, quando assim prossegue; o coração ao mesmo tempo que se inebria com o triumpho, estremece e vacilla com os protestos do usurpado.

XXV

A miséria é chave de muitos impossíveis.

XXVI

É necessário o erro para realce da verdade.

XXVII

O erro de um é lição para muitos.

XXVIII

É na luta entre o erro e a verdade, entre as trevas e a luz, que se avigoram os passos da sociedade.

XXIX

É na escola das provações que se criam as almas grandes.

XXX

Os caracteres se firmam nos choques repetidos do martello da adversidade.

XXXI

Há caracteres, que, como a cera, se derretem ao menor influxo de uma tentação; susceptíveis de tomar todas as formas, 'elles só tem abnegação petulante da infamia; é assim que elles não duvidam morrer porque esperam por todos os meios ressucitar.

XXXII

São sentindo se crê no que não comprehende.

XXXIII

Quando a patria chora, e os seus momentos se cobrem de crepe, é porque o pantheon de suas glórias conta mais um vulto de heroi. O seu pranto é animação para os seus filhos, o seu luto o preço de novos herois.

XXXIV

Caracteres, que se humilham com os únicos títulos de sua nobreza, são exploradores da credulidade pública.

XXXV

Quem vive de apparencias declara guerra à intimidade.

XXXVI

A paixão baixa é a loucura do coração.

XXXVII

O homem apaixonado é o que se vende ao soffrimento por não poder ser escravo do prazer.

XXXVIII

Alegra-se o homem por contar um anno de mais, por não lembrar-se que mais um passo approximou-o do túmulo.

XXXIX

A mão do tempo quando não apaga ou confunde, adorna sempre do maravilhoso a imagem dos factos.

XL

A saudade é uma fada, que sempre cobriu de encantos os tempos que não vem mais.

XLI

As lágrimas do pobre são perolas divinas que os homens não sabem apreciar; mas que Deus recolhe na arca santa do seu thesouro de bondade de sua misericórdia.

XLII

Uma lágrima é um oceano de graças aos pés do Eterno.

XLIII

As lágrimas vertidas de um coração enfêrmo trazem consigo um vigor, qual não possuía o ente que nol-as mostra.

XLIV

Tu soffres? Pois bem, chora, porque as lagrimas aliviam o teu coração; mas não pouses em lamentar a tua sorte, porque quando soffres a felicidade te ascena.

XLV

Quando comprehenderes o mystério da vida, tuas dores serão menores e teus prazeres mais comedidos.

XLVI

Quem sofre pelos seus semelhantes é um homem ousado e feliz; rouba a Deus uma parcela de seus attributos e uma aureóla da sua glória.

XLVII

Há alegrias tão doces, tão sublimes e tão violentas que, como as flores mais encantadas que só vivem o espaço d'uma manhã, sucumbem com o coração, que afagarão.

XLVIII

A morte do justo é a saudade da terra e a alegria do céu, passa-se entre chuvas de prantos e encantos de melodias. Aos homens lega as suas cinzas para serem humidecidas de lágrimas, aos anjos a pureza do seu espírito a ser banhado de luz.

XLIX

A taça de prazeres com que se embriaga o coração, é um lago de fel em que muitas vezes se afoga a consciência.

L

Hã grandezas e satisfação que matam verdadeiros gênios.

LI

Os homens de genio morrem sempre no seio de sua grandeza; porque para ele até o abatimento é realce.

LII

Hã ambições, que arrebatadas pelas luzeiros de glória sô queimam suas asas herculeas nas chamas excitadas de sua satisfação.

LIII

Uma ampla satisfação é o único tûmulo digno de uma ambição nobre.

LIV

O homem ambicioso deve ser de natureza enérgico nas suas vontades. Criado para dominar, tudo que o excita, que o encanta ou offusca é captivo do seu intento inflexivel e tenaz. Esses homens ousados devem ser senhores sempre, escravos nunca.

LV

Porque escarneceis da miséria? Não sabeis ser ella a mãe de muitas grandezas, e a perceptora de muitos herois?

LVI

Hã miseráveis, que tem a riqueza nas suas mãos e são verdadeiros miseráveis. Os andrajos que mal cobrem os seus membros robustos, a todos os instantes, lhes lançam em rosto a infamia de sua cobardia. Desgraçados que choram e se lastimão porque a providência assim a estimula... Eis a miseria criminosa.

LVII

Os miseraveis grandes são luzeiros que a providência mergulha nos negrumes para mais realçar-lhes o brilho.

LVIII

Jã vistes coração sem paixões? pois bem, quando legisladores, não lhe sejais intolerantes, deixai um lugar para ella que presumidas, são terriveis na sua colera.

LIX

Se cada desgraça é o baque de uma esperança, cada infortunio é a vespera de uma felicidade.

LX

Se quesres ter, ascendente sobre teus circunstantes, aprende primeiro a te-lo sobre ti mesmo.

LXI

A ignorância foi sempre a maior inimiga da modestia dos sábios.

LXII

O homem no mundo só deve ter um orgulho, o de não ter praticado o mal, porque gabar-se de fazer o bem, implica a ignorancia de um dever social e divino.

LXIII

O infinito é certamente uma imagem caprichosa, se correis atrás della, ter-vos assoberbado pela sua amplidão, se lhe virais as costas, acha-la-eis ainda pela frente no mais infimo das partes.

LXIV

A razão, que é immensa, domina ao cerebro, que é pequeno; o coração, que é minguado no corpo, que é grande; eis ahi porque aquella é a sede do sublime, e este outro a do materialismo: a razão tudo a dilatar pelo espaço, no mesmo tempo que o coração só pulsa para a terra.

LXV

Quando o futuro já nos não pode attrair é porque ou já estamos encarnecidos na vida ou porque uma fatalidade nos traz uma velhice precoce: No primeiro caso pode haver alguma nobreza, no segundo só pode haver desdouro, ou desespero.

LXVI

A mais pequenina circunstancia basta para constituir em propiedade aquilo que o suor não sagrara com o direito.

LXVII

As revoluções populares produzem sempre alguma cousa boa, quando as catequisaram os desenganos, perniciosos, quando para lição os erros havidos são impotentes ou apoucados.

LXVIII

Quando o pove rege e vocifera, há sempre o que aplaudir e muito o que se lamentar: a violencia com que se acordava um di-reito, e os homens que infalivelmente se lhe seguem.

LXIX

Tu ensinas? tu tens forças para guiar um espirito Tu tens uma razão viril? Pois bem, conta com a que se deve a um pai, e com os respeitos que adquire a nobreza do trabalho.

LXX

Ensina o teu espírito a saber manter-se altivo e tu serás um homem.

LXXI

Vai, e quando tivesse consciencia de haver bem conhecido um homem, toma por teu amigo.

LXXII

Obra, para teres orgulho de ti mesmo, mas nunca penses em proclama-lo sobre os teus semelhantes. Quando tens a verdadeira nobreza da consciencia, não prefiras outra conferida pelas massas.

LXXIII

As sentenças da consciencia são condenação sem apelo.

LXXIV

A humanidade precisa de dores, porque tambem precisa de nobrezas.

LXXV

Moço, lembra-te: que cada hora, cada minuto que perdes, é um degrau de menos que has de subir no pantheon das glórias patrias.

LXXVI

Se tu és perfectivel, não te envergonhes nunca de teres sido o que fostes.

LXXVII

As glórias do passado, garantem-nos respeito dos presentes, e exigem ressurreição no futuro; e assim que a história nos ensina a viver.

LXXVIII

A glória é coroa esplendente tecida pelas mãos da fama com flores colhidas nos campos do trabalho.

9.4 - HISTÓRICO ESCOLAR DE TEODORO SAMPAIO

Armario n.º ~~11~~

Leandro Fernandes de Lameira

Maço n.º ~~11~~

TA
26

~~11~~

N.º de ordem

~~31~~

Eng.º 1872

Obediente que servindo o Sr. de
 D. João de Almeida Parachia de e Nossa
 Senhora de Ajuda do Bom Jardim
 n'elli af. Parachia o offente de hui da
 quinta e os deus de hui de mil
 Jota cento e cinquenta e cinco n'esta e hui
 do Bom Jardim batizou solemnemente e puz o
 santo Oleo a Theodoro com id. de go
 nascido a sete de Janeiro d'este mesm' anno
 filho natural de Domingas da Paçoa sin
 do de Cadrenhi o capellam e Theodorico Lo
 pez Prabello a sua mais constancia de
 clausa se wa e d'este offente que fclmente copri
 u. o longo fcl. Jose Maria Machad
 Obediente de N. S. de Ajuda do
 Bom Jardim 27 de Set. de 1808

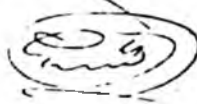
Obediente fcl. Jose Maria Machad

Amados
 de N. S. de Ajuda do
 Bom Jardim
 Obediente fcl. Jose Maria Machad



N. S. de Ajuda do
 Bom Jardim
 Obediente fcl. Jose Maria Machad
 Pedro Maria Machad

110806
 8.º Ordem de 110
 1.º de 1072



INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA DO
 MUNICÍPIO DA CÔRTE.

CERTIDÃO

DE

EXAME DAS MATÉRIAS ENCIMADAS, COMO PREPARATORIOS, PARA ADMISSÃO À MATRÍCULA NOS CURSOS
 DE ESTUDOS SUPERIORES DO IMPÉRIO.

Certifico que do Livro 4 dos exames Preparatórios desta Inspec-
 toria consta que o Sr. Alfredo Fernandes Damasceno
 foi examinado em Latim e R.
 nos exames verificados em 11 de Novembro de 1872
 e obteve a nota de aprovado.

Secretaria da Inspectoria Geral da Instrução Primária e Secundária do
 Município da Côrte, em 9 de Novembro de 1872.

O Secretario

Albino das Neves Leão

11000
Off. Privado
9 de Maio de 1872



INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA DO
 MUNICÍPIO DA CORTE.

CERTIDÃO

EXAME DAS MATÉRIAS EXIGIDAS, COMO PREPARATÓRIAS, PARA ADMISSÃO À MATRÍCULA NOS CURSOS
 DE ESTUDOS SUPERIORES DO INTERIO.

—
 Certifico que do Livro 4, dos exames Preparatórios desta Inspec-
 toria consta que o Sr. Aluísio de F. Fernandes Lameira
 foi examinado em Arithmetica
 nos exames verificados em 15 de Novembro de 1872
 e obteve a nota de apropriação.

Secretaria da Inspectoria Geral da Instrução Primária e Secundária do
 Município da Corte, em 9 de Fevereiro de 1872.

O Secretario

Aluísio de F. Fernandes Lameira

110810,
 6/ Chiracil met. 1872
 1 de Jan. 1872



INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA DO
 MUNICÍPIO DA CORTE.

CERTIDÃO

DE

EXAME DAS MATÉRIAS EXIGIDAS, COMO PREPARATORIOS, PARA ADMISSÃO À MATRÍCULA NOS CURSOS
 DE ESTUDOS SUPERIORES DO IMPÉRIO.

Certifico que do Livro 1 dos exames Preparatórios desta Inspe-
 toria consta que o Sr. Alfredo de Almeida da Silva
 foi examinado em Geografia
 nos exames verificados em Exercício de 1872
 e obteve a nota de aprovado

Secretaria da Inspectoria Geral da Instrução Primária e Secundária do
 Município da Corte, em 9 de Setembro de 1872.

O Secretario

 Thomaz de Almeida

1000
 de Curitiba
 11 de Junho 1872
 Juan



INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA DO
 MUNICÍPIO DA CÔRTE.

CERTIDÃO

EXAME DAS MATÉRIAS EXIGIDAS, COMO PREPARATÓRIOS, PARA ADMISSÃO À MATRÍCULA NOS CURSOS
 DE ESTUDOS SUPERIORES DO IMPÉRIO.

Certifico que do Livro 1, dos exames Preparatórios desta Inspe-
 toria consta que o Sr. Alfredo Guimarães Simões
 foi examinado em Letras e Matemática
 nos exames verificados em Novembro de 1872
 e obteve a nota de aprovado.

Secretaria da Inspectoria Geral da Instrução Primária e Secundária do
 Município da Corte, em 9 de Junho de 1872.

O Secretario

Alfredo das Neves Leal

6. B. ...
11. ... 1872
[Signature]
[Signature]
[Coat of Arms]
[Circular Stamp]

INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA DO
MUNICÍPIO DA CÔRTE.

CERTIDÃO

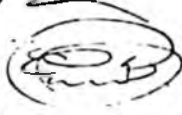
EXAME DAS MATÉRIAS EXIGIDAS, COMO PREPARATORIAS, PARA ADMISSÃO ÀS ESCOLAS
DE ESTUDOS SECUNDÁRIOS DO IMPÉRIO

Certifico que do Livro 1.º dos exames Preparatórios desta Inspec-
toria consta que o Sr. Thomé de F. Fernandes Lamp
foi examinado em Chegada
nos exames verificados em Março de 1869
e obteve a nota de aprovado

Secretaria da Inspectoria Geral da Instrução Primária e Secundária do
Município da Côrte, em 4 de Setembro de 1872.

O Secretario
[Signature]
[Circular Stamp]

116851
 G. Chaves de Almeida
 12 de Junho 1872



INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA DO
 MUNICIPIO DA CORTE.

CERTIDÃO

DE

EXAME DAS MATÉRIAS EXIGIDAS, COMO PREPARATORIOS, PARA ADMISSÃO À MATRÍCULA NOS CURSOS
 DE ESTUDOS SUPERIORES DO IMPÉRIO.

Certifico que do Livro 4 dos exames Preparatórios desta Inspe-
 toria consta que o Sr. Theodoro Fernandes de Sampaio
 foi examinado em Geographia
 nos exames verificados em Fevereiro de 1872
 e obteve a nota de aprovado

Secretaria da Inspectoria Geral da Instrução Primaria e Secundaria do
 Municipio da Corte, em 9 de Março de 1872.

O Secretario


Theodoro das Neves Lima

Rec. de Junho em 31 de ...

1.º Curso Typico de Theoria, Elementos de Geometria
 Habilitado em 1901 5.º no habilitacao para
 a matricula de Lawa em 1873. Habilitado em Lawa
 e Ingles pela Universidade Publica em 1874. 13.º
 2.º Curso } Aula 1.ª Habilitado em 1901 5.º
 3.º Curso } 2.ª Aula Habilitado em 1901 5.º
 4.ª Aula Habilitado em 1901 5.º

1.º Curso } 1.ª Aula 5.º
 2.ª Aula 5.º
 3.ª Aula 5.º
 4.ª Aula 5.º
 5.ª Aula 5.º
 6.ª Aula 5.º
 7.ª Aula 5.º
 8.ª Aula 5.º
 9.ª Aula 5.º
 10.ª Aula 5.º

1.º Curso } 1.ª Aula 5.º
 2.ª Aula 5.º
 3.ª Aula 5.º
 4.ª Aula 5.º
 5.ª Aula 5.º
 6.ª Aula 5.º
 7.ª Aula 5.º
 8.ª Aula 5.º
 9.ª Aula 5.º
 10.ª Aula 5.º

1.º Curso de Jurisprudencia e Legislaçao
 em 1901 de 1875.

1.º Curso } 1.ª Aula 5.º
 2.ª Aula 5.º
 3.ª Aula 5.º
 4.ª Aula 5.º
 5.ª Aula 5.º
 6.ª Aula 5.º
 7.ª Aula 5.º
 8.ª Aula 5.º
 9.ª Aula 5.º
 10.ª Aula 5.º

est 118

Theodoro Fernandes Sampaio, natural da provincia da Bahia, de idade de 17 annos, como prova a certidão desjando matricular-se no primeiro anno da Escola Central, e tendo sido approvado nos exames seguintes: Latin, Historia, Geographia e portuguez, como dizem os attestados annexos, pela V^a Ex^a que o manda matricular para o curso de Humanidades.

C. R. M.^a

Theodoro Fernandes Sampaio

Rio de Janeiro de Fevereiro de 1872

9.5 RELAÇÃO DOS FORMANDOS EM ENGENHARIA CIVIL
NO ANNO LETIVO DE 1876

Adolpho Gomes de Albuquerque
Alberto Saladino Figueira de Aguiar
Alfredo Augusto Campos da Paz
Alfredo Hervey da Silva
Americo Werneck
Antão Gonçalves de Faria
Antonio Pereira Simões
Bento Francisco Sayão Lobato de Bulhões Carvalho
Carlos Alberto
Constante Affonso Coelho
Domingos Sergio de Saboia e Silva
Eloy David Benedicto Ottoni (Bacharel)
Fortunato Fausto Galo
Francisco Barreto Preanco da Costa
Francisco Luiz Loureiro de Andrade
Francisco de Souza Reis
Gustavo Adolpho da Silveira
Henrique Jose Alvares da Fonseca
João Pereira Ferraz
José Alvares de Araujo e Souza
José Augusto Brandt de Bulhões Carvalho
José Francisco Cantarino
José Pereira Rebouças
José Praxedes Rabello Bastos Filho
Joaquim Francisco Leal Junior
Joaquim José Barrão
Jorge de Imarais
Luiz Texeira de Bittencourt Sobrinho
Lucas Teixeira de Souza Magalhães
Manoel Ferreira Saturnino Braga
Miguel Ricardo Galvão
Rodolpho Henrique Baptista

Samuel Severino Figueira de Aguiar

Theodoro Fernandes de Sampaio

Tito Augusto Franco de Almeida

Tobias Tell Martins Moscoso

9.6 CARTA DE FABRÍCIO DUTRA PARA THEODORO SAMPAIO

São Paulo, 12 de agosto de 1903

Meu caro Theodoro

Escrevo-lhe esta, profundamente pesaroso com a revoltante injustiça que você sofreu vendo-se obrigado a pedir demissão de uma cargo que exercia com a maior solicitude e brilhantismo.

Não lhe valeram nem a capacidade profissional nem a velha reputação literária do amigo, tudo foi de somenos importancia pa ra chegarem aos seus nojentos fins.

Realiza-se agora meu caro Theodoro, o que ha tempo lhe ' disse em carta, quanto ao character vil e a infâmia de sentimento dos paulistas. Verã que não foi exagerado em coisa alguma, pois realmente nesta pátria paulista só existem: Inveja, orgulho, vaidade fôfa, covardia, traição e estupidez.

Com você muitos desses comprovados sentimentos foram postos em evidencia. Tinham inveja de seu talento e do seu nome nas lettras. Dahi a campanha surda e traicoeira que lhe moveram e que acabou de ter agora o seu natural desfecho.

O Piza que era tachado de inepto e maluco pelos magnatas da situação que só queriam achar meio de alija-lo da política, foi o instrumento para valorisar essa obra de iniquidade com a sua pessoa.

Não é debalde, Theodoro que eu lhe disse que os bahianos aqui eram considerados como párias, valendo menos que os relês calabrejes... e o aconselhei a não mais engrossar os paulistas como você várias vezes tem feito.

Qual foi o lucro?

Cá pra mim vou vivendo com a manha necessária fugindo de dizer que sou do Norte e adulando a mais não poder para conseguir o que já consegui. Impingir a estes idiotas o matricumi de ser capitão da Guarda Nacional.

Como vês, portanto, o nosso mal é de origem. Elles não toleram que o nortista mostre o que vale e que conquiste as posições que lhes pertencem par droit de naissance.

A prova é o que acabam de fazer os vilões. Você foi apostrofado por essa gente de um modo bárbaro e vil. Que lhe sirva isso de lição para o futuro, e, de hoje em diante viva com manha, que é o único remédio para para se viver no meio destes paulistas. E desculpe-me a franqueza.

Sem mais sou de V. adm. Patrº cdº. Amº

Fabrício Dutra

9.7 CARTA DE THEODORO SAMPAIO AO DR. FRANCISCO
BORJA MANDACARÚ ARAUJO

Bahia, 6 de Junho de 1913

Meu caro Dr. Francisco de Borja Mandacarú Araujo

Accuso recebida e muito agradeço ao amº a participação que me faz do seu casamento a 3 de Maio passado com a Exma. senhora D. Alice de Barros. Faço estas linhas expressamente para manifestar a ambos, com os meus sentimentos de affecto, os meus votos bem sinceros pela sua felicidade no novo estado.

Em todos os actos da nossa humana existencia hã sempre um ideal a atingir. No casamento, esse ideal, não raro, enche muitos e longos annos de um aspirar continuo de fagueiras esperanças, mas quando esse ideal se atinge e quando as esperanças se realizam, a vida então não é propriamente um valle de lágrimas ' se porventura não é tambem um arremedo do paraíso.

Na minha idade, aos 58 anos, quando já os desenganos nos pevertem as docuras da alma, eu sou ainda e creio que o serei en quanto viver, um fervoroso crente do ideal, pois que sempre o ti ve e o alimentei na vida. Tenho mesmo para mim que, sem fé e sem ideal, não vale a pena viver.

Os que se casam e porque se casam, são como essas flores nascidas à margem da corrente, cujas pétalas as vagas cêleres da esperança arrebatam e o sopro do ideal impelle na direção do futuro. A nossa felicidade na vida está nisto: deixar-se levar na corrente ao sopro do vento, embalado n'um ideal que não se acaba.

Parece que estou a falar como um mção a que a vida ainda sorri inexperta. Não sei se me exprimi bem, ou se a minha fé no

ideal não é uma mera ilusão; mas ilusão ou não, assim é que vivo e quero viver. A vida não é outra coisa.

Termino, reiterando os meus votos pela sua felicidade e desejando que, sempre que fôr possível, me dê notícias suas das longinquas terras Goyanas, onde vai residir.

Deus guarde ao collega, como o deseja quem e seu amigo e obrigado servidor.

Theodoro Sampaio

9.8 CARTA DE THEODORO SAMPAIO A DR. LUIZ
ANSELMO DA FONSECA

Bahia, 12 de Fevereiro de 1918

Meu caro e ilustre amo Snr.
Dr. Luiz Anselmo da Fonseca

Com muito saudar ao meu sábio amigo a quem Deus guarde por muitos anos, venho agora, com prazer, dar resposta aos sete quesitos que formulou e me remetteu, a 11, a propósito do estado religioso dos nossos brasis, ao tempo da invasão europeia no Novo Continente, e também sobre a nacionalidade de algumas tribus selvagens do Valle do Rio da Prata.

Envolvem esses quesitos um problema vasto:

_____ crenças e raças dos indigenas sul-americanos.

Como bem sabe o meu eminente amigo, reinava grande desigualdade entre os povos americanos, ao tempo do descobrimento de Colombo, desigualdade mui assignalada tanto no civio como no religioso. O Muysca do Cundinamarca e do planalto de Bogotá, e o povo peruano de lingua quichuã, O aymarã sob o domínio dos Incas, nos planaltos andinos de Cuzco, não se podiam comparar, no seu prograssso social com as tribus ou nações inumeras que alastravam as terras baixas a oriente dos Andes, desde as Savanas do orenoco, desde os Ygapões do Amazonas as catingas do Nordeste Brasileiro, os pampas do Rio da Prata, até as planícies arenosas nos con fins da patagonia.

Aquelles, assim como os povos, os mayãs, da América Central e do Iucatan e os aztecas do México, povos habitantes, no Geral, dos planaltos frios, onde mais rápido brotou uma civilizaçãõ à margem dos lagos caspios, na orla do Oceano Pacífico, não

se podem decerto comparar com essas nações obscuras, dispersas, atrasadas dos valles sul-americanos, sem bem que nem todas essas nações estivessem no mesmo nivel de desenvolvimento; pois que, como se sabe, tribus basilicas havia mais adiantadas umas do que outras. A nação selvagem, por exemplo, que fabricou a louça encontrada nos aterros sepulcrais de Marajó ou aquella outra que deixou a cerâmica esplendida, achada in situ, nos hypogeus da terra firme do lado do Macapá por Emilio Goeldi, não soffre para lelo com o branco botocudo do baixo Jiquitinhonha, em nivel tão inferior, quasi nos limites da animalidade.

O Gentio maracá, capaz de trabalhar a nephrite, a preciosa pedra verde do selvagem, o Crystal de rocha, o brilho ou-água marinha capaz de extensas inscrições lapidares que, há dous anos, examinei no médio paraguassû, não pode ser comparado com o bruto aymorê que nem um abrigo sabia construir para se proteger contra as intempéries.

Inúmeras, em verdade, eram as tribus basilicas e diversas as linguas que falavam.

Encontraram os europeus, naquelles primeiros tempos, o paiz dominado no litoral por tribus da grande nação tupi, que in vadindo as terras possuidas por gente de outras nações, conquistaram tudo ou quasi tudo, ao longo do mar, donde expeliram os primitivos habitantes. Chamavam-se a estes por forma genérica ou generalizada - Tapuyas - titulo de menosprezo dado pelos tupis vencedores.

Com os tupis entraram logo os europeus em contato, estudando-lhes os costumes, lingua, religião e artes.

O que hoje se sabe dos tupis quanto às suas crenças religiosas, objecto aqui dos primeiros quesitos, Veiu-nos por intermédio dos missionários. Cathólicos, encarregados de converter esses bárbaros à doutrina do Evangelho.

Ressentem-se disso as notícias que de taes crenças nos

chegaram por essa via. Mas, ainda assim, o que se colhe da Theogonia indigena, como era ela, antes de sofrer o influxo da nova doutrina, é que os brasis (Tupis e não tupis), em matéria religiosa, estavam n'um estado de fetichismo rudimentar.

Era entre elles acceto o principio do bem e do mal, e a serviço disso admitiam a existencia de genios ou espiritos, com o mesmo sentido que o grego primitivo dava aos seus Saiwwv, isto é, deuses, manes dos antepassados etc.

Não tinham ideia de um ser supremo, criador de tudo o que existe. Verdade é que na lingua dos tupis se notam reflexos de uma religião ou culto dos astros, procedentes talvez de algum povo mais adiantado com quem tenham estado anteriormente em contacto. Haja vista os nomes do sol e da lua no tupi, isto é, guaracy e jacy respectivamente. O primeiro, guaracy (guara-cy), significa --- gerador ou mãe dos visitantes, o segundo, jacy (ja-cy), quer dizer - gerador ou mãe dos fructos.

O facto linguístico, inegavelmente, revela resquícios de astrolatria.

Tupã ou Tupana, como outros escreveram, com o sentido que damos a Deus, supremo criador do Universo, é idéa nova, introduzida pelos europeus.

Criram os catechistas esse nome ou acceitaram do Vocabulário tupi primitivo, não com o seu sentido próprio (tu-pã) = golpe resonante, pancada estrodante, mas como se fôra vocabulo, com posto dos elementos tub-ã, que litteralte significa - pai elevado, pai que está no alto.

Não davam os tupis a Tupã esse significado que o grego antigo dava a zens, genio que, no alto, trafegava e expedia o raio.

Na crença desses bárbaros não havia um genio bom, supremo dominador, havia, sim, genios diversos, uns que só faziam o bem e outros que só faziam o mal aos homens. O amanayara, por exemplo, era um genio bom que trazia a chuva em tempo próprio. Mas,

aos genios bons porque era do seu natural fazerem o bem, não prestavam esses bárbaros culto algum. Julgavam ocioso propiciar a quem não fazia ao homem senão o bem. Não se arreceiavam desses genios maus, à frente dos quais estava Jurupari, entidade diabólica sempre representada com uma medonha carranca, dentes arreganhados, como ainda se vê nos rochedos das cachoeiras do Orenoco, do Amazonas e nos seus diversos afluentes, maxime nos da margem septentrional deste. Nos logares difíceis das passagens do rio, nos pontos mais perigosos da navegação é que, segundo esses barbaros, Jurupari gostava de estanciar para o fim de fazer mal aos viandantes.

A Jurupari, sim, cumpria ao homem abrandar-lhe a cólera, valia a pena propiciá-lo, fazer sacrifícios, representá-lo em imagem pintada ou gravada toscamente nos penhascos e rochedos.

O mal, que Jurupari fazia ao homem, deparava-se-lhe muita vez na forma do veneno das serpentes, na da voracidade dos jacarés e das onças, nas diversas modalidades de sofrimentos, por esse motivo então é que o gentio procurava venerar certas cobras, representando-as em figura, assim como os jacarés, onças (jaguará) e outros animais daninhos, como outros tantos auxiliares de Jurupari, como disfarce desse demônio, figuras que se desenhavam em rochedos e logares próprios tendo um sentido propiciatório.

É como se vê, a religião natural, firmada no medo e terror da criatura.

Na theogonia indígena, Jurupari, presidindo o mal e buscando sempre exercer-lo contra o homem, aparece-lhe às mais das vezes em sonho, toma forma sensível quando a criatura dorme e lhe experimente os horriveis pesadelos; é ahi que elle bem se caracteriza no espirito do homem. Servem-no outros genios maus. O Curupira, por exemplo, cujo nome quer dizer - o chegado, o pústu loso, era o portador do mal terrível que era o piau, disimador das populações indígenas; o Caapora, que outros dizem Caipora, e significa morador do mato, genio propriamente da matta, dado às sevicias e aos espancamentos com que affligia ao caçador perdido

na floresta virgem; o Anhanga (não Anhangá como muitos dizem, e Gonçalves Dias escreveu por necessidade do verso genio mau, cujo nome tupí quer dizer - alma errante - espirito vagabundo, dado a rondar as aldeas e habitações, à cata de occasião para fazer o mal; O Anguêra, a alma do morto, moradora nas taperas, ou aldeas abandonadas, donde sahia a assombrar os viadantes; o Sacy-Sapere rê, nome cuja tradução é - Olho doente - Olho tremeluzente - genio maléfico, com um olho fechado e outro aberto, muito vivo e reluzente, dado à toda sorte de diabruras no intuito de difficul-
tar a vida humana, disfarçando-se, às vezes, em pequeno pássaro, como a andorinha e como ella morando nas taperas; o Macayêra, que uns pronunciavam erroneamente macachêra, vocábulo que exprime Cousas Ardentes ou que queimam, com o qual denominavam o fôgo fátuo, comunissimo então nos pantanaes daquelles tempos, tinha, com a sua luz misteriosa, phosphorescente, um grande efeito no ânimo do selvagem, produzindo terror panico nos viadantes, assal-
tando-os pelos caminhos.

Acreditava o gentio brasileiro na outra vida, depois da morte.

A alma humana, an, enquanto n'um corpo vivo e anguêra depois da morte, si procedia de gente bôa, amiga, ia residir n'uma região longinqua, visiveis de seu paiz; donde procede essa denominação tão repetida na nossa orthographia do sertão - Serra das Almas, que se encontra no Brasil inteiro. Nessa região longinqua, a alma do morto, em companhia das dos seus antepassados, vi via feliz, dançando e cantando sem jamais lhes faltar cousa alguma. Se, porem, a alma precedia de gente mã ou inimiga, ficava então morando na tapêras, a serviço de Jurupari.

Nessa crença de uma outra vida, após a morte, enterrava o gentio os seus mortos, como quem ia viajar, pondo-lhes na sepultura quanto de mais precioso prezavam em vida, deitando-lhes man timentos para a longinqua viagem, voltando a deitar-lhes ainda mais, receioso de que a primeira offerenda ou provisão lhes não bastasse.

O respeito e culto aos mortos eram para o gentio brasileiro cousa de summa importancia.

O terror que lhe inspiravam os cemitérios ou taperas, dando o costume que tinha de fazer enterramentos dentro das próprias cabanas, é geralmente testemunhado por chronistas e viajantes.

O índio, por via de regra, evita approximar-se das tapê-ras; foge das lapas ou grutas onde depositam as suas igaçabas ou uruas. Com isso elle exprime, a um tempo, terror e respeito.

Não era comum aos Brasis o uso de imagens ou ídolos. De algumas tribus temos notícia de que os seus pagês ou feiticheiros faziam pequenos ídolos de cêra, do tamanho de pollegada os mais altos e os depositavam em cabanas, adrede construidas no recesso das maltas, aonde esses pagês iam às occultas levar as suas oferendas. Disso nos dá notícias o padre Ives d'Evreux, que esteve no Maranhão dous anos (1613-1614) entre os Tupinambás.

Entre algumas tribus do valle do Amazonas, mais próxima dos povos audinos, ou entre outras da Guyana, mais chegadas à América Central, o appareciam idolos de pedra e argilla, de várias formas no geral pequenos, representando animais simbólicos, e mais raramente a figura humana. Verdadeiros idolos, porem, como os do México, a que se sacrificavam Vítimas humanas, não os havia entre os brasis.

O culto religioso, feito em commum, não existia. O pagê, tambem chamado pagy, pay ou mayr, era solitário, que de sua vida apartada e misteriosa tirava grande partido no ânimo da sua grei. Não era, porem, um celibatário. Alguns havia que até trinta mulheres tinha por concunbinas e escravas. Fazia elle acreditar ao seu povo que se comunicava com Jurupari e com outros maus espíritos e que estes lhe davam como advinham o futuro, vencer na guerra, dando aos da sua tribu a Victória contra os seus inimigos.

Refere o padre Ives que um feiticeiro (pagê) de Tatuapera, no Maranhão, tinha na sua cabana um grande morcêgo (audirá) com quem conversava habitualmente, como se fôra um emissário de Jurupari e que alguém dos francezes, estando nessa aldeia, chegara a surprehender um desses colôquios do velho pagê com o immundo ' animal, cuja voz semelham ã de uma criança, voz clara e infantil.

Hans Staden refere ter assistido a uma cerimonia do culto gentílico n'umma aldêa dos Tamoyos, onde estivera prisioneiro. O pagê, uma vez recebido com as demonstrações de respeito, que se costumam entre elles, encerrou-se sô n'uma cabana no centro da praça da aldêa, e de modo a não ser observado, praticando ali os seus mistérios entre maracãs e baforadas de fumo de Tabaco (petum). Os maracãs eram uns cabaços do Tamanho da cabeça humana com uns furos a fingirem olhos e bôca, espetados na ponta de estacas ã certa altura do chão. Pelos furos dessas cabeças fingidas, isto é, pelos olhos e bôca saia o fumo que o pagê ahi introduzia por meio de abundantes baforadas. Tudo isso, porem, se praticava em segredo. Não sendo permitido a imagem assistir ã essa pratica misteriosa. Ao imprudente que o tentasse desvendar, Jurupari tocer-lhe-ia o pescôço.

Como, para o indio, as molestias nada mais eram do que obra dos maus espíritos, aos pagês cabia a função de cura-las. ' Eram-lhes os médicos da tribu e para isso conheciam o segredo ' das plantas medicinais. Usavam de ordinário, no tratamento dos enfermos, da força de sugestão; empregavam a massagem para as partes doentes, a sucção forte para extrahir o mal, as baforadas abundantes do petun, uma infinidade de manhosos artificios e de escamotações, visando impressionar o doente e os circustantes.

Havia também pagês do sexo feminino. Cunhã-pagê, verdadeiras curandeiras, experientes e desfructando entre elles de um grande prestígio.

Os curativos faziam-se ã vista de todos, não assim as práticas religiosas, como vimos. Refere o padre Ives ter conhecido uma feiticeira da aldeia de Usaap que, antes de proceder a cura

do doente, invocava a Jurupari em secreto, e que sendo espreitada pelos francezes, estes a viram, n'um meio densamente enfumado, cercada de qualquer cousa monstruosa, cujas formas não souberam distinguir.

Usavam ainda os pagês de certa água lustral, que empregavam n'uma época do anno para as suas purificações supersticiosas por meio de aspersão, preparando-se essa agua em grandes potes, soprando-se-lhe sobre o fumo do petun, misturando-se-lhe um pouco de pó do chão da cabana, dansando-se em torno e pronunciando-se certas palavras que mal se entendiam. Feito isso, aspersiam elles os circunstantes com essa agua santa por meio de folhas de palmeiras que nella mergulhavam.

Pacamon, feiticeiro de Cumã, por artifícios que aprendeu dos francezes, conseguiu fazer surgir essa agua santa no centro da sua cabana, com grande admiração do seu povo e augmento do seu prestigio pessoal.

O tabaco (petum) ou herva santa servia para comunicar o espirito por meio de baforadas sobre os assistentes.

Não havia, porem, nenhum culto público, nem preces publicas. Os sacrificios ou práticas religiosas eram actos privados, individuais, como ainda hoje se costumam com os advinhos e cartomantes nas cidades da maior civilização.

Todo o culto visava obter que Jurupari não fizesse o mal ou que retirasse do paciente.

Tinham em veneração certos animais, porque os considerava protectores. O acanã, por exemplo, porque comia as cobras, era respeitada, como os europeus respeitam ainda hoje a cegonha. Gosava o gavião do mesmo respeito. O Tamanduã, por devorar as formigas daninhas às roças era estimado e a elle se comparava o, 'Noé dos indios - Tamandaré. O Jabuty Tardo e cauteloso, nunca daninho, era apreciado como symbolisando a esperteza, a sabedoria velhaca.

Os outros animais, além da cobra, do jacaré e da onça de que falamos, como auxiliares de Jurupari, havia nas maltas; os quais inspiravam terror e, para os índios, prenunciavam desgraças e malefícios. As corujas grandes, verdadeiras harpias, (*jacurutus* e *noitibôs*), cujo grito noturno nas maltas ou, à noite, na vizinhança das aldeias, Tanto impressionava o gentio, eram para este, muita vez, disfarces do próprio Jurupari. O lagarto grande (*Tynassû*) era o Terror das mulheres índias, porque estas acreditavam que esse animal tinha o poder de as adormecer na fonte, após o banho, copulando com ellas, de que pariam lagartos em vez de meninos. Por essa razão não frequentavam as fontes onde fora avistado algum desses animais.

Jurupari andava no corpo de animais monstruosos, cujos roncos formidáveis se ouviam ao longe nas maltas. Os índios mais antigos descreviam aos europeus esses animais, como se existissem realmente, perto aliás de sua imaginação, como o eram os centauros, minotauros, *salyros*, dragões, *brasilicos*, *cerates* ou serpentes chifrudas dos antigos gregos.

Antonio Knivet, marinheiro inglês da armada de Cavendish, aqui prisioneiro muitos anos, no último quartel do século XVI, ouviu aos petinguaras do Rio Grande do Norte e nos transmitiu a descrição de um desses monstros a que chamavam Iebya, um saurio grosso como um Tronco de árvore das maiores, armado de dous fortes braços com que matava quanto animal lhe chegava ao alcance, Tendo quatro patas como o jacaré e uma grande cauda occulta, de ordinário, sob o corpo, para que o não reconhecesse a prosa e se espantasse. Simulava um tronco de árvore deitado no meio da folhagem.

O mihocão (aboyussû) dos grandes rios do sertão tinha o poder de desmoronar extensão enorme de barrancos sobre as águas de uma só vez.

A gibóia de cinquenta e sessenta palmos, como nol-a descreve o autor do "Roteiro do Brasil de 1587", engolia um homem, após quebrar-lhe os ossos entre os queixos, e, uma vez empautur-

rada com a preza que lhe apodrecia no ventre, perdia todas as carnes devoradas pelas aves, não lhe restando mais que a espinha dorsal, cabeça e a ponta da cauda. Mas depois disso, cresciam-lhe de novo as suas carnes até ficar cobra em sua perfeição.

A sucuriuba, maior do que a giboia, colhia um touro e o arrastava para dentro d'agua, onde vivia. Se colhia um homem, cingia-se a elle tão estreitamente que o moia, matando-o primeiro com introduzir-lhe no sêssô a ponta da cauda, armada de uma forte unha. O autor do citado roteiro descreve-nos ainda a boy-na, enorme serpente de escamas negras, que engolia um homem, mas de que este, engolido, se podia livrar, cortando por dentro o ventre do monstro.

A arayboia (ara-ahy-boya), nome cujo significado é cobra do mau tempo - ou cobra das tempestades, era um monstro aquático de corpo esverdeado e cabeça negra, que jamais sahia em secco e que com silvos e rancos respondia ao estrondo dos Trovões.

O Ypupiara era um homem marinho, que de súbito surgia no meio das aguas, assombrando a pescadores e marinheiros. Aparecia tambem nas fontes e rios d'agua doce no verão e aos indivíduos a que esse monstro accommettia, se escapavam do assalto, ficavam por muitos dias assombrados e tolhidos. (Roteiro.cap.CXXVII).

Não é para estranhar que Tão grande Terra como é este Brasil, com Tão vastas e espessissimas maltas, quais a que havia naqueles primeiros tempos, dêsse pasto à imaginação do gentio, ' que a povoava de Tantos e horrendos monstros e de genios maléficos. Os gregos primitivos, ambito muito menor, não foram por certo, nessa criação de phantasia, menos imaginosos. Esse tributo ao phantástico e ao temeroso todos os povos do mundo o pagaram. O genio do mal é polymorpho no actuar sobre o espírito humano.

Agora, em resumo, posso responder aos quatro primeiros ' quesitos formulados pelo meu eminente amigo:

Ao 1º, de referencia ao Tupã, digo que o Trovão não era para o indio brasileiro um ser animado a quem se precisasse propiciar por meios de sacrificios, como os romanos faziam com o oceano ou mar (phase feitichista). Para elle era simplesmente ' um phenomeno extraordinário e Temeroso sobre cuja natureza e causa elle ainda não tinha pensado. Verifica-se isso da propria composição e significado do vocabulo tupí que desigua esse phenomeno. Tupã (tu-pã) exprime o golpe resonante, pancada estrondosa.

Ao 2º digo que foram os missionários cathólicos que associaram a idéa da divindade ou de um espirito superior e distincto à palavra Tupã. Ao 3º digo que os indios brasileiros, não ' considerando O Trovão um fetiche, ou manifestação de uma divindade ou espirito não se sabe bem dizer se o tinham por bem e benefício ou malefício e perverso.

Ao 4º digo que ao trovão não tributavam os tupis culto algum.

De referênciã à matéria dos tres últimos quesitos, affectando à nacionalidade ou raça de certas tribus idolatras do valle do Amazonas e do Alto-Paraguassú, o que se pode dizer é que reina ainda muita obscuridade nesse ramo de estudos americanos.

O povo que fabricou a louça dos aterros sepulchrais do lago Arary, na ilha de Marajó, é possível que fosse idólatra, To mando-se como ídolos as figuras de barro de forma humana, figuras oucas representando gente assentada em bancos, com as mãos apoiadas na cintura ou sobre os joelhos. Se, como parece, esses alterros sepulchrais ou mounds são obra de um povo contemporâneo do descobrimento do novo continente, aos Areãs, habitantes da ilha, cougouminados, com outras tribos vizinhas, Nheengaibas pelos tupis que lhes não entendiam a linguagem, podem ser attribuidos. Os Ariãs talvez se filiem ao grupo Aruã ou Aruak, da Guyana, cuja procedencia aliás nem bem se sabe, mas que, imigrado ' das regiões septentrionais, tenha entrado em contacto com os povos mais adiantados da América Central ou do Jucatan.

Os índios do Alto-Paraguay, como os Cacociês, Chanês e Xaquesês, não eram Tupis e se tinham ídolos de madeira, possível é que, chegados como estavam ao Marmoré, que verte do planalto ' andino habitado por povo idolatra, Tenham recebido dali a noção religiosa, fundada no culto das imagens.

Ficam assim respondidos os tres últimos quesitos.

Terminando sou, meu eminente amigo, seu muito sincero admirador e criado e amigo.

Theodoro Sampaio

9.9 CARTAS DE THEODORO SAMPAIO A MAX FLEIUSS

I

Bahia, 11 de Abril de 1919

Meu caro Max,

Saudações m.^{to} affectuosas

Respondo a sua carta de 20 de Fevereiro sobre a cadeira de "Litteratura e Linguas Americanas" na nova Faculdade de Philosophia e Lettras, succedanea da Academia de Altos Estudos.

Não me sinto com forças para o desempenho das cadeira que me foi distribuida. Não me sobra tempo mesmo para me preparar ' condignamente. Si já estivesse desembaraçado dos negócios que cá me prendem, outro seria o caso. Estaria eu ahi, junto de V a auxiliá-lo no que pudesse e até a desempenhar a missão de lente daquella cadeira. Mas que fazer agora? Não tenho como me desvencilhar das malhas da administração bahiana, a mais desgraçada que se pode imaginar; excede a tudo quanto se pode imaginar de ruim.

O governo bahiano é um algoz do povo. A desordem administrativa se não a acudirem em tempo, culminará n'um desastre innuminavel. A pressão não tardará, pois que a Bahia é a pedra de escandalo nas praças europeas.

O governo, incapaz, queda-se inactivo, mas de uma inactividade cynica diante dos demandos de toda a ordem.

A queixa que V me faz da falta de administração no Brasil, cumina diante da administração bahiana. Hoje, perante esta, ninguém tem mais direito algum. De maravilha, o governo faz favor pagando, ou entregando juro de apolices, dinheiro de orphaos, ' depositos da Caixa Economica Estadual, ordenados de professor magistrados. As vendas crescem de mes em mes. O superavit é

até consideravel, mas não o applica o governo nos melhoramentos mais necessarios e que dizem direct^{te} com o bem estar publico. Dahi as queixas diárias; dahi o divorcio de opinião em relação ao governo.

O governo dos Democratas (a gente do Seabra) está julgado e condemnado pelo povo desde a chacina de 25 de Março. Um crime impune, porque foi crime dos governantes.

Adeus, meu velho amigo. Disponha do seu

T.Sampaio

II

Bahia, 17 de Julho de 1919

Meu caro Max.

Tenho presente a sua carta de parabens de 29 proximo passado a que ora respondo agradecendo.

Para quem, como eu, victima das malquerenças da política dominante neste Estado, é sempre inestimavel favor o que me acaba de fazer o Gomes Pereira, a quem sou muito grato, que me vem como um amigo em hora difficil.

Como sabe V, o seabrismo, contra toda a minha expectativa, nada tem feito a meu favor. As suas innumeras promessas jamais se cumpriram. Apanhei-o, por fim, em duplicidade quanto a mim e os meus negócios. Desenganei-me e tive que tomar outro rumo. Se te para oito longos annos aguardei confiante a solução que se me promettera e tudo deu em amarga desillusão. Foi isso, poucos dias antes de se annunciar a vinda do Ruy a esta tua terra natal. O Seabra, que me promettera solução aos meus negócios do saneamento, acconselhara-me a que preparasse os meus papeis e contas que elle não tardaria a vir para tudo decidir. Deu-se isso em Janeiro, quando ahi passei de volta de S.Paulo e o Rodrigues Alves ainda não agonizava.

Parti na frente, a esperar o Snr. Seabra e preparar os meus papeis. Chegou, por fim, o homem, e escusado é dizer, que o não deixei de procurar muitas vezes pela promettida solução. Passaram-se dias, mez... e nada de solução, não obstante a promessa de que naquelles dias eu seria chamado pelo governador pa-

ra uma conferência e accordo. Como, porem, os dias se passaram e o Snr. Seabra ja se dispunha a regressar ao Rio, para os conchavos da successão presidencial, morto já o Rodrigues Alves, procurei esclarecer-me por outra via e procurei informar-me do que havia deliberado o governo de accordo com a promessa de Seabra. Qual, porém, não foi a minha desillusão, quando, ouvindo ao Gonçalo Moniz, cunhado e Secretario do governador, soube por elle que de nada se cogitava a proposito dos serviços d'agua e esgotos da cidade e que esses serviços continuariam assim... até ver?!... A promessa era portanto falaz e cruel, e isso, meu amigo, depois de quasi oito annos de espera paciente e resignada. Tratado por essa gente como amigo, era tudo, pura apparencia, era tudo engano. Como V vê custei a desilludir-me. Foi neste estado de espirito que se annunciou a proxima vinda do Ruy, e foi nessa occasião que uma comissão de que fariam parte o Calmon e o Lago que me veio convidar para ser o orador por parte do povo para saudar a Ruy. Aceitei. Inde ira! Estava achado o pretexto para o situacionismo de vingar e justificar causas passadas e futuras.

Basta de queixas, meu amigo. Abrace ao seu am^o velho. Recomende-me à Ex.^{ma} Senhora.

T.Sampaio

III

Bahia, 3 de Março de 1920

Meu caro Max Fleiuss

Saudações muito affectuosas do seu am.^o velho.

Dou-lhe noticias minhas uma vez que pessoal^{te} não lh'as fui levar como era do meu intento, pois essa minha partida daqui, já tantas vezes anunciada quantas differida, torna os amigos descrentes das minhas promessas.

Mas a verdade é que estive de malas promptas e fui força, do a desistir de embarcar à última hora. Os negocios prendem-me de mais, quero dizer os negocios publicos, aquelles pelos quaes o meu escrupulo me prende. Como sabe V estou dirigindo aqui uns trabalhos nos terrenos do extincto arsenal de marinha de que me encarregou o nosso amº Gomes Pereira, e eu esforço-me por corresponder-lhe a confiança com que me distinguiu. Os trabalhos vão bem e já mostram bom aspecto, mas os recursos pecuinários andam escassos agora, e eu já estou, por esse motivo em atraso de dous meses com os fornecedores e com o pessoal, o que me cria uma situação nada agradável. Quando ainda no ministério o nosso amº Gomes Pereira as cousas marcharam bem, com a precisa regularidade. Agora, porem cortaram-nos os recursos e... estamos in al
bis.

Espero que essa nuvem passe, para então me mover.

De outro lado, estamos em perspectiva de guerra civil. Os animos apprehensivos e inquietos dos bahianos, abalados pela injustiça e pelas iniquidades da politica geral, como agora feita, a todos affectam. Não ha tranquillidade possivel. Estamos vendo chegar do Norte e do Sul batalhões que se destinam a combater os nossos sertanejos sublevados. É um enorme erro que assim se commette. Os sertanejos estão com a razão. O que está causando 'espanto é que elles tenham despertado tão tarde. O sertão em dous terços está conflagrado; levantou-se em armas, depoz as autoridades estaduais proclamou a revolução dando, porém, garantias de pessoa e bens aos proprios adversários. Até agora não praticaram desatinos, não mataram, não depredaram, não incendiaram. Ergueram a bandeira da libertação e luctam por esse ideal. Querem a liberdade ou o direito de escolher seus representantes; 'não consentem mais a fraudeção escandalosa do voto popular. Eis o seu crime. Victoriosos pelas armas, pois as forças do governo

derrotadas não mais os enfrentavam, é com escandalosa parcialidade e injustiça que o governo federal intervem para dar ganho de causa aos fraudadores, aos repudiados pela opinião publica. O Snr. Seabra não foi eleito na ultima eleição do governador. A victoria desta vez coube ao Snr. Dr. Paulo Fontes, na Capital como no interior. Mas o Snr. Seabra é que é reconhecido eleito, porque dispõe das camaras unanimes e de todo o aparelho eleitoral. Um escandalo. Mas republica na America do Sul é isso mesmo. Passemos adiante.

Vou remetter-lhe mais alguns charutos. A imagem de S. Sebastião de que me falou a sua Senhora ja a obtive, obra perfeita como a dos antigos e bons esculptores de outrora. Levala-ei quando for, que espero será breve.

Adeus; um apertado abraço do seu amº velho.

Th.Sampaio

IV

Bahia, 5 de Julho de 1922

Meu caro Max

Saudações m.^{to} affectuosas, e meus respeitosos cymprimen-
tos à Ex.^{ma} Senhora.

Tenho em meu poder os originaes do trabalho sobre a lingua indigena que V me remetteu para ver. Ainda não pude estudalos com o cuidado que o assumpto requer, por falta absoluta de tempo; mas falo-ei breve, logo que termine trabalho que tenho em mão que devo dar em prazo certo.

Peço-lhe de me recommendar ao Gomes Pereira, a que eu tanto prêso. Elle pode ajudar-me a sair da Bahia e a fixar-me no Rio, si, na Commissão das obras do da Ribeira (posto militar), quando da construção, quiz auxiliar-me ou favorecer-me com uma fiscalização contractada, como ja uma vez lhe falei, a elle. Ha de haver muita obra, não propria^{te} militar ou naval, a qual ser empreitada por outrem, ficando-me della a fiscalização por contracto, à semelhança do que se tem feito ultimamente com as grandes obras do Nordeste e outros. Agora mesmo estou eu aqui a fiscalizar por contracto, mediante 7% do as obras dos novos hospitais da Faculdade de Medicina.

O nosso almirante é o chefe da Comissão que está presidindo aos estudos do posto militar alludido, si elle quizer lembrar-se de mim, quando for da construcção, era o meio que eu teria para me transferir, de vez, para o Rio, liquidando mais rapidamente, como espero, o negocio do saneamento da Bahia que aqui me retem, ha já tantos annos. Isto seguindo, estaria eu no Rio, a montar guarda tambem no Instituto Historico, ao lado do meu caro Max. Converse com o almirante a respeito, lembrando-lhe o meu pedido.

Espero que sua senhora já esteja de todo restabelecida e desfructando boa saúde. Abraços de seu am^o velho e sincero admirador.

Theodoro Sampaio

9.10 CARTA DE THEODORO SAMPAIO AO DR. JOSÉ PINHO

Bahia, 5 de Agosto de 1924

Meu caro Dr. José Pinho

Não sabe como senti não me ter encontrado consigo, quando foi da sua despedida em nossa casa, e quando do seu embarque a que, por moléstia não pude assistir.

Era meu desejo levar-lhe a bordo os meus votos de boa viagem e também lhe fazer um pedido que é o de se não esquecer do seu velho amigo e deste malfadado saneamento que aqui me retem inactivo e contrariado há mais de doze anos. Bem sei que o amigo sô indirectamente me poderá servir no que lhe peço, mas assim mesmo muito me há de valer uma lembrança sua junto do nosso amigo Dr. Miguel Calmon, attento, ao interesse que este tem pelo progresso da sua terra. Do governador do estado muito espero não menos do nosso Joaquim Pinho. Acredito, ao que me disseram, que farão o precioso por me attenderem. Conto mesmo com isso. Entretanto mal algum há que eu me chegue a quem, por amizade, me pode ajudar, como ao amigo cujos talentos lhe ~~abrirão~~ veredas múltiplas, conducente auxilio que ora lhe solicito.

Peço-lhe de não esquecer ao seu amigo velho.

Espero que tenha feito boa viagem em companhia da sua senhora e que a travessia marítima só lhe tenha trazido benefício.

Recomende-me ao Dr. Calmon a quem muito agradeço as palavras em extremo amáveis que me dirigiu a propósito do manifesto da Bahia, adherindo ao Governo do presidente Bernardes. Sempre seu admirador e amigo.

Theodoro Sampaio

9.11 CARTA DE THEODORO SAMPAIO AO DR. OCTÁVIO
MANGABEIRA

Bahia, 14 de Abril de 1928

Meu caro Dr. Octávio Mangabeira

Começo por apresentar-lhe as minhas felicitações pelo sucesso da actuação do Brasil em Havana e pela forma hábil da resposta dada ao convite da Liga das Nações para o Brasil voltar à Genebra. O nosso Washington e você estão dando a nossa política exterior um realce tão grande que faz lembrar os bons tempos do Gabinete de S. Christovão e do Itamaraty do Tio Branco. São Victórias sobre Victórias. Noto, entretanto, que você tem se alheiado de mais da política da nossa terra.

Sei bem e você mesmo me disse que era firme proposito seu não se envolver nas cousas da politica bahiana, deixar isso um tantp de lado, sem todavia mostrar-se indifferente a ellas. Alguns amigos já perceberam isso e não occultam o seu sentir a respeito, achando que esse alheimento é demasiado.

Agora desenha-se uma politica nova. Os incrédulos ou desenganados acham que tudo ficará no mesmo, que o Vital Soares 'timbrará em seguir a trilha que o Calmon lhe deixou, não se alterando uma vírgula do accordo ou convenio, tal como tem sido observado até hoje. Os mais ingenuos, e quero eu me incluir no número destes, pensam que o accordo, com a sanção do presidente da República, pode dar mais alguma cousa do que até aqui e que o momento actual offerece ensejo para isso. Todos temos sêde de harmonia e de concórdia, todos comprehendemos quanto isso seria de vantagem para a política da Bahia; Todos reconhecemos os talentos e qualidades, que exornam a pessoa do novo governador e este bem conhece qual o pensamento do presidente da República no que

diz respeito ao accordo politico que ele prestigiou no Intuito de pacificar a nossa Bahia.

A expectativa geral é, portanto, ao iniciar-se o novo governo da nossa terra, a da concordia, a de maior harmonia entre as parcialidades do situacionismo. Essa expectativa, porém, não está em correspondencia com os sucessos, como já agora se nos deparam.

O status quo ante prevalece, continua inalterado. Aberto o Congresso do Estado, nenhum ingresso às massas se deu aos nossos amigos n'uma e n'outra casa, mal se concedeu a cadeira de 3º Vice Presidente da Camara ao Eutychio. Para leader nenhum dos nossos foi escolhido, como não o foram para os lugares de Secretárias de Estado, com surpresa geral.

Como não tenho prevenções e nutro sempre as melhores esperanças de congraçamento entre as parcialidades em jogo, cheguei a pensar na escolha do João para leader da bancada no Congresso Federal. Ninguém com mais titulos do que elle para exercer esse cargo. João é, de fato, o leader da nossa bancada, como o é - a latere - o leader do próprio Congresso, na camara dos Deputados. Ninguém ignora isso. Entretanto, na reunião que se fez em palácio, a convite do governador, há dous dias, o leader por este apontado (simples sugestão não indicação e o Dr. Simões Filho. Não discuto aqui valores, mas a escolha do João, alem do mais tinha uma alta significação pelo que diz respeito à harmonia e concordia que são da aspiração de todos. Por esse caminho essa concordia e harmonia nunca serão uma realidade.

Lance o amº as suas vistas para essas cousas, e veja que em mim não fala a paixão, mas a verdade animada por um sentimento de justiça.

Adeus, mande as suas ordens ao seu amigo velho.

Theodoro Sampaio

do João da Costa Pinto Vitória, alto funcionário da Secretaria da Agricultura. Você poderá entrar em contacto com ele na rua Senador Costa Pinto, 802 ap. 101, tel. 245.1588. Conheço muito pouca documentação, aqui no Rio, sobre seu biografado, mas convêm vir até cá pesquisar, especialmente no Instituto Histórico, de onde ele foi membro. Em São Paulo talvez haja melhor possibilidade, já que ele teve ali durante algum tempo atuação destacada quer como engenheiro e técnico quer como homem de letras e estudos, membro proeminente do Instituto Histórico local, em cuja revista colaborou ali, além do I.H.G.S.P. você poderá pesquisar na Biblioteca Municipal (há uma seção de manuscritos), no Museu Paulista e no Arquivo do Estado encontrará com a boa vontade e assistência do prof. Pedro Brasil Bandechi do departamento de História do U.S.P. e vice-Presidente do Instituto Histórico, muito meu amigo. O arquivo histórico do Itamarati, aqui no Rio (av. Marechal Floriano, 196. C.E.P. 20080), possui um manuscrito de Teodoro (creio que menos de 50p. de texto) sobre assunto científico alguma comissão em São Paulo na década de 1880.. Você poderia escrever a chefe do AHI, prof^a Marta Maria Gonçalves solicitando xerox desse trabalho. Da minha parte tentarei ajudá-lo a encontrar esse escrito, porque lembro-me bem dele, mas não me recordo exatamente onde está classificado. V. poderia também escrever em separado à prof^a Nadir Duarte Ferreira (mesmo endereço) competente e dedicado funcionária daquela repartição e mais atenta à solução de pedidos analogos. Espera-se por vir ao Rio e a São Paulo, tudo indica que compensará, mesmo porque uma pesquisa dessa só realizada pessoalmente. Sei que todas as nossas repartições não têm um mínimo de condições de atender pedidos desse tipo por correspondência, pela conhecida escassez de pessoal terei todo o prazer em ajuda-lo, acompanhando-o às diversas repartições e fazendo as convenientes apresentações tanto aqui como em São Paulo. Quanto à Paternidade de Teodoro a minha saudosa tia-paterna Anita da C.P. Marback (mãe do primo Heitor com quem você esteve) lembrava-se, desde criança (ela nasceu em 1882 e faleceu aos 87 anos em 1969), daquela tradição familiar que sempre apontou o Major Francisco Antonio como o pai. Ela ainda

9.12 CARTA DE JOSÉ GABRIEL DA COSTA PINTO
PARA ARNALDO DO ROSÁRIO LIMA

Rio, 6 de maio de 1980

Prezado Arnaldo Lima

Sua carta de 29 aqui chegou no dia seguinte, quando eu me encontrava em São Paulo, de onde regressei ontem. Apreciei saber que você escolheu como tema de dissertação do mestrado a vida e obra do ilustre baiano Teodoro Sampaio. Infelizmente pouco poderei adiantar às informações dos bons amigos e mestres Luis Henrique e Cid Teixeira, especialmente este último, a quem considero expert em Teodoro Sampaio. Não acredito que se consiga encontrar documento a respeito da paternidade de Teodoro Sampaio. Sempre constou na família Costa Pinto ser ele filho do major Francisco Antonio, tradição esta contemporânea do nascimento e transmitida através das gerações posteriores. Nunca tive conhecimento, entretanto de qualquer documento escrito que a tal fato aludisse. Ele manteve a mais absoluta discrição sobre esse assunto, talvez ressentido de não ser reconhecido pelo suposto pai que, aliás, faleceu solteiro. Não obstante, Teodoro sempre procurou os Costa Pinto e foi particularmente ligado ao Visconde de Aramarê, de quem era escrava a sua mãe. Aramarê faleceu sem testamento, ao contrário do major Francisco que por sinal naquele instrumento público, afirma não ter filhos, Fez ele vários legados, sendo meu avô-paterno João Francisco da Costa Pinto (Seu sobrinho Neto) o principal herdeiro, então com 4 anos de idade. Não me recordo onde foi registrado o testamento de Francisco Antonio, mas não é muito anterior à sua morte, ocorrida aí em Salvador a 22-12-1863. Talvez o Arquivo do Estado possua o código de registro. Minha mãe tem certidão (até em 2 vias diferentes) de cartório (da época), mas está em mãos do meu primo, o advoga-

conheceu vários parentes contemporâneos da infância de Teodoro e, segundo ela, descendentes dele Teodoro sabiam disso. Lamento ' não dispor de condições de ajudá-lo como desejaria, mas conte ' mesmo assim, com esses poucos préstimos e com a antecipada simpatia de

José Gabriel da Costa Pinto